



L4  
21  
15



# SANTO ANTONIO DE LISBOA,

PRIMEIRA E SEGUNDA PARTE,  
De seu nascimento, criação, vida, morte,  
& milagres.

*Conforme as Chronicas da sagrada religião da ordem  
dos Menores: dedicado ao mesmo Santo.*



16

10

Composto em verso por Francisco Lopes liureiro, natural da mesma cidade, & impresso a sua custa, & vendese em sua casa.

*Em Lisboa cõ licença, & Preuilegio por dez annos, Por Pedro Crasbeeck.  
Está este liuro taixado a oito vintês em papel.*



SANTO ANTONIO  
DE LISBOA

PRIMEIRA E SEGUNDA PARTE

De humilhação, castigo, vida, morte,  
e, & milagres.

Conforme as Chronicas da Igreja Religiosa de Portugal  
e dos seus santos e virtuosos.



10

Composto em verso por Fructuoso Lopes Luctio, na  
tural da mesma cidade, & impresso a sua custa,  
& vendete em sua casa.

Em Lisboa, na Officina da Typographia Nacional, por ordem do  
Excmo. Sr. Ministro da Real Academia de Sciças, em 1841.



## L I C E N C I A S.

**V**esta primeira, & segunda parte da vida, & milagres de sancto Antonio, compostas em Verso, por Francisco Lopes liureiro morador na cidade de Lisboa, & não achei nellas cousa contra nossa sancta fé, & bõs costumes. Mas antes parece que pode ser de muyto proueito a gente pia, & que se paga mais de verdades, escritas com singeleza natural, que illustradas com figuras, & termos de arte: Em Lisboa a 29. De Abril de 1610.

*Frey Antonio de Saldanha.*

**V**ista a informação, podesse imprimir este Liuro, & depois de impresso torne a este conselho pera se conferir, & dar licença pera correr, & sem ella não correrá. Em Lisboa a 30. De Abril de 1610.

*Bercolameu da Fonseca.*

*Ruy pires da Veyga.*

**M**ostre o supricante, como estão approuados na forma do santo Concilio Tridentino os milagres, que escreue, & nomea por esses, neste liuro, & com isso se deferirá. Ao primeiro de Mayo de 1610.

*Sarayna.*

*Sa-*



LICENÇA

Satisfez: e visto isto, & a licença acima do santo  
Officio, pòdesse imprimir, a 4. de Mayo  
De 1610.

*Sarayua.*

Podesse imprimir este liuro vistas as licenças  
que offerece do santo officio, & do ordinario,  
& a ser visto na mesa, & antes de correr tornará à  
mesa, pera nella ser taxado. Em Lisboa a 4. De  
Mayode 1610.

*Bragança.*

*Machado.*

Tayxasse este liuro em oyto vinteis em papel.  
Em Lisboa a 13. de Julho de 1610.

*Magalhais.*

*Machado.*





ALVARA DE SVA MAGESTADE.



V el Rey faço saber aos que este Aluará virem, que Francisco Lopes Liureiro me enuiou dizer por sua petição, que ellecõpufera o liuro da vida, & milagres de santo Antonio, & porque tinha licença do santo officio, & minha pera o poder imprimir, & gastara nelle muyto tempo, & parte de sua fazenda: me pedia lhe fizesse merce de preuilegio, pera por tempo de dez annos, nenhũa pessoa o poder imprimir, nem vender o dito Liuro: & visto seu requerimento, ey por bem, & me praz, por fazer merce ao dito Francisco Lopes, que por tempo de dez annos, Imprenffor, nem liureiro, nem outra algua pessoa de qualquer calidade que seja, não possa imprimir, nem vender nestes Reynos, & senhorios de Portugal, nem trazer defora delles o dito liuro, da vida, & milagres de santo Antonio, saluo aquellas pessoas, que pera isso tiuerem seu poder, & licença, & qualquer Imprenffor, liureiro, ou outra pessoa, q̄ imprimir, ou vender os ditos liuros, ou trouxer defora impressos, sem licença do dito Francisco Lopes, perderá pera elle todos os volumes que lhe forem achados, & encorrerá mais em pena de cincoenta cruzados, ametade pera minha camara, & outra ametade pera quem o accusar. E mando às  
justiças



justiças, & officiaes, & pessoas, que o conheci-  
mento deste pertencer, que o cumprão, & guardem  
como nelle se contem. Oqual se trasladará no  
principio de cada hum liuro, pera se saber como  
alsio ouue por bem. E valerá como carta, posto  
que o effeito delle aja de durar mais de hum anno,  
sem embargo da ordenação, do liuro segundo  
titulo quarenta, que o contrario dispoem. Ioão  
Francisco o fez em Lisboa a quatorze de Mayo  
de 1610. Duarte Correa o fez escrever.

REY.

Dom Gilianes.





## A O LEITOR DISCRETO.

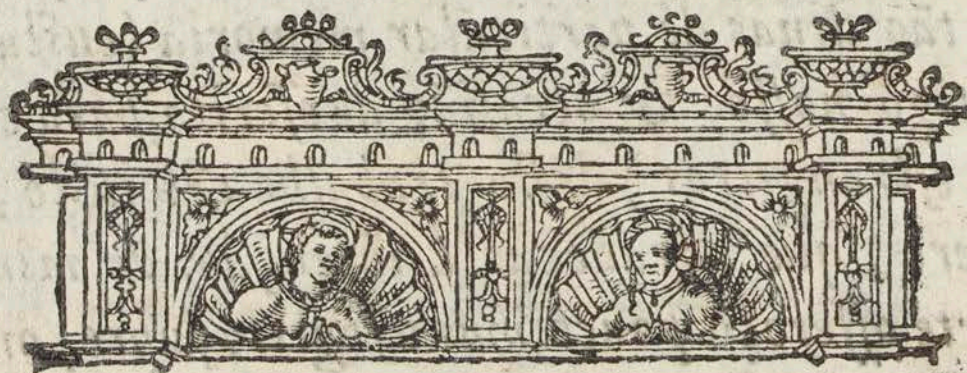


Nimo agradecido, antiga deuação,  
& amor da patria, me derão atreui-  
mento (curioso Leitor, para a pre-  
sente empresa: animo agradecido,  
porque tendo por ingratitude, não dar ao Ceo o  
natural que elle me deu, sentime obrigado, a  
empregallo em cousas suas, antiga deuação,  
porque auendo de escolher sogeyto diuino, a  
vida, & obras admirauéis deste glorioso santo,  
me tinbão tão afeiçoado, que de continuo me  
chamauão a seus louuores, amor da patria, por  
que tiue por affronta sua não auer entre os  
grandes engenos deste Reyno, hum que tomasse  
á sua conta, celebrar grandezas tão proprias,  
& tão dinas de particular memoria (custume  
antigo nosso, & occasião de descredito com  
os estrangeiros) deste trabalho tão justo, só  
quero, que agradeças a intenção: de minha  
parte offereço pouco, mas o sogeyto supre, onde  
eu falto, & nem elle podia acrescentarse com  
as inuencões da arte, nem mais se pòde esperar



de hum natural desamparado della, doute o que  
sò tenbo de meu, como, benigno o recebe, &  
desculpao como sabio, se te parece demasiada  
ousadia, fiar da simples natureza carga tão  
digna de mayores honbros: lembrete, que este  
pode ser o motiuo, que incite às Aguias do  
nosso tempo, a seguir com mais espanto seme-  
lhante empresa, & que eu sò tento os ares, por  
onde ellas mais liuremente pòdem voar, quan-  
do isto assi succeda entendercy, que me deues  
algũa cousa, & quando não colha mais fruyto  
que mouerte, ou acrescentarte a deuacão, eu me  
dou por satisfeyto, & tu deues darte por obri-  
gado. vale.

Francisco Lopes.







DE VN AMIGO SV-  
YO AL AVTOR, Y DE LA  
Corte de Madrid.

S O N E T O.




*Anta Francisco a Antonio sacrosanto:  
(ô feliz pluma en tan supremo buelo)  
Como el vno milagros en el suelo,  
Haze el otro milagros en su canto.  
Canta Francisco, al qu'es del mundo espanto,  
Honor de su nacion, gloria del cielo:  
Diuino fue el pinzel, diuino el zelo,  
Que en espacio tan breue cifro tanto.  
No pudo más hazer naturaleza,  
Este, que le honre, estotro, que le cante,  
Y al fin juntó a los dos, como maestra.  
Pues fuera cada qual, sin tal grandeza,  
Como antes de labrado es el diamante,  
Que tiene gran valor, mas no lo muestra.*

+

DO






DOLECENÇA  
DO MIGUEL DASILVEI-  
RA ASSISTENTE NA COR-  
TE, AO AVTOR.

SONETO.

Sobe teu pensamento onde não chega,  
A luz do sol por mais que os Orbes passa,  
Que outra diuina luz, q̃ os ceos traspassa,  
C' o grande resplendor seu preço nega.  
Toma o valor do objecto, onde se emprega,  
Posto que fica curta a vista escafa,  
Porque o lume immortal, q̃ o peito abrafa,  
A mente aclara, quando os olhos cega.  
A Antonio contemplaſte, a quem se inclina,  
O Serafico coro, & conheceſte,  
Que seu canto immortal lhe tem respeito.  
Pois que muyto que tenhas voz diuina,  
Se em virtude damente ver pudeſte,  
De Anjos o plectro, & a graça do fogueiro.





DE DON GABRIEL  
VGVARTE, Y AYALA DESDE  
la Corte al Autor.

SONETO.

**C**Antas milagros de la santa vida,  
Escrita en el celeste firmamento,  
Con cuyos eccos, y diuino accento,  
Oy quede nuestra edad enrequicida.  
Si el merito de Antonio te combida,  
A leuantar tan alto el pensamiento,  
Dichoso tu, por su merecimiento,  
Dichoso Antonio, por tu voz subida.  
Los dōs hazeys miligres juntamente,  
Antonio sancto por su ser diuino,  
Tu, por el canto con que le celebras.  
Que soltando la voz tan dulcemente,  
Con el son del accento peregrino,  
Los ayres rompes, y las nubes quiebras.

De






DE MANOEL PON-  
CE ASISTENTE EN LA  
CORTE AL AVTOR.

SONETO.

Si el que fama immortal ha merecido,  
Puso a la muerte con su vida espanto,  
Y en la immortalidad viue otro tanto,  
Quien reserua sus meritos de oluido:  
Bien de que vos aueys su fama sido,  
Se arguye la virtud de Antonio santo,  
Y la grandiosidad de vuestro canto,  
De que para cantarla fue eligido.  
A la parte con Dios aueys entrado,  
En la gloria de honrar su santo zelo,  
A quien cielos, y tierra solennizan.  
Que si Dios en el cielo le ha premiado,  
Parte del premio days, pues en el suelo,  
Las vuestras, a sus obras eternizan.

DEL





**DEL ALFERES FRAN-**  
**CISCO DE SEGVRA CRIADO**  
de su Magestad, entretenido cerca del  
Virey de Portugal

**S O N E T O.**

**S**I celebra la edad passada tanto,  
Al que con dulce metrica armonia,  
Hizo tan nunca oyda melodia,  
Que ablandó el duro Reyno del spanto:  
A quien escriue de vn tan grande Santo,  
(Que escurecio su luz, la luz del dia)  
En nuestra edad bien darsele podia  
Corona de laurel, y de amaranto.  
Que el suaue son, y celestial sonido,  
Que canta solo la inmortal corona  
Del que fue en santidad vnico templo,  
A despecho del tiempo, y del oluido,  
Del sacrosancto Antonio nos pregona,  
Vn soberano, y nunca visto exemplo.

FRAN-



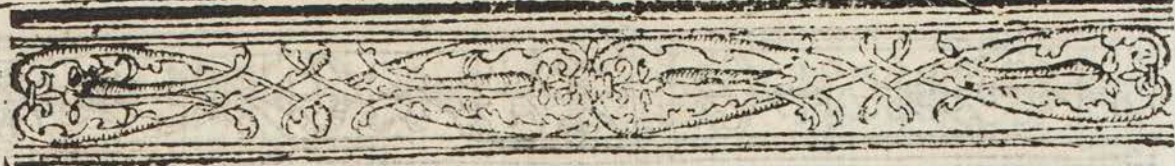


FRANCISCA D'A  
COLVNA RELIGIOSA PRO-  
FESSA NO MOSTEIRO DO ES-  
PRITO SANTO DE  
Torres Nouas.

SONETO.

Este, que con su canto no aprendido,  
Emmudece los Cysnes del Parnaso,  
Canta aquel sol, que nace en el Occaso,  
Y no lo hará en las aguas del oluido.  
Canta el Arbol, que siempre ha florecido,  
Como Cedro del Libano, que el passo,  
Por los ayres tendiò sin embaraço,  
De esmeraldas, y olor enrequicido.  
Antonio es este sol, y aquesta planta,  
Que alumbra el mundo, y frutifica al cielo,  
Dá luz a ciegos; y a cansados sombra.  
Aquel Francisco; q̄ aunque humilde canta,  
Con el sujeto ha leuantado el buelo,  
Táto, q̄ al múdo, y al mismo Apolo asõbra.





DE PERODIAS DE

PAYVA.

SONETO.

**C**laras agoas do Tejo celebradas,  
Merecedoras de immortais lououres,  
Porque regastes planta que deu flores,  
Ao jardim da gloria consagradas.  
As o'ras, & virtudes leuantadas,  
De Antonio, raro exemplo dos menores,  
Forão estas boninas cujas cores,  
São por diuina graça matizadas,  
Mas se dèstes sogeyto tão diuino,  
Agora tambem days á patria vffana,  
Hum nouo engenho desta empreza dino,  
Que Francisco na lira Lusitana  
Canta com doce estilo peregrino,  
Deste trofeo da Ordem Franciscana.

DE





DE HV M SEVA

MIGO AO AVTOR.

SONETO.

**A** Pparece no lucido Orizonte;  
E acaba o sol nos mares de Ethiopia,  
Criando neste curso em larga copia,  
Finas pedras no valle, ouro no monte,  
Da terra se leuanta, & poem defronte.  
Seguindo os mesmos passos a Elitropia,  
Ou ella da virtude a fonte propria,  
Ou desta seja o sol a propria fonte.  
Nace em Lisboa Antonio, em Padua morre,  
Milagre é vida, em morte ao mūdo espāto,  
Vos his as obras appontando atento.  
E como quando o sol enuolto corre,  
Aquella o vay mostrando, soys do santo,  
Demostrador em tanto esquecimento.



## CANTO I.

*Trata como santo Antonio naceo, & se baptizou na pia da Sé junto ás casas de seus pays, & sua criação até idade de quinze annos, & se meteo no mosteiro dos Conegos Regrantes junto a cidade de Lisboa.*

**N** Ascimento, & vida canto 1.  
 Daquelle patrão famoso,  
 Que a Portugal honrou tanto,  
 Tão santo, & tão milagroso,  
 Que foy milagre de espanto:  
 Quem por toda a redondeza 2.  
 Seu nome tanto estendeo,  
 Que em traje da mór pobreza  
 Soube conquistar o ceo,  
 Com humildade, & pureza.

A Este



SANTO ANTONIO.

3. Este, que com coração  
Limpó, amoroso, & suaue,  
Veio a tanta perfeição,  
Que o que no mundo não cabe  
Lhe coube na sua mão.
4. Hum Iosue, que mereceo  
Não que o sol se detiuesse,  
Como o outro, que venceo,  
Mas quem fez o sol viesse  
Tratar com elle do ceo.
5. Foy hum David, que alcançou,  
Que a diuina Magestade  
Mostrasse, que nelle achou  
Hum homem á sua vontade,  
Pois com elle conuersou:
6. E se meu humilde engenho  
Tomou tanto atreuimento,  
Deos de tudo o fundamento,  
Me dará o que eu não tenho,  
Por seguir tão justo intento.



7.  
 E vos Senhora de tudo  
 Quanto o ceo, & a terra abraça:  
 Vossa graça he meu escudo,  
 Emparay com a vossa graça  
 Meu estilo, baixo, & rudo:
8.  
 Porque seria sommar  
 As graças, que Deos vos deo,  
 Da terra as flores contar,  
 Contar estrellas do ceo,  
 Ou as areas do mar.
9.  
 Que dirá o homem, que erra  
 Se tudo o que o mundo encerra,  
 He pouco a vossos louvores,  
 Pouco as areias, & as flores,  
 Estrellas, ceo, mar, & terra:
10.  
 E por ser mar infinito,  
 E não poder dizer tanto  
 Hum tão limitado espirito;  
 Aceitay, o que está dito,  
 Por tornar ao nosso Santo:



SANTO ANTONIO.

11. Que bem sabeis vos, & elle,  
Que digo tudo o que posso,  
Mas não posso quanto ha nelle,  
Porem ha nelle o ser vosso,  
E vosso filho ser delle:

12. Vede que amor tão perfeito  
Nelle, & em Deos temos visto:  
Que por feitos que tem feito,  
Tem por habito de Christo,  
O mesmo Christo em seu peito.

13. Estas armas, que illustrarão  
Este illustre Capitão,  
Vencerão, mas não matarão:  
E às portas do coração  
Por memoria lhe ficarão.

14. Vos Cidade nobre, & bella,  
Tão nomeada no mundo,  
Por este, que naceo nella,  
A vontade em que me fundo  
Tomay de hum natural della.

Fauo-



Fauorecei atreuidos 15.

Quando a empreza he honrada:

Que ingenhos fauorecidos,

E a aruore cultiuada

Darão seus fruitos crescidos:

Confesso que he grande falta, 16.

Só natural sem estudo,

Para empreza que he tão alta,

Mas quem sem falta dá tudo,

Pode dar tudo o que falta:

Não vos dou mais que a vontade 17.

C'hum pouco de natural,

Natural desta cidade,

Que empreza, que tanto val,

Merece outra habilidade.

Que Vlyffes, s'edificou 8.

Vossos muros, torres, portas,

Em estado vos deixou,

Como pintor, que pintou

Painel com figuras mortas,

A 3

Mas



SANTO ANTONIO.

19. Mas depois vos illustrarão  
Vossos Christãos cidadões,  
Que de templos vos pintarão  
Tais, & com tais perfeições,  
Que princeza vos deixarão:
20. E porque sejais princeza  
No mundo sem semelhante,  
Quer Deos pera mais grandeza  
Tiuesteis este Diamante  
De celestial riqueza.
21. Foy pedra que tanto val,  
Que as almas alumiou,  
Pedra que a fê sustentou,  
E a Golias infernal,  
Como pedra derrubou.
22. Vedes aqui patria amada  
Lisboa illustre & famosa,  
Esta pedra tão preciosa,  
Que estaua em vos encerrada  
De Deos amada & mimosa.

Este



Este que venceo o demonio 23.

Em defaſio mil vezes,  
Italianos, & Franceſes,  
Bem conhecem que he Antonio,  
Honra & luz dos Portugueſes.

Tocaua a harpa o propheta, 24.

E o ſogro c'hum pensamento  
Infernal, que o inquieta,  
Ouuindo o doce instrumento  
Soſſega, amansa, & quieta.

Aſſi eſta harpa diuina 25.

Da diuina voz de Antonio,  
Tanto ſe apura, & affina,  
Que afugentaua o demonio  
Sua angelica doutrina.

E quando ſanto ſô fora 26.

Por trazer a Deos dos ceos,  
Niſto remata, & melhora,  
Como as graças da Senhora  
Se rematão em mãy de Deos.



SANTO ANTONIO.

27. E se as chagas temos visto,  
Que a Francisco deu Jesus,  
Antonio teue mais que isto,  
Pois com a sagrada cruz,  
Trouxe o mesmo Iesu Christo.
28. Se esta preeminencia passa  
A todas as mais que tem;  
Chamar Antonio conuem  
O santo, que a Deos abraça,  
Pois em seus braços Deos tem:
29. E se algũa parte ouuer  
Tão remota no vniuerso,  
Sem seus milagres saber;  
Permita elle, que meu verso  
Lá chegue a lhos fazer crer:
30. Não por ser alto & subido,  
Mas por ser a historia rara,  
A lea o mais escondido,  
E crea que nos ampara  
Este de Deos tão valido.

Corra



Corra o nosso Douro, & Tejo,  
 Cada hum em sua corrente,  
 Chegue às prayas que não vejo,  
 E digão de gente em gente,  
 Quem he, quem louuar desejo:  
 Cheguem ao Ganges, & o Indo,  
 Digão, que se onde correrem,  
 Seus milagres não foberem,  
 Que elles lhos vão descobrindo,  
 E o creão se o não crerem,

Soe por toda Ethyopia,  
 India, China, & no Iapão,  
 Que Antonio nosso patrão,  
 De Christo a pessoa propria,  
 Trouxe na palma da mão:

Que na parte Occidental  
 Acharão hũa cidade  
 Cabeça de Portugal,  
 Rica, & de grã magestade,  
 Illustre, nobre, & leal:

A



SANTO ANTONIO.

35. A qual está situada  
Iunto a hum rio excellente,  
Que por elle he mais honrada,  
Terra que no inuerno he quente,  
E no verão temperada:

36. De ares brandos, & suaues,  
Templos, & edificios graues,  
E as terras mais circunstantes  
Fartas, cheas, & abundantes  
De frutas, de gados, & aues:

37. Isto só, são hūs finais,  
Pera poder conhecer  
A parte aonde estiuer,  
Porque quanto disser mais,  
Me fica mais por dizer:

38. E se no culto diuino  
(Ia que nos templos toquey)  
Dissertudo o que imagino,  
Imagino perderey  
Em pégo tão fundo o tino.

E por



E por me não deter nelles  
E nas maravilhas suas,  
Baste só que diga delles,  
Que não ha rua sem elles,  
Sendo infinitas as ruas:

39.

São tantos em quantidade,  
Que se estar juntos podêrão  
Posso affirmar com verdade,  
Que todos juntos fizerão  
Hũa fermosa Cidade:

40.

Pois quando os templos sagrados  
Juntos forão o que està dito,  
Meção engenhos delicados  
A grandura do districto,  
Onde estão muito apartados,

41.

E considerem que he  
Babilonia retratada,  
Mas com fé santa, & sagrada,  
Que tudo o que não tem fê,  
Temos por fê não ser nada.

42.

Aqui



SANTO ANTONIO.

43. Aqui Martinho, & Tereza,  
Forão troncos de hum raminho,  
Que foy depois tocha aceza,  
Erão Tereza & Martinho,  
De qualidade, & nobreza:
44. Elle era varão prudente,  
Ella honesta, & delle amada,  
Que a molher casada honrada,  
Na honestidade se sente,  
A perfeição de casada.
45. E se elle he obedecido,  
Ella o he em quanto quer,  
Mas não quer mais que o deuido,  
Que a moderada molher,  
Vence, & obriga a seu marido.
46. Em santa conformidade  
Sempre este casal viuia,  
Que a verdadeira amizade,  
He de dous a companhia,  
Porem de hũa só vontade.

Neste



Neste tempo, & nesta paz,  
Faz Deos o milagre seu,  
Que a tantas molheres faz,  
E o bello fruto lhe traz,  
Como o fruto, que elle deu.

47.

Estaua Martinho orando,  
Os olhos postos nos ceos,  
As graças a seu Deos dando,  
Que como he tão brando Deos  
Ouue a hum coração brando.

48.

Tereza tambem se offende  
Verse em tamanha oppressão,  
E falar com Deos pretende,  
Que a lingua do coração,  
Só Deos que a sabe a entende:

49.

E bem claro a entendeo,  
Que calando fala muito.  
E Deos tanto o conheceo,  
Que o fruto santo lhe deu,  
Que depois deu santo fruto.

50.

Como



SANTO ANTONIO.

51. Como do bem que tiuerão  
A darlhe os parabés vem  
Tanto para bem lhe derão,  
Que todos bem conhecerão  
Nascer pera tanto bem.

52. Chegado dos outo o dia,  
Que os pays estauão esperando  
Forão ao templo de Maria,  
E baptizarão a Fernando,  
Que este era o nome da pia.

53. Ia vem Fernando Christão  
Martinho espera entre tanto,  
Que outros perabés lhe dão,  
E ninguem lhe diz senão,  
Que Deos lho fizesse hum santo:

54. Tambem a mãy, que o criaua,  
A Virgem pura da graça,  
Que junto della moraua,  
De continuo lhe rogaua,  
Que feu seruo, & santo o faça.

Estes



Estes, & muitos finais 55.

De virtude lhe sentirão,  
Na fermosura lho virão,  
Na mansidão muito mais,  
E os pays nunca o descubrirão.

O pay pera Deos dizia, 56.  
Meu bom Deos tamanho bem,  
Eu não volo merecia,  
A mãy a Virgem Maria  
Dizia o mesmo tambem.

O pay dizia emprestado 57.  
O tenho em quanto for viuo,  
Tellohey criado, & guardado,  
E depois que for criado,  
Eu volo dou por catiuo:

A mãy tornaua a dizer, 58.  
Virgem quem pode alcançar  
Tão junto de vos nascer,  
Iunto a vos se ha de criar,  
E pello seu Deos morrer.

Fazei



SANTO ANTONIO.

59. Fazei que seus pês não lejão  
Mais que a vos seruir mouidos,  
Os olhos que à vos só vejão,  
As mãos, a lingua, os sentidos,  
Pera vos seruir só rejão.

60. Leua Abrahão o filho amado,  
Que tão desejado auia,  
Pera ser sacrificado,  
Tão contente neste estado,  
Como quando lhe nacia.

61. Pois quando estes dous não tem  
Mor gloria, nem exercicio,  
Que entregar a Deos seu bem;  
Bem o derão em sacrificio,  
Se lho pedirão tão bem.

62. Mil annos tinhão, & mais cento  
Nouenta & quatro corrido,  
Quando deste esclarecido  
Santo foy o nascimento,  
Pera tanto bem nascido.

Pera



Regia o cetro Real, 63.  
Hum Rey Affonso chamado,  
Terceiro de Portugal,  
E Honorio estaua assentado  
No assento Pontifical.

Outro Affonso então regia 64.  
A coroa de Castella,  
Que a fê tambem defendia,  
E em paz santa, justa, & bella,  
Co Rey Portugues viuia.

Criauão com muito amor 65.  
Esta flor, que querein muito  
Para a dar a seu senhor,  
Que bem criada hũa flor,  
Vem dar depois muito fruto.

Como do templo Diuino 66.  
O minino naceo perto,  
A mãy leuaua o menino,  
A mãy de Iesu benigno  
Nosso, & seu remedio certo:

B E diz,



SANTO ANTONIO.

67. E diz posta de giolhos,  
Fernando que vos visita,  
Deseja Virgem bendita,  
Começando abrir os olhos,  
Ver esta graça infinita:

68. E eu pollo assegurar  
Do mundo falso & perjuro,  
Volo venho a entregar,  
Que a ninguem o posso dar,  
Onde esteja mais seguro.

69. Que em quanto vida lhe deis,  
Delle aueis de ser seruida,  
Nem a paga merecida,  
Não quero que lha pagueis,  
Senão for lá na outra vida:

70. Por essa perola rica,  
Que nos vossos braços mora,  
Me outorgay isto algum ora,  
E o que nelles vos fica,  
Fique com vosco Senhora.



Enxugando os olhos vinha 71.

Contente, inda que chorosa,  
Do nouo prazer que tinha,  
Que a discreta & virtuosa,  
Lagrimas lhe são mezinha:

O pay antes que tiuesse 72.

O nouo gozo que tem,  
Sempre á Virgem se offerece,  
E agora depois que o tem,  
Nesta deuação mais crece.

Tinha o cidadão virtuoso 73.

Hum cargo de honra & proueito,  
Mas tinha por mais honroso  
Ser na virtude perfeito,  
Que he cargo mais proueitoso:

Em que no mundo viuia, 74.

Co mundo não se embaraça,  
Que hum só dia se não passa  
Sem dar hum pouco do dia  
A quem Deos encheo de graça.

B 2 E ven-



SANTO ANTONIO.

75. E vendo a diuina face,  
Diz do cordeiro Senhora,  
Que ante vossos olhos nasce,  
Aueis de ser vos pastora,  
Porque alegre, & farto pasce.
76. E neste valle diuino,  
Que em particular he vosso,  
Ha de pascer de contino,  
Porque recolha em minino,  
O bem que ha de ter em moço.
77. Que no tempo da innocencia  
Toma o pasto que lhe dão,  
Depois no vso da razão,  
Não val razão, nem prudencia,  
Quando teue mã criação:
78. E por não ter mal tamanho,  
Só vosso pasto hade ter,  
Porque o triste, que pascer  
Fora do vosso rebanho,  
Fora melhor não nascer:



E vossa igreja lhe seja, 79.

Ia que he de fê de esperança,

Pera morrer polla igreja,

Que assi a gloria se alcança,

A quem por ella peleja.

Nestes passos gasta a vida, 80.

Sem ter outros embarços,

Que os santos passos lhe impida,

Por ter com tão santos passos

A gloria bem merecida.

Ia vay Fernando crescendo, 81.

Ia ao adro o vão leuando,

Ia a porta vay conhecendo,

E ja na igreja entrando,

Se aluoroça a Virgem vendo:

Ia vendo a casa diuina, 82.

Bate nos peitos, & adora,

Ia sua cabeça inclina,

Ia quem o leua lhe ensina,

A por as mãos á Senhora.

B 3

Ia



SANTO ANTONIO.

83. Ia mostra estando la dentro,  
Que nunca sair deseja,  
Ia faz aos grandes enueja,  
Ia como pedra em seu centro,  
Quer estar sempre na igreja,
84. Ia na sua lingua cabe,  
Com que a todos da exemplo,  
A aue Maria que sabe,  
E em querendo dizer Aue,  
Como Aue voa ao templo:
85. Vay ver a Aue Fenix pura,  
Que ja lhe tinha affeição,  
E conhece a fermosura,  
Por quem disse a oração  
A Angelica criatura:
86. Inda pegada à garganta  
Tinha a voz, que polla idade  
Não podia inda ser tanta,  
Mas nos olhos, & vontade,  
O entende a Virgem santa.



Se Fernando não falava, 87.

E a Virgem não respondia,

A Virgem bem entendia,

Que co coração lhe daua,

O que a lingua não podia:

Hum ao outro pensamento 88.

Se entendem pella apparencia,

Sendo este ajuntamento,

De hum diuino entendimento,

E de hũa humilde innocencia.

A Virgem que o ser diuino, 89.

Pella humildade alcançou,

Em vendo humilde o minino,

Parece que lhe mostrou,

O gesto brando, & benino:

Ia aos pays mil vezes falta, 90.

Ia o posto he frequentado

Doutra deuação mais alta,

Ia dizem todos sem falta,

Que he hum bemaumenturado.

B 4

Ia



SANTO ANTONIO.

91. Ia muitos de tenra idade,  
 O conuerção, & acompanhão,  
 Ia estimão sua amisade,  
 E em tão pouca idade estranhão,  
 O ver tamanha humildade:
92. Desaparecido andaua,  
 Ia fofpeitão aonde esté,  
 Ia o perdido se achaua,  
 E ja bem ganhado he,  
 Quem se perde onde elle estaua:
93. Ia todos lhe querem bem,  
 Ia de algũs santo se chama,  
 Ia alegre a quantos o vem,  
 Ia por donde viue a fama,  
 Tem das virtudes que tem:
94. Ia faz dos pays a vontade,  
 Ia obedecer procura,  
 Ia fala com charidade,  
 Ia responde com brandura,  
 Ia serue com humildade.



- Ia não faz do templo ausencia,  
Ia a ouuir a Missa acode,  
Ia ajuda com diligencia,  
Ia cos pobres tem clemencia,  
Ia lhe acode co que pode: 95.
- Ia na igreja, & ja na rua, 96.  
Poem sua virtude espanto,  
Ia jejúa a qualquer santo,  
E ja as vesporas jejúa  
Da Senhora a quem quer tanto,
- Ia tem a todos respeito, 97.  
Ia ninguem delle se agrava,  
Ia he de todos aceito,  
Ia com tais partes acaba,  
Fazerse puro, & perfeito.
- Ia tem continua oração, 98.  
Em quanto o sermão não vem,  
E começando o sermão,  
Os que o vem ter a tenção,  
Pasmão da tenção que tem.



SANTO ANTONIO.

99. Ia conta o que ouuio dizer  
De Christo, & dos bês da gloria,  
Ia promete aborrecer  
Bês da vida transitoria,  
Que em fim ande fenecer:

100. Ia sabe dizer, Senhor  
Do lago infernal profundo,  
Liuray este peccador,  
Porque o mundo em fim he mûdo,  
E he nada tudo o melhor.

101. Bem que sempre â de durar  
Eterno, & que fim não tem,  
He bem que se á de buscar,  
Mas bem que se á de acabar,  
Não se pode chamar bem.

102. Se por bom ou mau gouerno,  
Que ca na vida eide ter,  
Eide ter gloria ou inferno,  
Gloria meu Iesus eterno,  
Gloria quero pretender.

Se



Se a nossa vida he hum ponto,  
Que bem tem a vida nossa,  
La me enuergonho, & afronto,  
O não ir viuer á vossa,  
Eternidades sem conto:

E se he de fé conhecer,  
Que vou morrendo viuendo,  
Viuirey para morrer,  
Porque quem viue morrendo,  
Morre por depois viuer:

E se à morte caminhamos,  
Quero viuer como morto,  
Que para o porto onde vamos,  
Sô vos sois seguro porto  
Da cidade que esperamos:

A máy vendo o tenro espirito  
Soltar a diuina voz,  
Pasmada as mãos ao ceo pos,  
Dizendo Deos infinito,  
Tudo he pouco para vos.

Não



SANTO ANTONIO.

107. Não deixa o pay de ficar,  
Em que contente espantado,  
Mas sabe considerar,  
Que Deos tinha mais que dar,  
Inda do que tinha dado:
108. A virtuosa mãy não cança  
Com benções, & com abraços,  
O pay com mais segurança,  
Tambem lhe lança seus braços,  
E suas benções lhe lança,
109. A mãy de pura alegria  
Tem ja as lagrimas no rosto,  
O pay que este gosto via,  
Tambem manifesta o gosto,  
Com lagrimas que vertia,
110. Chorauão com muito siso,  
Vendo gosto tão perfeito,  
Porque o coração no peito,  
Foy dar aos olhos auiso,  
Que fizessem seu effeito.

Nisto



Nisto o menino se vay  
 Co animo mais inteiro,  
 Do que fica a mãy, & o pay,  
 A ver o pay verdadeiro,  
 E a verdadeira mãy.

III.

Aquelle espaço pequeno  
 De rua por donde passa,  
 Até a Virgem da Graça  
 Vay com graça tão sereno,  
 Que a todos cahia em graça.

II 2.

Logo em tomando agoa benta,  
 Representa, o que parece,  
 Que a alma que a Deos contenta,  
 Inda a quem não a conhece,  
 Conhece o que representa.

II 3.

Chegouse a imagem bella  
 Daquella, que o ceo adora,  
 E que foy mãy, & donzella,  
 Era da grande Senhora  
 O seu appellido della.

II 4.

Que



SANTO ANTONIO.

115. Que pella grande estatura,  
Nome de grande lhe vem,  
E assim lhe está muito bem,  
Ser grande esta Virgem pura,  
Pollas virtudes que tem.

116. Pos a infinita bondade  
Nas virtudes da mãy sua  
Hũa de tal qualidade,  
Que todas se encerrão nũa,  
De mãy sua, & de humildade.

117. Esta os serafins dos ceos,  
Vierão adorar à terra,  
Esta fez ao inferno guerra,  
Esta em fim he mãy de Deos,  
Graças que as demais encerra:

118. A esta sacra Princeza,  
Rezava o santo menino,  
Tão contino quando reza,  
Que rezara de contino,  
Se o deixara a natureza.



E acabando de orar,  
Não sae pola porta fora,  
Que fora não sabe estar,  
Antes se chega ao altar  
A concertalo à Senhora:

119.

E parece que entre si  
Dizia, Virgem estimara,  
Que vos seruisseis de mi,  
E só por paga tomara  
Viuer & morrer aqui:

120.

Que quem seruiruos deseja,  
Descança quando trabalha,  
E do mundo que mo atalha,  
Venho a colherme á igreja,  
Paraque a igreja me valha:

121.

Porque nella me conserue,  
Ia que nella fuy criado,  
Que eu estou assegurado,  
Que quem sem premio vos serue,  
Que lhe dais premio dobrado.

122.

E se



SANTO ANTONIO.

123. E se fois torre sagrada,  
Onde o mundo se soccorre,  
E Deos fez sua morada,  
Eu â vista desta torre,  
Não tenho que temer nada.
124. E se essas abas são muro,  
Guarda, emparo, & segurança,  
A quem vos tem amor puro,  
Eu não perco a confiança,  
De viuer nellas seguro,
125. E por ter obrigação  
D'ir aos pays que obedecia,  
Pella obrigação só hia,  
Que deixara o coração  
Não ja a Tereza à Maria.
126. Das duas mãys escolheo  
Dar a Maria, & não erra,  
O coração que lhe deo,  
Que Maria he mãy do ceo,  
E Tereza he mãy da terra.

De



De todo se defengana, 127.

Que Maria leua a palma,  
 Por mãy do ceo soberana,  
 Que Tereza he mãy humana,  
 Maria mãy da sua alma.

Tambem o pay que lhe daua, 128.

Criação, vida, & gouerno,  
 Pello pay do ceo deixaua,  
 Porque em fim he pay eterno,  
 Que para eterno o ceo daua.

Co deuido acatamento, 129.

Que aos pays se deue deter,  
 Entraua em seu aposento,  
 Mas nunca deixa de ter  
 Em Maria o pensamento.

Tinha lhe amor de maneira, 130.

Que sem a ver não repousa;  
 Nem quer, nem pode, nem oufa,  
 Que húa affeição verdadeira,  
 Não dá lugar a outra cousa.

C

E así



SANTO ANTONIO.

131. E assi tornarse deseja  
A igreja em vendo a mãy,  
Nem he muito que assi seja,  
Hospede em casa do pay,  
Quem he natural da igreja.
132. Mas esse pouco que assiste  
Aos pays, daua muito gosto,  
Que só seu gosto consiste,  
Ver aquelle alegre rosto,  
Que he consolação dum triste.
133. Ia via o pay nelle os annos,  
Que o mundo falso enganoso,  
Pode vsar de seus enganos,  
E quanto mais virtuoso,  
Mais lhe receaua os danos.
134. Como o minino começa  
Com principio tão diuino,  
Teme mudarse o minino,  
Porque quebra mais depressa  
O vidro mais Christalino.

A mãy



A mãy como mais piadosa, 135.

Alegre dizia ao pay:

Antes cós principios que ay

Da mão de Deos poderosa,

Melhores fins esperay.

Como quem acerta achar 136.

Hum auer de prata, ou ouro,

Que morre polo guardar,

Por não perder o thesouro,

Que a ventura lhe quis dar.

Afsi estes dous casados, 137.

Co seu thesouro tambem,

Muitos cuidados lhe vem,

Porque tem muitos cuidados,

Quem algum tesouro tem.

Do mundo o querem esconder, 138.

Falso, vicioso, & immundo,

E tratão se pode ser,

Que possa fugir do mundo,

Quem no mundo à de viuer.

C<sub>2</sub>

Entre



SANTO ANTONIO.

139. Entretanto está Fernando  
Rezando, que não deixava  
Hú ora de estar rezando,  
E em quanto rezando estava,  
Estava tudo escutando.
140. E tendo considerado,  
O que dos pays escutava,  
Diante em pé levantado,  
Como de Deos inspirado,  
Desta maneira falava,
141. Pay meu, que meu bem tratais,  
Pello bem que me quereis,  
Quantos bês me desejas,  
Por mais que me desejeis,  
Inda Deos pode dar mais.
142. Sair do mundo inimigo,  
Ainda que viua nelle,  
Ia fiz concerto comigo,  
Que quem Deos he seu amigo,  
Viue nelle, & fora d'elle.



E se a diuina palavra, 143.

A hũa alma laura, & rende:

Ia em mim nisto se entende;

Que a minha alma rende, & laura,

Como fogo que se ascende.

E dar-me Deos hũa voz, 144.

Quando a idade me mingoa,

Quer que conheçamos nos,

Que quem tal lingua me poz,

As pedras pode dar lingua.

E se como ouui dizer, 145.

Hay vida de Eterna vida,

E eterna dá a entender,

Couza sem fim, nem medida,

Essa quero pretender.

E se a verdade me ensina, 146.

O caminho da verdade,

Para a cidade diuina,

Por viuer nesta cidade,

Quem não morre, & desatina.

C 3

Não



SANTO ANTONIO.

147. Não deis lugar ao receo,  
Porque Deos com vosco está,  
Que delle confio, & creio,  
Pois foy do principio meo,  
Meo pera o fim serà.
148. E dizendo isto se parte  
A parte que lhe conuinha,  
A ver do ceo a Raynha,  
Porque não tinha outra parte,  
Donde ir quem tais partes tinha.
149. Não busca as ocasiões,  
Das conuersações que danão,  
Não tem mais conuersações,  
Que com jejús, & orações,  
Que assegurão, & desenganão.
150. Jejum bemaumenturado,  
Que hũa alma alegre, & recrea,  
E a carne prende, & enfrea,  
Jejum de Iesus amado,  
Que o mesmo demonio enlea.

E tu



E tu fermosa, & prezada,  
Na mais alta estimação,  
Que estás co jejum casada;  
De Deos querida, & amada,  
Santa, & diuina oração.

151.

Este que tanto vos quer,  
Porque Iesus vos quistanto:  
Tanto lhe deueis querer,  
Porque por vos suba a ver,  
O choro celeste, & santo.

152.

Mancebos de tenra idade,  
Que tão cegos nauegais,  
No largo mar da vaidade,  
Porque exemplo não tomais,  
Neste exemplo de humildade?

153.

Que a todos quantos o vem,  
Afeiçoa, alegre, espanta,  
Assi que de casa vem,  
E entra na casa santa,  
Sem ir a Ierusalem:

154.

C4

Que



SANTO ANTONIO.

155. Que Ierusalem terrestre,  
Vese em semelhantes casas,  
Da Virgem como vê este,  
Que este exercicio são azas,  
Para voar à celeste.
156. E postrandose no chaõ,  
Fez oração a Maria,  
Mas ja mais breue oração,  
Porque tinha obrigação  
Ir ao choro onde seruia.
157. As horas traz repartidas,  
E todas bem empregadas,  
Que em fim são por Deos gastadas,  
E sem Deos são tão perdidas,  
Quanto são por Deos ganhadas.
158. Por mais que o tempo contrario  
Lhe mostre algum passatempo,  
Fora do seu ordinario,  
Sõ no templo gasta o tempo  
Co a Missa, sermão, rosario.

Feito



Feito primeiro isto tudo, 159.  
Que em fim primeiro á de fer,  
Logo sem ponto perder  
A seu canto, & seu estudo,  
O choro sobe a aprender.

Mostra tanta habilidade, 160.  
Em quanto saber deseja,  
Que muitos da sua idade,  
Mais aprendem com enueja,  
Do que aprendem com vontade,

Com tanto feruor se inclina, 161.  
A comprender quanto lê,  
Que o mesmo mestre que ensina,  
La lhe enxerga hum não sei que,  
Que ser milagre imagina,

E dizem os que notão isto, 162  
Se na religião quizer  
Tal discipulo viuer,  
Pode imitar aos de Christo  
Empregar, & em conuerter.

Hús



SANTO ANTONIO.

163. Hús dizem tanta brandura,  
As feras podem vencer:  
Outros dizem se tiuer  
Igual ao rosto, a ventura,  
Grande ventura, à de ter.

164. As partes do corpo são  
Tão perfeitas, & engraçadas,  
Que bem claras mostras dão,  
Que muito mais estremadas  
As de su'alma seraõ.

165. Quem mostra no sobre escrito,  
Escrito tanta alegria,  
Que terá la dentro escrito  
N'alma, coração, & espirito,  
Senão a Iesus Maria,

166. Isto tratão de contino,  
No secreto, & no geral,  
E he tal o santo minino,  
Que em ouuindo dizer tal,  
Diz que de tal não he dino.

Mas



Mas he justo, que possua 167.  
Nas mãos finais tão honrados,  
Quem trouxe os nomes sagrados,  
De Iesus, & da mãy sua,  
No coração estampados.

Cinco são as fontes santas, 168.  
E cinco letras contem,  
Iesus, que estas fontes tem.  
Maria tem outras tantas,  
Por somar todo este bem.

Os que com elle aprendião, 169.  
Que de antes erão inuejosos,  
Ia na virtude crescião,  
E pello que nelle vião,  
Se fazião virtuosos.

Não tão somente acrescenta, 170.  
Só pera si seu proueito,  
Mas quem o vé tão perfeito,  
Mais na virtude se augmenta,  
Sômente por seu respeito.

Arno.



SANTO ANTONIO.

171. Aruore fertil, & santa,  
Que com tão doce trabalho  
Ganhaste virtude tanta,  
Tal que teu diuino orualho  
Na terra alhea se planta,

172. Ia a este tempo chegaua  
A hora de despedirse,  
Do estudo donde andaua,  
E por ser força partirse,  
Bem a força se apartaua.

173. E como do templo say,  
He cousa certa, & notoria,  
Ir a casa de seu pay,  
Mas vay tambem pera a gloria,  
Cos passos por donde vay.

174. Não sabia leuantar  
Os olhos por donde hia,  
Vay tão brando, & de vagar,  
Que co trajo secular  
Religioso parecia.

O pay



O pay que o filho fefudo  
Via, tão auentajado

175.

Na virtude, & no estudo,  
Tudo lhe daua cuidado,  
Que, os pays dà cuidado tudo.

Dizia em seu coração,

176.

Que casalo era escusado,  
Porem do santo atenção  
Não he senão ser casado,  
Mas co a santa Religião.

Que como o santo pretende,

177.

Casar com dama tão bella,  
Virtude, & letras aprende,  
Que sem isto ella se offende,  
De quem quer casar com ella,

Este era seu pensamento

178

Como todos os demais:  
O mais he falar com vento,  
E por ser com vento o mais,  
Quer mais viuer n'um conuento.

E por



SANTO ANTONIO.

179. É porque tem algum medo  
Da mãy, que he mãy & molher,  
A medo o venha a saber,  
Que a molher guarda o segredo,  
Mas guarda o para o dizer:

180. A dona illustre, & prudente,  
Sente ausentarse seu gosto,  
Tambem com desgosto sente,  
Que hum hora deste desgosto,  
Dá mil annos de contente.

181. Não deixa de imaginar,  
Do pesar que a faudade  
Deste filho lhe á de dar:  
Mas pesar de hum filho frade  
He muito alegre pesar.

182. O pay não dà a entender,  
Por não dar mais que sentir,  
Que sospeita que á de vir  
Hum dia o filho a comer,  
E não tornar a dormir,



Fernando he ja moço feito, 183.  
Na presença que mostrava,  
Mas tão perfeito em seu peito,  
Que seu respeito julgava,  
Ser casto, humilde, & perfeito.

E porque dos pays sospeita, 184.  
O que sospetão seus pays,  
A seus pays nada aprouveita,  
Que o filho deseja mais,  
De fazer certa a sospeita.

Ia say do materno ninho, 185.  
Aquelle que quer seguir  
Pera outro, outro caminho,  
De quem Tereza, & Martinho,  
Sospetão não torne a vir.

Ia vay com mais grauidade, 186.  
Da que atéqui manifesta,  
Que o humilde de vontade  
Tem a grauidade honesta,  
Com hũa graue humildade.

E pon-



SANTO ANTONIO.

187. E pondo as plantas na sala,  
Onde se poem de gíolhos,  
A gente que com Deos fala,  
Se lhe humedecem os olhos,  
E o coração se lhe abala,

188. Fizerão este movimento  
Os sentidos Naturaes,  
Mas mais firme o pensamento,  
Por mais que derão sinais  
Os olhos de apartamento.

189. Ia seus diuinos cudados,  
Outros cudados lhe dão,  
De ponto mais leuantados,  
Ia são melhor empregados,  
Inda que os outros o são.

190. Ia imagina que traça  
Ao que deseja dará,  
Com que seu desejo faça,  
Se consigo acabará,  
Deixar a Virgem da graça.



- Ia cuda na Virgem bella, 191.  
 Porque sempre nella cuda,  
 Cuda se se muda della,  
 Que inda que della se muda,  
 Que he por viuer mais com ella.
- E indo á Phenix celeste, 192.  
 Que foy de peccado nua,  
 Lhe diz na presença sua;  
 Virgem que do Sol se veste,  
 E que se calça da Lúa.
- Se hay apartamento em nos, 193.  
 O que não entendo así,  
 Vereis se me vou daqui,  
 Que vou de vos para vos,  
 Por ir fugindo de mi.
- Que eu por não me apartar 194.  
 De todo, de mim me queixo,  
 Que voz se vos eu deixar,  
 Deixouos por vos achar,  
 E achouos porque vos deixo.

D Dei-



SANTO ANTONIO.

195. Deixouos, & não ficais,  
E se ficais eu vos figo,  
Vou buscaruos, & aqui estais,  
E não vos indo his comigo,  
E ficando me leuais.
196. Vedes todo o firmamento,  
E estais no templo encerrada,  
E posta neste aposento,  
Ficais na gloria assentada,  
E his em meu pensamento.
197. Que este vaso de metal,  
Baixo, quebradiço, & tosco,  
Morre, acaba, & he mortal,  
Mas a alma sempre comuofco,  
Pode estar como immortal.
198. A este tempo se leuanta,  
Por quanto a voz lhe cançara,  
Que era a faudade tanta,  
Que os saluços lhe pegara,  
O folego na garganta.



Saudade não teria, 199.

Da princeza da humildade,  
Que em toda a parte assistia,  
Não tinha mais saudade,  
Que do templo onde sahia.

Assi seus passos contados, 200.

Honestos, & vagarosos,  
Chega aos altares sagrados,  
Para os santos gloriosos,  
Tambem serem visitados.

Dizendo a cada hum por si, 201.

Almas que de Deos gozais,  
Ia que me aparto daqui,  
E a Deos por todos rogais,  
Não vos esqueçais de mi.

Engitei da mãy amada 202.

Suas caricias maternas,  
E se ficar magoada,  
Dirlheis, que as cousas eternas  
São tudo, & tudo o mais nada.

D 2

Vou



SANTO ANTONIO.

203. Vou fugindo dos perigos  
Dos inimigos desta alma,  
Que querem como inimigos,  
Das almas levar a palma,  
Dos que de Deos são amigos.

204. Que vos espiritos puros,  
Lá estais no ceo contentes,  
Nos cá desse bem ausentes,  
Vos là liures, & seguros,  
Nos cá tristes descontentes.

205. Là tudo amor, & amidade,  
Cá tudo falso & mentira,  
Là tudo recto, & verdade,  
Gloria em fim de eternidade,  
Por quem minha alma sospira.

206. Desejava de partirse,  
Não se podia apartar,  
E com ver que he força irse,  
Queria irse, & ficar,  
E mais vinha a despedirse.



Partirse não acabaua,  
 E despedirse deseja,  
 E se o amor lho estoruaua,  
 Que deuia âquella igreja,  
 O que a Deos tinha o leuaua.  
 Larga as vellas ao desejo,  
 Que lhe faz franca passagem,  
 Que o amor de Deos sobejo,  
 Que gouerna neste ensejo,  
 Lhe promete boa viagem.

207.

208.

*Fim do primeiro Canto.*

D<sub>3</sub>



## CANTO II.

*Escandalizado Lucifer da virtude do santo,  
chama os sete peccados mortaes, que o vão  
tentar nãs sete virtudes, & do que passou  
em sam Vicente de fora, & como aby fez  
profissão, & esteve dous annos nesta Reli-  
giam, até yr a Coimbra ao mosteiro de santa  
Cruz da mesma ordem*

209.

**L**A naquelle Reyno escuro;  
Onde nunca a luz do dia  
Tocou porta, a meia, ou muro,  
Onde o soberbo, & prejuuro  
Cayo da alta hierarchia.

210.

Naquella prouincia triste  
Donde tudo sam clamores  
Da gente que nella assiste,  
A donde em balde resiste,  
Quem aly resiste a dores.



He hum deserto pouoado, 211.  
 E acompanhado deserto,  
 Pois qualquer desesperado  
 Hum do outro está tão perto  
 Sem poder ser remedeado.

Naquella maldita terra, 212.  
 Aonde seus naturaes  
 Não se sustentão de mais,  
 Que de dór tormento, & guerra,  
 Gritos, suspiros, & ais.

Aonde seus mantimentos, 213.  
 São tormentos, & paixões,  
 Dores descontentamentos,  
 Trabalhos, perseguições,  
 Penas, magoas, sentimentos,

Naquelle lugar sem gosto, 214.  
 Aonde a malenconia  
 Tomou pera sempre oposto,  
 Onde estão em companhia,  
 Suspiros, pezar desgosto.



SANTO ANTONIO.

215. Naquelle sitio infernal,  
· Donde não sahio ninguem,  
· Donde o mal parece bem,  
E o bem parecera mal,  
Se lá podera auer bem;

216. Naquella infame cidade,  
Donde quem manda sospira,  
Onde nunca ouue amisade,  
Nem respeito, nem verdade,  
Senão maldade, & mentira.

217. Naquella villa sem ordem,  
De ociosidade, & perguiça,  
Sem gouerno, & sem justiça,  
Tudo desmancho, & desordem,  
Tudo interesse, & cobiça.

218. Onde tudo he confusão,  
Em ira, & colera acesos,  
Naquella estreita prisão,  
Onde os miseraueis presos  
Em perpetuo fogo estão.



Casa onde ninguem vem,  
Que continuo não chorasse,  
Da infinita dor que tem,  
Onde não morre ninguem,  
Pera que a dor se acabasse.

219.

Parte onde ninguem descansa,  
Nem para mais trabalhar,  
Onde tudo he sospirar,  
Sem esperança de esperança,  
Que se possa isto acabar.

220.

O pay do filho queixoso,  
Queixoso o filho da mãy,  
Hum contra outro furioso,  
A mãy raiuosa do pay,  
O pay da molher raiuoso.

221.

O inimigo insolente  
Olhava seu inimigo,  
Hum, & o outro descontente,  
Hum sente seu mal consigo,  
Outro tambem seu mal sente,

222.

Don.



SANTO ANTONIO.

223. Donde quem sedetiuer,  
Ay hum rio que prouoca,  
A hir beber quem quizer;  
Mas tocalhe á agoa na boca  
Sem na poderem beber.
224. Outro hum canto sem medida  
Leua hũa jornada larga,  
E sem descansar da ida,  
Torna â vir com a mesma carga  
Tendo nisto eterna vida.
225. E o Rey là com a mesa posta,  
Sendo senhor de hum tesouro,  
Tanto ter mais ouro gosta,  
Atê que a morte em reposta  
Lhe deu morte com mais ouro.
226. Hay estados infinitos,  
E todos desesperados  
De fome, & de sede aflitos,  
Que são os mesmos peccados,  
Em que cayrão os malditos.

Destá



Deſta caſa ſem prazer 227.

De fogo, & tormento eterno,  
Que prazer não pode auer,  
Deſte abifmo, & deſte inferno,  
Sae o infernal Lucifer,

Vem c'hum veſtido da cõr 228.

Da eſcura, & triſte noute,  
Fazendo medo, & terror;  
Nà mão direita hum a çoute,  
Com que açouta com rigor.

Na outra mão negra, & feâ 229.

Hum negro forcado traz,  
Com que ſe adorna, & arrea,  
Etão fea forma faz,  
Que faz que o inferno arrecea.

E poſto ná fea boca, 230.

Co forcado por encoſto,  
A voz triſte horenda toca.  
Donde aleuantar prouoca  
Os demonios de ſeu poſto.

Ame



SANTO ANTONIO.

231. Amedrentados se virão  
Todos do lago profundo,  
Da medonha voz que ouvirão,  
E do mais fundo do fundo,  
Os vicios mortaes sairão:

232. Chegaua a sensualidade  
Fermosa, se pode auer  
Fermosura em tal cidade,  
Para sair a vencer  
A diuina castidade.

233. Vinha entre os vicios mundanos,  
Tambem a desenfreada  
Gula, que faz tantos danos,  
Contra a alma de quinze annos,  
Tão conforme, & temperada.

234. Com ella auareza vinha,  
Curta, encolhida, & misquinha,  
Para o franco, & liberal,  
Que era para os pobres tal,  
Que cousa propia não tinha.

A tur-



A turba maldita admira,  
Ia do nouiço a paciencia.  
E tanto geme, & sospira,  
Que manda com diligencia,  
Contra esta paciencia a ira.

235.

Vinha a ira acompanhada  
Do peccado enorme, & feo,  
Da enueja tão escusada,  
Raiuando do bem alheo,  
Sem se aproueitar de nada.

236.

Que se a ira não podesse  
Com paciencia tão sobeja,  
Em seu socorro viesse,  
A raiuosa, & vil enueja,  
E a caridade venceesse.

237.

E se toda esta potencia,  
Não na poder conquistar:  
A perguiça, & negligencia,  
Vá em que vay deuagar,  
Tentalo na diligencia.

238.

E por-



SANTO ANTONIO.

239. E porque Lusbel conclua  
Vingança de sua afronta,  
A soberba fera, & crua,  
Lhe ficou à sua conta,  
Que em fim por seu mal foy sua.

240. Que como mayor senhor,  
Que tem mayor calidade,  
Leua o peccado mayor,  
A conquistar a humildade,  
Virtude de mais valor.

241. Saem os malditos ao mundo  
Desesperados, & aflitos:  
Porque os malditos espiritos  
Trazem as penas do profundo  
Comfigo como malditos.

242. Na cidade nobre, & rica,  
Das melhores que o ceo cobre,  
Iunto aos muros della fica  
O conuento rico, & nobre,  
Que a Vicente se dedica.

Otem-



O templo foy dedicado  
A este sancto conhecido,  
Do primeiro Rey buscado,  
Que foy na barca trazido,  
Dos coruos acompanhado.

Aqui o meu santo estaua,  
Do mundo ja escondido,  
Que sempre fugindo andaua,  
Ia vestido no vestido,  
Que elle tanto desejava.

Ia do nome que antes tinha,  
Sobrenome não conuem,  
Que o bulhoes que do pay vem,  
Para o frey que de Deos vinha,  
Muita differença tem.

Ia tanto se satisfaz  
Do trajo que em si conhece,  
Que se conhece incapaz,  
E diz que não no merece,  
E que indinamente o traz.

Ia



SANTO ANTONIO.

24. Ia não moraua naquella  
 Morada, que sempre mora,  
 E quanto á Virgem, & mãy bella,  
 Cà vê a mesma Senhora,  
 Recolhido na sua cella.
248. Se lá era afeiçoado,  
 No diuino original,  
 Pello retrato pintado,  
 Da custodia virginal,  
 Do rubi puro encarnado.
249. Cá o retrato diuino,  
 Via da mesma figura,  
 Da mãy de Iesus benino,  
 Ea mesma custodia pura,  
 Do seu rubi puro, & fino,
250. La tinha Missa, & Sermão,  
 Cà Missa, & Sermão tambem,  
 Lá, & cá ao choro vão,  
 Lá tem muy larga oração,  
 Cà muy larga oração tem.

Lá



Lá o pensamento posto, 251.

No gosto, & contentamento,  
Onde a Deos se vê o rosto,  
Cà contentamento, & gosto,  
Pondo em Deos o pensamento.

Com tudo aqui mais contente 252.

Se sente, & auentajado,  
No trajo santo excelente,  
Na santa casa eminente,  
No santo, & perfeito estado.

Estaua a esta sezão, 253.

O nouiço humilde posto  
No seu posto em oração,  
Ia co as perolas no rosto,  
E com Christo o coração,

E no ceo considerando, 254.

Todo em diuino amor arde,  
Dizendo, Meu Iesus quando  
Vos verey, que sempre he tarde,  
Para o que estou esperando?

E Quan-



SANTO ANTONIO.

255. Quando esta carga pesada,  
De terra formada, & feita,  
Largará a joya prezada;  
Bella, diuina, & perfeita,  
Que foy para vos criada?
256. Quando â de deixar a preza,  
Que tem preza este animal,  
Que tão sem rezão despreza,  
Sendo do ceo natural,  
E elle de mã natureza.
257. Quando como passarinho,  
Voara donde se estima,  
Que viuendo bem no ninho,  
Indo por qualquer caminho,  
Tudo he' Ceo lá para cima?
258. Quando aquella ora à de vir,  
Ditosa, fermosa, & bella,  
Que esta casa á de cair,  
Para que possa lâ hir,  
A que estâ catiua nella?

Quan-



Quando a casa verdadeira, 259.  
 De seus olhos se verá,  
 Que inda que ella viua quá,  
 He de quã tão estrangeira,  
 Quanto he Natural de lá?

Quando esta barca sem leme 260.  
 A de ir dar nas mãos da parca,  
 Por mais que neste mar reme,  
 E ficando em terra a barca,  
 Ira para vos quem geme?

Pedindo a seu Deos estaua, 261.  
 Aquella ditosa hora,  
 Como Paulo desejava,  
 De se ver do corpo fora,  
 Para a gloria que esperava.

Leuado de puro Amor, 262.  
 E no diuino enleuado,  
 Estaua orando ao Senhor,  
 Fraco o corpo, & sem vigor,  
 Mas na alma mais esforçado.



SANTO ANTONIO.

263. Cansado hum pouco, & transposto  
O sono tomou de paço,  
Fazendo acama no encosto,  
Co braço nũ banco posto,  
E a cabeça sobre o braço.

264. Quando toda a terra estãua,  
Em silencio, & descansando,  
Tambem elle descansaua,  
Porem em estãr orando  
Todo seu descanso achaua.

265. Quando o mundo estã confuso,  
Que cada hum repouso cata  
Do geral trabalho, & vzo,  
Elle neste tempo escuzo,  
Só de tratar com Deos trãta.

266. E quando o Orbe se veste  
Da cõr, que não toma cõr,  
Quando estã cego o terrestre,  
Falaua elle co amor,  
Puro, Diuino, & celeste.

Destã



Desta maneira dormia, 67.  
 Na noute alta, & quieta,  
 Como o profeta fazia,  
 Que sendo Rey, & Profeta,  
 De noute a orar se erguia.

Almas para Deos criadas 68.  
 Vede a santa criação,  
 De noute em conuersação,  
 Com Christo à portas fechadas,  
 Abrindo as do coração.

Dia, noute, hora, & momento, 69.  
 Só em Iesus tinha posto  
 Alma, vida, & pensamento,  
 Iesus só era seu gosto,  
 Iesus seu contentamento;

Iesus na boca trazia, 70.  
 Em tudo quanto falava,  
 Iesus no que praticava,  
 Iesus no que respondia,  
 Iesus no que preguntava.



271. Iesus na Missa ajudando,  
 Iesus no choro seruindo,  
 Iesus varrendo, alimpando,  
 Iesus comendo & dormindo,  
 E com Iesus acordando;

272. Iesus quanto os olhos vem,  
 Iesus quanto apalpa & toca,  
 Iesus quanto cheiro tem,  
 Iesus quanto gosta a boca,  
 Iesus quanto ouue tambem.

273. De Iesus puro, & perfeito,  
 Foy tão aceito o varão,  
 E delle Iesus aceito,  
 Que de estar tanto em seu peito,  
 O veio trazer na mão;

274. Ia no ceo as claras flores,  
 Que iguais de noute aparecem,  
 Se encobrem, & desaparecem;  
 E vestem de varias cores,  
 As que na terra florecem.



Ia o animal mensageiro 275.

Da manhã, chũa palaura  
Manda erguer o caminheiro,  
Manda o laurador á laura,  
E ás vacas manda o vaqueiro:

Ia na casa humilde, & tosca, 276.

Entra a luz hum pouco brusca,  
E ja a cobra o corpo em rosca,  
E a fera ja a coua busca,  
E o ceruo manso se embosca.

Ia desemparão seus ninhos 277.

As tenras, & brandas aues,  
E os mimosos passarinhos  
Ia mostraõ sobre os raminhos  
Quebros, & requebros graues:

Ia leua o pastor ao monte 278.

O gado a comer da flor,  
E porque não se trasmonte,  
O torna o mesmo pastor  
Trazer a beber à fonte:

E 4

Ia



SANTO ANTONIO.

279. Ia quem trabalhar sohia,  
Ia cança, sua, & trabalha,  
Iá a geral alegria  
Por toda a terra se espalha,  
Que assim chamão a luz do dia:
280. Ia se abrem as portas daquelle  
Templo graue, & recolhido,  
E ja anda nelle erguido,  
Quem anda seruindo nelle,  
Humilde, honesto, & sofrido.
281. Seruia com tanto gosto,  
E com tanta diligencia,  
Que mal mostraua no rosto,  
Que estiuera em penitencia,  
A noute passada posto;
282. Mal mostraua no exercicio,  
Indicio que não dormia,  
Tão pouco dà pouco indicio,  
Pello officio que fazia,  
Que o fazia c'um cilicio.

Algũs



Algũs a virtude crem,  
 Na humildade que descobre,  
 Elle que vê, que lha vem  
 De ter virtude a encobre,  
 Que em fim, quem a encobre a tẽ.

Depois de ter acabado  
 De feruir o que pretende,  
 Os altares com cuidado  
 Alimpa, & tem concertado,  
 E as alampadas ascende.

Era nisto tãõ contino,  
 Que inda depois de tudo isto  
 Ajuda, humilde, & benino,  
 Ao sacrificio diuino,  
 Da morte, & paixão de Christo,

La pella continuação,  
 Algũa gente deuota,  
 Bota os olhos ao varaõ,  
 E pello que nelle nota,  
 Nota grande perfeição.

O tem.

283.

284.

285.

286.



SANTO ANTONIO.

287. O tempo em que se dizia  
A Missa que elle ajudava,  
Dava exemplo a quem o via,  
Que os olhos não leuantaue,  
E o pensamento ao ceo via,  
288. Que quando os olhos são faltos,  
De ver os fumos da terra,  
Com que o mundo nos faz guerra,  
São os pensamentos altos,  
E vem o que o ceo encerra.  
289. Assim o rosto pregado,  
Como em seu retrato tem,  
Na terra de que he formado,  
E considera tambem,  
Que ha de ser nella tornado.  
290. Não deixa de imaginar  
Dôs homẽs feitos de terra,  
Se em terra seão de tornar,  
Quem contra tão bom Deos erra,  
Quem erra sem se emmendar.

Se



Se o que semea o pastor,  
291.

Dè o recolher se recrea,  
Tambem do mesmo teor,  
Assi colhe o peccador,  
O fruto do que semea.

là a este tempo acabado  
292.

Via o officio Diuino,  
E com contino cuidado,  
No seruiço era contino,  
A que contino era dado.

Não cança de trabalhar,  
293.

E co trabalho descansa:  
Porque quem por Deos cançar,  
Quando trabalhando cansa,  
Trabalha por descansar:

Todo o tempo que lhe fica,  
294.

De suas obrigações,  
Para falar não no aplica,  
Que quem fala em orações,  
Calando com Deos pratica.

E se



SANTO ANTONIO.

29. E se falava, com tudo  
Não no lencem no conuento,  
Fala c'um amigo mudo,  
Que tinha em seu aposento,  
Leal, deuoto, & sezudo.
296. Tinha este amigo consigo,  
De tão virtuosas manhas,  
Por seguro, & sem perigo,  
E tão leal, que as entranhas  
Lhe descobre como amigo:
297. E por ser amigo velho,  
De virtudes curioso,  
Com elle toma conselho;  
Porque o velho, & virtuoso,  
He hum verdadeiro espelho:
298. Depois de terem hum pequeno  
Falado em cousas do ceo,  
O santo de mão lhe deo,  
Elle, que sentio o aceno,  
Calouse, & não respondeo.



No posto & lugar a onde  
 O deixa, ja mais se aballa,  
 Tão conforme conrresponde,  
 Que se lhe fala responde,  
 Se não lhe pergunta cala.

299.

E porque fechado o deixa,  
 Como sempre costumaua,  
 Nem descontente ficaua,  
 Nem se altêra, nem se queixa,  
 Sempre de hum semblante estaua.

300.

Estaua o Conuento todo,  
 Sem rûmor nem reboliço,  
 E o nosso humilde nouiço,  
 Buscando de seruir modo,  
 Que enfim hê de Deos seruiço.

301.

E quando a comunidade  
 Não tem nenhũ exercicio,  
 Não tem elle ocofidade,  
 Diante de hum crucifixo,  
 Està com sua humildade.

302.

Ora



SANTO ANTONIO.

303. Ora no chão debruçado,  
Ora os goelhos no chão,  
Ora em pé ja levantado,  
E com o açoute na mão,  
Mais que em lagrimas banhado;

304. E das muitas que vertia,  
Tendo o rosto ja enxuto,  
O que por Iesu fazia,  
Não lhe parecendo muito,  
Estas palavras dizia.

305. Meu bom Iesus se levanto  
Os olhos para essa Cruz,  
Sera crueza & espanto,  
Ser eu quem nella vos puz,  
Sem me desfazer em pranto.

306. Os homês prezos, & escrauos,  
Com essas fermosas rosas,  
Lhe comprastes seus agruos,  
E forão as rosas fermosas,  
Nascidas de hús pês de crauos.

Sinco



Sinco fontes vejo em vos } 07.

Arder de amor nua fragoa

De fangue só, para nós,

E por sinco em fangue sôs,

Não fazemos duas de agoa.

Louuão o pelicano humano, } 08.

Dar seu fangue de contino,

E o diuino pelicano,

Dando seu fangue diuino,

Tratado como tirano;

E estando na cruz pregado, } 09.

Aberto o lado, & os braços,

Mostráime sendo eu culpado,

Receberme com abraços,

Chegandome ao santo lado:

Atalharãolhe o discurso, } 10.

Algũas cellas, que abrião,

E porque os padres sahião,

Elle hia retendo o curso,

Do que os seus olhos vertião:

E lo-



SANTO ANTONIO.

311. E logo com diligencia  
Abrirão do templo as portas,  
Mas não pode ná apparencia,  
Encubrir as cores mortas,  
Da passada penitencia.

312. Todos punha em confusam,  
A diligencia continua,  
Com que serue este varão  
Com continua deciplina,  
E frequentáda oração.

313. E com virtudes tam bellas,  
Duas de mór calidade,  
Que realção à todas ellas,  
Obediencia, & humildade,  
As quais Deos se reué nellas.

314. E contra a rede que lança,  
O mundo inimigo forte,  
Em defensa, & segurança,  
Tras com lembrança da morte,  
Fê, Caridade, Esperança.

Este



Este inimigo que delle 315.

Em vão pretendia a palma,

Vendo as tres virtudes nelle,

C'os tres inimigos d'alma,

Se armão de todo contra elle:

Por onde a paciencia santa, 316.

E da humildade a potencia,

A força infernal espanta,

Que a humildade, & paciencia,

Sempre a soberba quebranta.

Traz o inferno na memoria, 317.

Por subir ao bem eterno,

Que na vida transitoria,

Memoria, & temor do inferno,

Dão esperança de gloria;

E por meter mais espanto, 318.

E fazello Deos perfeito,

Deos que tem fogeito tanto,

Quis pór tanto num fogeito,

Por ficar perfeito, & santo.

F

Ia a



SANTO ANTONIO.

319. Iã a luz fermosa, & branca,  
Que alegrava toda a terra,  
Pera o mar da terra arranca,  
E como no mar se encerra,  
Fazia o dia carranca.

320. Iã do campo alto, & celeste,  
As boninas se enxergauão,  
Que alumiauaõ o terrestre,  
E inda que alumiauaõ,  
De luto a terra se veste.

321. Estava o mundo quieto,  
Calado em silencio mudo,  
O bom medroso, & secreto,  
O mau como nescio, & rudo,  
Solto, liure, & inquieto;

322. E o meu santo escondido  
Delle, como de hum contrario,  
Qual passaro solitario  
Só no seu ninho metido,  
Porem com Deos de ordinario;

E por.



E porque quem fô se cria, 323.  
 Estranha a conuersação,  
 Só a de Iesus queria,  
 Porque esta fô companhia  
 Tiuera na criação,

Que quando húa alma he peruerfa, 324.  
 E anda esquecida dos ceos,  
 He que co a terra conuerfa,  
 E se a terra lhe he aduerfa,  
 Tambem conuerfa com Deos.

Era imigo capital 325.  
 Do mundo, & quanto bem tem,  
 Que seu mal, & bem he tal,  
 Que se he bem não he por bem,  
 E se he mal pera mór mal,

Quer mais a tua baixeza, 326.  
 Que ser do mundo monarca,  
 E quer mais sua pobreza,  
 Do que toda a terra abarca  
 De tesouros, & riqueza.



SANTO ANTONIO.

327. Quer mais seu habito pobre,  
Com que anda mal concertado,  
Que o brocado, que o Rey cobre,  
Porque do contente pobre,  
O pano pobre he brocado:

328. Quer mais a negra correa  
Cingida pella cintura,  
Que o colar de ouro, ou cadea,  
Que do ouro a fermosura  
Era nos seus olhos fea.

329. Quer mais seus simples manjares,  
Que as conseruas cordeais,  
Que os grandes tem a milhares,  
Os seus legumes quer mais,  
Que os capões mais singulares;

330. Quer mais hũa estreita cella,  
Que a sala larga, & perfeita,  
Que ao virtuoso a estreita,  
He larga, fermosa, & bella,  
E paços por ella engeita.

Quer



Quer mais hūas disciplinas 331.

Na parede penduradas,  
Que de damasco as cortinas,  
Com que as paredes armadas,  
Outros tem ricas, & finas;

Quer mais o banco apertado, 332.

Que para deitar foy feito,  
Em que nunca esta deitado,  
Que de cedro o rico leito,  
De ouro brunhido, & laurado;

E com quantas peças tem, 333.

Tem outra mais rica peça,  
Aquelle quer mayor bem;  
E trazemos na cabeça,  
Por ser cabeça tambem;

E em vindo a luz do dia, 334.

Elle nas mãos a tomava,  
Pello bem que lhe queria,  
Como espelho em que se via,  
Deste modo lhe falava:

F 3

Fostes



SANTO ANTONIO.

335. Fostes o que eu sou agora,  
 E eu qual vos farei despois,  
 E por ser forçado esta ora,  
 Não sey se melhor me fora  
 Ter ja sido o que vos sois,

336. Vos fostes pera não vir,  
 E eu caminho ate chegar,  
 Vos, & eu emos de cumprir,  
 Nem vos podeis cá tornar  
 Nem eu posso deixar de ir.

337. Se ereis soberbo, & altiuro,  
 Ià estais no seguro porto,  
 E sois quã no mundo esquiuro  
 De vos original morto,  
 E de mim retrato viuro;

338. E se o tempo assim vos pos,  
 Quando a jornada acabastes,  
 Cã, por espelho ficastes,  
 E se eu tomo espelho em vos,  
 Vos noutro, espelho tomastes.

Sois



Sois tão verdadeiro espelho, 339.

E leal, que me deixais ver,

O que eu despois ei de ser,

Sois letrado, que conselho

Me dais pera bem viuer:

Sois painel, que mostra ao viuo, 340.

Aonde ei de tomar porto,

Por força como catiuo,

E sois así feo, & morto,

Verdadeiro exemplo viuo.

Desengano do que passa, 341.

Mestre, que a verdade ensina,

Guia desta vida escassa,

E justiça, que ameaça,

A quem não teme a diuina.

Sois forol, que está alerta, 342.

E o que está por vir declara,

Relógio de conta certa,

Que mostra o ponto onde para,

E calado nos desperta:

F 4

Sois



SANTO ANTONIO.

343. Sois mar de que não escapa  
Nenhum rio baixo, ou fundo,  
Do mais humilde ao Papa,  
E fois largo, & grande mappa,  
Que mostraes o fim do mundo.

344. Sois hũa rede escondida,  
Que armada está como laço,  
Que prende a quantos tem vida,  
E fois conta muy comprida,  
Que se foma em pouco espaço.

345. Sois aquella espada nua,  
Posta sobre a Real pessoa,  
Porque emmende a vida sua,  
E que a vida não possua,  
Sem ter hum bicho que o roa.

346. Sois posta que nos leuais  
Ao lugar que nos importa,  
Sois tocha que alumiais,  
E com terdes a luz morta,  
O caminho nos mostrais.

E af.



E assim mortal, tofco, & rudo,  
 E a cor tão mal affombrada,  
 Secco, triste, furdo, & mudo,  
 E morto fois isto tudo,  
 E eu sou viuo, & não sou nada.

347.

E porque vio, que era licito  
 Hir donde tem por costume,  
 Por subir ao alto cume  
 Da virtude, vay solícito,  
 E a contemplação resume.

348.

Iá o Religioso nouo,  
 E o meu santo diligente  
 Por santo o conhece a gente,  
 E por elle a voz do pouo,  
 Pella voz de Deos se sente.

349.

Iá como hortelão que tem  
 A seu cargo, & a seu gosto  
 Húa horta, a regala vem;  
 Mas primeiro rega o rosto,  
 Co as fontes que d'elle vem.

350.

E an-



SANTO ANTONIO.

351. E antes que chegasse á arvore,  
 Que o fructo, que deu por nós,  
 Noutra arvore se transpós,  
 Em hum frio, & duro marmore,  
 De humildade a bocca pós.
352. A Virgem perdão pedia,  
 Porque a seu filho offendera,  
 Não de malês, que fizera,  
 Mas de bês, que não fazia,  
 Que inda fazer não pudera.
353. E em caindo aquelle aljofre  
 Sobre as rofas coradas,  
 Erão da Virgem apanhadas,  
 No Ceo postas como em cofre,  
 Por Anjos entesouradas.
354. E pagando à Virgem santa,  
 De seus olhos o tributo,  
 A humildade se levanta,  
 Porque da humildade o fructo,  
 Ao Ceo chega onde se planta.

Com



Com tanto temor nauega 355.

Na perigosa viagem

Desta vida errada, & cega,

Que por ter boa passagem,

Alma, & vida a Deos entrega.

Elle o primeiro he, que vem, 356.

Para o seruiço, & trabalho,

O qual por descanso tem,

E ao descanso, & gualho,

O derradeiro tambem.

No concurso, & reboiço 357.

Da gente que ao templo vae,

A que entra louua o nouico,

Louua o nouiço a que fae,

Todos em fim falão nisso,

Iâ a fama estendia as asas, 358.

E na casa dos pays voa,

O vulgo que ouue o que foá,

Deita mil benções às casas,

Dos pays, com noua tamboa.

Qual



SANTO ANTONIO.

359 Qualquer parente, que ouuia  
Taes nouas de tal parente,  
De alegria endoudecia,  
Que a verdadeira alegria  
Em Deos consiste sómente.

360. Nem o thesouro escondido,  
Achado do cobiçoso,  
Iá gozado, & possuido,  
Deue de ser tão querido,  
Como hum filho virtuoso.

361. Porque aquelle a quem afaga  
A ambição, & interece,  
A virtude não conhece,  
Nem conhece com que paga  
Deos, a quem nella florece.

362. Todo o valor, & a grandeza,  
A grandeza; & magestade,  
A Magestade, & nobreza,  
Do meu santo, era humildade,  
Obediencia, & pobreza.

Ia seus



Ja seus parentes, & amigos, 363.

Vão visitalo contentes,

Mas foge de seus parentes,

Como de grandes perigos,

Por fugir inconuenientes.

Porque despois que se encerra 364.

Naquelle lugar sagrado,

Tem com Deos aueriguado,

Que para as cousas da terra,

A de estar viuo enterrado.

E por não dar a entender, 365.

Que não gosta de ser visto,

Mil vezes se deixa ver,

Por dissimular com isto,

A ausencia que quer fazer.

Que na alegria do rosto, 366.

Não descobria a tenção,

Que tem no coração posto,

Que posto no coração

Tinha de mudar o posto.

E por



367. E por não fazer excesso  
No anno, que era nouiço,  
Determina este successo,  
Despois que fosse professo,  
Que andaua em vesporas disso.
368. Trazia no pensamento,  
Que era muy grande desordem  
Visitações no conuento,  
E mudar-se he seu intento,  
Ficando na mesma ordem:
369. Consideraua o varão,  
Que se antes buscallo vem,  
De ter feito profissão,  
Que despois sera tambem  
Mayor a inquietação.
370. Para de todo apurar-se,  
E por fugir do perigo,  
Que estaua em communicar-se;  
Tinha com Deos, & com si go,  
Determinado mudar-se.



O lugar posso eu mudar, 371.

Dizia a seu Redemptor,

Mas o amor firme a de estar,

Porque se elle he firme amor,

Não se muda co lugar,

Vos da gloria meu Iesus, 372.

Por me amardes vos mudastes

A hũa cruz, onde vos puz,

Mas nem por isso deixastes

De me amardes nessa Cruz;

Se eu tam bemafortunado 373.

Fora, que me vira assim,

Por vos n'hũa cruz pregado,

Como vos fostes por mim,

Fora eu bemaumenturado;

E porque de mim conheço, 374.

Que inda não mereço ter

Tanto bem, quanto vos peço,

Fazei, que o que não mereço,

Faça pello merecer:

Isto



SANTO ANTONIO.

375. Isto co seu Redemptor  
Co pensamento pratica,  
E o perfeito amador,  
Tambem se lhe comunica,  
Sem lingua em lingua de amor.

376. Tinha seu humilde espirito,  
No infinito amor posto,  
E o amor puro infinito,  
Lhe estaua vendo no rosto,  
Todo o coração escrito.

377. Assim como o sol traspassa  
Algum vidro cristalino,  
Que ferindo lhe dà graça;  
Fere Iesus sol diuino  
No santo, como em vidraça;

378. Não falta quem diga, & note,  
Que o meu santo se enleuaua,  
Porque a Missa que ajudaua,  
Acabaua o sacerdote,  
E de orar não acabaua.

E por-



E porque o rumor da gente,  
 O inquieta, & espanta,  
 Se leuanta humildemente,  
 E quanto mais se leuanta,  
 Deos mais humilhado o sente.  
 Que donde a humildade mora,  
 Serue de serua a vontade,  
 E a Deos agrada, & namora,  
 Que a Senhora da humildade,  
 Quis ser serua, & foy Senhora.

379.

380.

Hião saindo entre tanto  
 Os deuotos, & os fregueses,  
 E só ficaua a hum canto,  
 Aquella que noue meses  
 Nas entranhas trouxe o fanto.  
 E como entraua, & saya,  
 Da Sanchristia aos altares,  
 A faudade, & alegria  
 Manifestauão os milhares  
 De lagrimas que veitia.

381.

382.

G

E por-



SANTO ANTONIO.

383. E porque não pode fer  
 O bem da seu bem falar,  
 Mil olhos quifera ter,  
 Pois á de ver, & chorar,  
 Por poder chorar, & ver.

384. Elle porque a mãy suspira,  
 Sente, que a mãy aly está,  
 E cô animo que admira,  
 Que Deos a seus seruos dá,  
 Já mais a cabeça vira.

385. Como aquella alma tão bella,  
 Não ver promettido tinha  
 Mundo, terra, ou coufa della,  
 E sua mãy do mundo vinha,  
 Não se quis virar para ella.

386. E como â fanta humildade  
 A mãy já não pode ver  
 As nuuens da faudade,  
 Tornão a seu rosto a chouer,  
 A derretida humidade.



Queria o templo fecharse, 387.  
 E ella não se levanta,  
 Que era a saudade tanta,  
 Que inda para levantar-se,  
 O animo lhe quebranta.

O respeito do lugar 388.  
 As lagrimas lhe enxugarão,  
 E a fizerão levantar,  
 Mas os olhos lhe ficarão,  
 Onde não pode ficar.

Vay com vagarosos paços, 389.  
 Por se despedir mais tarde,  
 De quem desejou nos braços,  
 Pois não pode com abraços  
 Matar o fogo, em que arde.

Hum mar por amar vertia; 390.  
 E não temperava a magoa,  
 Do grande amor em que ardia;  
 Que como era de amar a agoa,  
 Mais o fogo lhe ascendia.



SANTO ANTONIO.

391. E vendo que ja de todo  
Se hia sem poder ter,  
Modo para o filho ver,  
Para o filho deste modo,  
Em vão começa a dizer.
392. Se achardes meu religioso,  
Que em me fugir ganhais palma;  
Fugî sede virtuoso,  
Mas eu minha alma hê forçoso,  
Bulcar deste corpo â alma.
393. E se vossa ordem ordena,  
Que em fugir ganheis victoria,  
Consolar-me ey na memoria,  
Lembrarme que minha pena,  
Hê causa de vossa gloria.
394. Isto hia dizendo aquella,  
Que como may quer ao santo,  
E o santo na sua cella,  
Fala com hũa entre tanto,  
Que não ouue outra como ella.

Tinha



Tinha por rico apparato 395.

O retrato em seu abrigo,  
Que de quantos tem consigo,  
Hê deste vnico retrato,

Em particular amigo:

E enleuada a fantasia 396.

No supremo Original,

Pello retrato, que via

Pellos beijos de coral,

Estas rezoões pronuncia.

Flor suaue, & odorifera, 397.

Que estás na morada celica,

Por pura firme, & fortifera:

Flor que adora a Corte Angelica,

E teme a infernal pestifera.

Vos no beatifico gremio 398.

Da congregação beatifica,

Alem de pura, & manifica

A coroa palma, & premio

Tendes de humilde, & pacifica.



SANTO ANTONIO.

399. Oje confirmo à amizade,  
Em que tão contente viuo,  
Oje engeito a liberdade,  
Oje catiuo a vontade  
Por ficar vosso catiuo.

400. Oje com grande aluoroço,  
Quero ser vosso, & não meu,  
Oje alegre dizer posso,  
Que tem a gloria de seu,  
Quem não hê seu por ser vosso.

401. Oje a minha alma vos pede  
Da graça que de vos mana,  
Pois nessa mão soberana  
Deos tanto bem lhe concede  
Para a geração humana.

402. E se hum hesse, & crauo posto,  
Mostra no rosto o escrauo,  
Eu que o sou com tanto gosto,  
Trago posto o hesse, & crauo  
dentro n'alma, & não no rosto.

Que



Que os finais que n'alma estão, 403.  
 Logo dão claros finais  
 Dos que vossos seruos são,  
 Que os finais de amor são tais,  
 Que mil finais de amor dão.

Oje vos dou hum final 404.  
 Do amor que n'alma reuiue,  
 Que inda que o corpo hé mortal,  
 Morre o corpo, o amor viue,  
 Pois viue n'alma immortal.

Aqui fez o humilde pauza, 405.  
 E foy seruir diligente,  
 Por vér que era cauza vrgente,  
 E não dar motiuo ou, cauza  
 A parecer negligente.

O dia da profissão 406.  
 Que há tantos que vér espera,  
 Via chegado o verão  
 Inda que em seu coração  
 Professo já de antes era.



SANTO ANTONIO.

407. Ià o illustre ajuntamento,  
Para a capella mayor  
Se vão lentar num momento,  
E lá toma o seu prior  
Hum mais leuantado assento.

408. Iá da felice ventura  
Chegou a ditosa hora,  
Emque tanto bem procura,  
E emque para sempre jura,  
Ser escrauo da Senhora.

409. Ià co abito nas mãos,  
E a tunica sô vestida  
A princesa esclarecida,  
Promette, & aos mais irmãos  
Seruindo acabar a vida.

410. Ià tendo feita a promessa  
A Virgem, & seu Redemptor,  
Por sua humilde cabeça  
O venerauel prior  
Lançar o abito começa.

Iá



lâ poem a boca na terra,  
 Em que se â de conuerter,  
 Só para dar a entender,  
 Que para o mundo se enterra,  
 Quem tão sancto estado quer.

411.

lâ o Auditorio junto  
 Dos padres que aly se acharão,  
 Antes que o leuantarão  
 Como se fora defuncto,  
 Os officios lhe cantarão.

412.

E leuantado daly,  
 A todos com humildes passos  
 de joelhos vay dando abraços,  
 E os padres cada hum por si,  
 Lhe lanção tambem seus braços.

413.

Chega ao cidadão virtuoso,  
 E a bemitosa molher,  
 May ditosa, & pay ditoso,  
 Que hum filho chegarão ver,  
 Virtuoso, & religioso.

414.

De.



SANTO ANTONIO.

415. Debruçado em continente,  
O pay o leuanta azinha,  
Mas o filho obediente  
poem a boca humildemente  
A onde o pay os pês tinha.
416. A força do amor com magoa  
Fez ao pay duas fontes logo,  
E sendo o peito hũa fragoa,  
Arde o fogo, & crece a agoa,  
E não mata a agoa o fogo.
417. O filho os pês lhe beijaua,  
Os inefmos pês abraçando,  
O pay tambem não cessaua  
Que sobre elle está chorando,  
E chorando o abraçaua.
418. A may que aly tambem vinha  
A ver, & gozar seu bem:  
Bem sente, porque não tem  
Nos braços o que o pay tinha,  
Que queria ter tam bem.



E se ô vulgo pôs espanto,  
vér de amor tantos finais,  
Não me espanto que saõ pays,  
Antes sendo pays me espanto,  
Como não fizerão mais.

419.

Os amigos, & parentes,  
Que à sancta boda se acharão,  
Bem contentes o abraçarão,  
E outros ficão descontentes,  
Que sem o abraçar ficarão.

420.

Iá os padres se recolhião,  
E o seu professo leuauão,  
Mas todos os seus que o vião  
Cos olhos manifestauão,  
O que os corações sentião.

421.

Qualquer amigo, ou parente  
Imagina, que professo  
O verá mais facilmente,  
Mas hé muyto differente  
O que imagina ao successo.

422.

Por-



423 Porque tudo o que não era  
Disciplina, & oração  
São cousas que não quisera,  
Que espera húa tentação  
Na visitaçãõ, que espera.

424. E Vendosse atormentado  
Do mundo por tantas vias,  
Humilde, manso, & calado,  
Como sancto, & auifado,  
Disimulou algũs dias.

425. Intentar tal novidade  
Lhe dà medo, & esperança,  
Esperança do que alcança.  
E medo que à liuiandade,  
Iulgarão sua mudança.

426. Mas Iesus que este segredo  
Só lhe sabe, & lhe sustenta;  
Lhe tira do peito o medo,  
E a esperança lhe acrescenta,  
Para se mudar mais cedo.

E por-



E porque o mundo o combate, 427.

Que não remate esta obra:

Iesus, que quer que a remate,

Lhe dá para a pôr por obra,

Mais no desejo hum quilate.

Os vicios maos que vierão 428.

Do inferno com seu poder,

Isto estoruar lhe quiserão,

Que do meu sancto entenderão,

O que despois veo a ser.

E como Deos lhe mostrou 429.

Segurança em seu receo,

O animo assegurou,

E sem meter tempo em meo,

Meo a se mudar buscou.

Que Deos que não quis detença 430

Em obra tão bem fundada,

Lhe dà hora accomodada,

Para pedir a licença

Tão justa, & tão desejada.

E ef-



SANTO ANTONIO.

431. E estando determinado  
Este ouzado caualeiro  
De Christo amado, & armado,  
Amado por verdadeiro,  
E por verdadeiro amado.
432. E co diuino feruor,  
Que em sua alma sempre teue,  
Co a reuerencia que deue,  
Se lança aos pés do Prior,  
Onde grande espaço esteue.
433. Vendo o Prior tal paciencia  
Do chão o mandou erguer,  
Sob pena de obediencia,  
E elle por obedecer,  
Logo o fez com diligencia.
434. E até que não lhe otorgara  
A licença que lhe deu,  
Para falar não falara,  
E como lha concedeo  
Seus pensamentos declara.



Dá a entender, que pretende  
 A sancta Cruz permudar-se,  
 Porque deste modo entende  
 Da geração apartar-se,  
 Que o perturba, & offende.

435.

O prior por conhecer  
 A virtude, & ser, que ha nelle,  
 Licença darlhe não quer,  
 Mas como Deos quer, quer elle,  
 Ouue de lha conceder.

436.

Concede â sancta humildade,  
 Com vontade o que lhe pede,  
 Porque era de Deos vontade,  
 Ainda que lha concede  
 Com grande difficuldade.

437.

E como a mão sempiterna  
 Moue tudo o que se moue:  
 A mesma vontade eterna,  
 A do seu prior gouerna,  
 Porque a sua não lhe estorue.

438.

Hon.

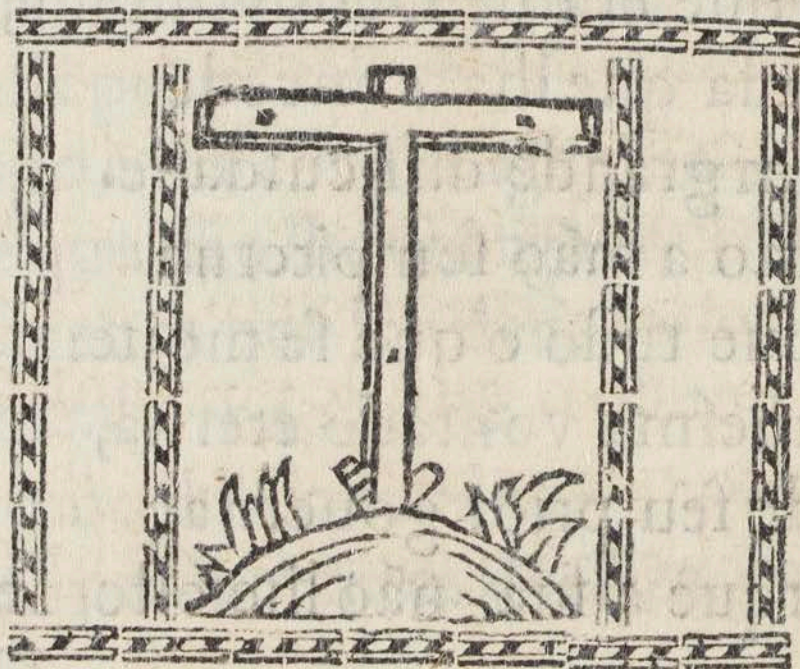


SANTO ANTONIO.

- 439 Honra, esforça, anima, abraça  
O soldado de Iesus,  
E lhe dê traça que o faça,  
E com a diuina graça  
Passa para sancta Cruz:
440. Passado a Coimbra o sancto,  
Ao nobre, & real mosteiro,  
Aly descansa algum tanto,  
E eu do segundo canto,  
Para tratar do terceiro.

*Fim do segundo Canto.*

TER.





## CANTO III.

*Trata como esteue onze annos em sancta cruz de Coimbra, & do que passou até virem os Ossos dos martyres, que São Francisco mandou prêgar a Fê a Marocos, & como sê metêo frade Menor na hermida, que está fora de Coimbra, & mudou o nome, & foy prêgar a Fê aos Mouros, & a doceo, & tornã dosse para Espanha foy com tormenta dar em Cicilia.*



O vos diuino piloto,  
Em quẽ meu talêto emprêgo,  
Por vosso seruo, & deuoto  
Me podeis liurar do pego  
Em que nauêgo remoto.

451.

là no largo laberyntho  
De vossas virtudes vejo,  
Ser pouco o que de vos pinto,  
E sinto, que meu desejo,  
Não chega ao que de vos sinto.

452.

H

Pedí



SANTO ANTONIO.

- 453 . Pedî ao minino vosso,  
Que meu intento não mude,  
E com virtude me ajude,  
Que sem virtude não posso  
Tratar de vossa virtude.
454. E â Emperatriz da gloria,  
Vniuersal padroeyra,  
Pedí que ajudarme queira,  
Que na vossa sancta historia,  
Vou no meyo da carreira.
455. E là descansay com ella  
Nesse infinito descanso,  
Que eu à vossa conta, & della,  
No mar deste mundo lanço,  
A minha barquinha á vella.
456. E se algũs baixos ouuer,  
Aonde temer se possa,  
(Que baixos deuem de fer)  
Olhay, que esta empresa hé vossa,  
Vos aueis de deffender.



lã vinha pello Oriente 457.

Com ledô, & risonho rosto,  
Aurora alegrando a gente,  
Quando em sancta cruz contente  
O meu sancto estaua posto.

Postrouse a sancta humildade, 458.

Com sua humildade sancta  
Com as mãos nos pês do abbade  
Com honestidade tanta,  
Que espanta a honestidade.

De joelhos sem dizer nada 459.

Cos olhos quasi fechados,  
A boca tambem fechada,  
Tambem os braços cruzados,  
E a cabeça inclinada.

Afeiçoa estranhamente 460.

Ao prior a honestidade,  
E quisera de contente,  
Que toda a communitade  
Estiuera aly presente.

H 2

Tomada



SANTO ANTONIO.

461. Tomada a sancta benção,  
Que elle no chão esperava  
Se humilhava mais ao chão,  
E o prelado como irmão  
C'hum abraço o levantava.
462. E porque delle entendeo,  
Que grande virtude encerra,  
Que estudasse pretendeo,  
Por fazer delle na terra  
Mais hum doctór para o Ceo.
463. Que sem duuida seria,  
Pellas mostras que lhe vé,  
Estudando Theologia,  
Co luna da sancta fè,  
Rayo contra a heregia.
464. E como molher a fama,  
Que já mais calada esteue,  
Sancto a frey fernando chama,  
E solta, ligeira, & leue  
Pella terra se derrama.

Elle



E elle que por se esconder  
 Deixara seus naturais,  
 Deos que vé tal, tal não quer,  
 Que quanto se esconde mais,  
 Mais o buscão pera o vér.

465.

Escondido estar queria,  
 Pois via a Deos escondido,  
 Como Elias lá fazia,  
 Que n'húa coua metido,  
 Dizia que á seu Deos via.

466.

Pretendia coa mudança,  
 Que o não conheça ninguem,  
 Mas a fama não descansa,  
 Por que as virtudes, que tem,  
 Mil rayos como sollança.

467.

Quanto a pênitencia sancta,  
 Ao ceo levanta hū'alma,  
 O corpo abate, & quebranta,  
 Porque a alma hé como a palma.  
 Que co peso se levanta.

468.

H 3

E quan-



SANTO ANTONIO.

469 . E quanto mais se precata,  
Não ser por quem hê sentido,  
Tráta Deos de agardecido,  
Por sancto, que com Deos tráta,  
Seja o sancto conhecido.

470. Todos seus diuinos modos,  
Com que com todos trátaua,  
A todos afeiçãoaua,  
E selhe afeição todos,  
Porque a todos se humilhaua.

471. Era em estrêmo calado,  
E por estrêmo benigno,  
E no seruiço estrêmado,  
E estrêmado em contino,  
A oração a que hê dado.

472. Tambem costumado vinha,  
Em a diuina abstinencia,  
Que se estudar lhe conuinha,  
Não lhe tira a penitencia,  
Que elle por regalo tinha.

Não



Não tira a hora ao estudo 473.

Polla dar â oração:

Hê em tudo tão sizado,

Que de tudo lança mão,

Porque serue a Deos em tudo.

Despois que se desfobriga 474.

Disto aque está obrigado,

Porque a carne o não perfiga,

Toma tempo accomodado,

Para açoutar a inimiga.

E ao tempo mais quieto, 475.

De silencio, & sem rumor,

Se vay a hum lugar secreto,

A castigar com rigor,

Quem o trázia inquieto.

Chegado o sancto ao posto, 476.

Onde a batalha à de ser,

O corpo ja descomposto:

Se a carne mostrà temer,

O espirito não vira o rosto.

H4

Que



SANTO ANTONIO.

477. Que aquelle pay infinito,  
 Que na cruz por nós moria,  
 Por nós o calix bebia,  
 Que lhe aceitaua o espirito,  
 Mas a carne o deffendia.
478. E leuando hum cordão,  
 Sem dôr com contentamento,  
 Sem receo, & com rezão,  
 Se ao corpo daua tormento,  
 A alma consolação.
479. Que se a carne hé estimada,  
 A alma sospira, & chora:  
 pore m se for maltrâtada,  
 Sera senhora, a senhora,  
 Que foy pera o ceo criada.
480. E cos golpês que ferião,  
 Iâ pellos olhos não saem,  
 Perolas, que antes sahião;  
 Mas pellas costas lhe caem,  
 Robis, que no chão cahião.

E com



E com ter asperamente  
Ferido seu inimigo,  
Não ficava inda contente,  
Por vêr, que forçadamente  
O há de levar consigo.

481.

Que entende que se lhe áza,  
Co imigo em companhia,  
Mil receos cada dia,  
Que enfim hê ladrão de caza,  
Que hà de andár sempre em vigia.

482.

E tornandosse a compór,  
Liure da tentação forte,  
Que a hum forte dera temôr,  
Co as mãos postas desta sorte,  
Dizia a seu Redemptor.

483.

Desta inimiga mortal,  
Que me segue, & me persegue,  
Quer sendo bruto animal,  
Que a alma rica, immortal,  
Por escraua se lhe entregue.

484.

Desta



SANTO ANTONIO.

485. Desta que faz cruel guerra  
 A alma bella &, gentil,  
 Desta que se engana, & erra,  
 Cega, triste, baixa, & vil,  
 De pó, cinza, fumo, & terra:
486. Desta que por hũa hora  
 De gosto da vida escasa,  
 Faz â alma com quem mora,  
 Engeite a infinita graça,  
 Que a corte angelica adora.
487. Desta vãa, louca, & prófana;  
 Desagradecida, ingrãta,  
 Que a hũa alma soberana,  
 Com quem communica, & trata,  
 Desbarãta, cega, engana.
488. Desta de terra fórmada,  
 Mas â vossa imagem feita,  
 Que á alma traz sopeada,  
 Sendo a alma mais perfeita,  
 De Deos querida, & amada.

Desta



489.  
Desta misera, & mesquinha,  
Que aminha'lma desapossa  
Do valór, que de antes tinha,  
Liuray a alma minha, & vossa,  
Que minha'lma hê vossa, & minha.

490.  
Desta carne, & desta sombra,  
Que me asombra de contino,  
Por que a alma que ella asombra  
A sombra do sol diuino,  
Tudo alegre, & desasombra.

491.  
Se o tempo, & forças lhe dera  
Lugar para mais dizer,  
Mais dissera, & mais fizera,  
Mas não pode mais fazer,  
Posto que elle mais quisera.

492.  
Todas suas forças punha,  
Mas não podem as forças mais,  
Por mais, que o espirito despunha,  
Porque do sangue os sinais,  
Erão boa testemunha.

E logo



SANTO ANTONIO.

493. E logo manso, & sisudo,  
Como se nada passara,  
Se recolhe em seu estudo,  
Mostrando prudencia rara,  
Como raro enfim em tudo.

494. Tão raro na charidade,  
Como excelente em clemencia,  
Tão famoso na humildade,  
Quanto espantoso em paciencia,  
E vnico em toda a bondade.

495. Espantaua em estudar,  
E encantaua em comprénder,  
Mas nem com tanto saber  
Deixaua hum dia de orar,  
E penitencia fazer.

496. Que o que mais o inferno espanta,  
E poem em môr confusão,  
Hé, que estudando o varão  
Não perde a abstinencia sancta,  
Nem se esquece da oração.

Por-



Porque a mão diuina, & pura,  
 Que o Ceo, & terra possue,  
 Tudo o que o sancto prócura  
 Saber da sancta escriptura,  
 Sem tempo n'alma lhe influe.

497.

Que vendo tanto em extremo  
 Delle as letras desejas,  
 Fez nelle tão raro extremo,  
 Que o faz nas letras sagradas,  
 Antes de tempo suprêmo.

498.

E como Deos o ensinava,  
 Que o tempo sem tempo muda,  
 Favor, graça, amor, & ajuda,  
 Em quanto estuda lhe daua,  
 Por comprênder quanto estuda.

499.

E com a rara sapiencia,  
 Que o espirito diuino  
 Dotou á sancta innocencia,  
 Não deixava de continuo,  
 Seruir por obediencia.

500

Vendo



SANTO ANTONIO.

501. Vendoo, tão auentajado  
Nas letras o seu prêlado,  
E que assi seruindo anda  
Com amor lhe pede, & manda  
Ande mais autorizado.
502. Rogaua ao sancto varão,  
Tenha mais autoridade,  
Pois tem tanta perfeição,  
Que a verdadeira humildade  
estaua no coração.
503. Elle tornaua, & dizia,  
Que o estudo não perdia,  
Que o seu Iesus o ensinava,  
Inda que seruindo andaua,  
Porem que não seruiria.
504. Demodo se justifica  
Com virtude, & graça tanta,  
Que o prior já não replica:  
Antes da humildade sancta  
Confuso, & vencido fica.

E com



E com amor, & afeição  
 Lançandolhe hũa benção,  
 Que só estude lhe pede,  
 Nisto o sancto se despede  
 Iuntando a boca co chão.

505.

Iâ Phebo louro, & rosado,  
 Que em sua Esphera caminha,  
 Tinha seu curso acabado,  
 E ao reyno descansar vinha,  
 Humedo, frio, & salgado.

506.

Quando se recolhe aquelle,  
 Que Deos para si escolhe,  
 Que bem mostrará o bem q̃ hà nelle,  
 Que quem com Deos se recolhe,  
 Deos se recolhe com elle.

507.

E logo entrando na cella,  
 A considerar se applica  
 As joyas, & peças della,  
 Inda que pobre bem rica,  
 Pois Deos com elle está nella.

508.

Não



SANTO ANTONIO.

509. Não são as joyas mundanas,  
D'ouro, prata, & perlas finas,  
Que enfim têm fim como humanas,  
São preciosas, soberanas,  
Sagradas, sanctas, diuinas.
510. Joyas, que quem nellas trata,  
Tem do trato o ganho certo,  
Pois Deos com elle contrata,  
Trato que o peccado mata,  
E o Ceo faz que esteja aberto.
511. Tinha hum espelho excelente,  
Que para a vida conuinha,  
Sendo a morte claramente,  
Como outro que em São Vicente  
De Lisboa tambem tinha.
512. Tem mais hús cordões cordeais,  
Que á alma esforça, & anima,  
E a carne aggrava, & lastima,  
E quanto a lastimão mais  
Ostinha elle em mais estima.

Por-



Outra joya de mais graça, 513.  
 Traz escondida em segredo,  
 Que o mundo, & demonio enlaça,  
 E a carne fere, & abraça,  
 E enfim todos tres lhe hão medo.

O demonio, carne, & mundo 514.  
 Do animo sem segundo  
 Se admira com que resiste,  
 E podendo ser mais triste,  
 Fora mais triste o profundo.

E tinha com tanto bem 515.  
 Os amigos verdadeiros,  
 Que os amigos de Deos tem,  
 Que em saõ Vicente tambem,  
 Tiuera por companheiros:

O retráto sancto, & forte, 516.  
 Tinha da aruore da vida,  
 Que em nossa ditosa sorte,  
 Passou nella a vida a morte,  
 Dandonos tal morte vida.

I Porem



SANTO ANTONIO.

517. Porem a joya mais bella  
Do seu mimo, & do seu ceo,  
Era hũa imagem daquella  
Onde Deos a nacer veo,  
Ficando may, & donzella.
518. Iã tinha visto tudo isto,  
Visto estas armas diuinas,  
A imagem da Virgem visto,  
O cilicio, as diciplinas,  
Liuros, morte, & cruz de Christo.
519. Pondo o gesto bello, & graue,  
Para a Aue verdadeira,  
Aquem disse o Anjo Aue,  
Do peito humilde, & suaue,  
Solta a voz desta maneira.
520. Estes instrumentos sanctos,  
De diuina defenssaõ  
Sanctos, & diuinos saõ:  
Porem não bastão outros tantos,  
Se lhe vos não dais a mão.

Contra



Contra esta carne malina,  
 muyto a diciplina pode,  
 Mas que pode a diciplina  
 Se vossa graça diuina,  
 Não ajuda, & não acode.

§ 21.

Muyto pode a penitencia,  
 Contra a potencia infernal,  
 muyto val a resistencia:  
 Porem que pode, ou que val  
 Se falta a vossa potencia.

§ 22.

E quando fauor tîuer  
 De vosso poder eterno,  
 Eterna gloria â de ter:  
 Nem inferno â de temer,  
 Pois de vos teme o inferno.

§ 23.

Aqui a fraca natureza,  
 Pello que de antes passou  
 De fráqueza o derribou,  
 Elle de pura fraqueza  
 Sobre os liuros se ficou,

§ 24.

I 2

Ficou



SANTO ANTONIO.

- § 25. Ficou daquelle rendido,  
Que rende o mais esforçado,  
Cansado, & meo dormido:  
Mais vencido de cansado,  
Que não do sono vencido.
- § 26. Porque a noute não passasse,  
E o estudo não perdesse,  
Sobre os liuros se adormece,  
Para que quando acordasse,  
De estudar não lhe esquecesse.
- § 27. E mostralhe Deos tambem,  
O que elle sabe sentir,  
Que quem quizer adquirir  
Dos liuros o bem que tem,  
Sobre elles á de dormir.
- § 28. Quanto o corpo mais deseja  
O seu repouso ordinario,  
Quer pello contrario seja,  
Que já que elle he seu contrario,  
Assi desuelado esteja.

E Quan-



E quanto o corpo procura,  
 Descanso, quieto, & manso,  
 Lhe busca a cama mais dura:  
 Que o corpo em pouco descanso,  
 Menos no descanso dura.

529.

E acordando muyto asinha,  
 Sem se bulir do lugar,  
 Começa como conuinha,  
 Ver, ler, & considerar,  
 O que ante seus olhos tinha;

530.

Leo o bem da eterna corte  
 Infinito, & sem medida,  
 Leo Deos manso, justo, & forte,  
 Que ao bom dáua eterna vida,  
 Ao mau infinita morte.

531.

Leo das almas dos perdidos,  
 O fogo em que cada hum arde,  
 Por de Deos serem esquecidos:  
 Que de arependidos tarde,  
 Estão bem arependidos.

532.



SANTO ANTONIO.

533. Leo do summo bem eterno,  
O eterno, & summo bem,  
E leo do inferno tambem:  
E as penas do triste inferno,  
E o mal que tem quem a tem.

534. Leo o muyto que aborrece  
A diuina magestade,  
Aquelle que ensobreuece,  
Leo como Deos fauorece  
A santissima humildade.

535. Leo do dia riguroso,  
Para o mundo o derradeiro,  
Como Deos brando amoroso,  
E mansissimo cordeiro,  
Então fera riguroso.

536. Pondoſſe a considerar,  
Considera por ſaber,  
E ſabe para prêgar,  
Prêga para conuerter,  
Conuerte para ſaluar.

Ama



Ama a Deos por ser amado, 537.

Quer a Deos por ser querido,  
Honra a Deos por ser honrado,  
Quer ser por Deos abatido  
Por ser por Deos leuantado,

Quem deseja de subir, 538.

Ao choro celeste, & sancto,  
Saiba o meu sancto seguir,  
Que soube seguir bem tanto,  
E de tanto mal fugir.

Quem como elle resistio, 539.

Afsi á carne se atreue,  
Subirá onde subio,  
E vendo a Deos que elle vio,  
Tera o bem que elle teue.

Quem daquella aruore sancta, 540.

Onde o mundo se comprou,  
Se armar como se elle armou,  
Irà gozar gloria tanta,  
Quanta o meu sancto gozou.



SANTO ANTONIO.

- § 41. A este tempo os refulgentes,  
Rayos da luz mensageiros,  
Alegres, & diligentes,  
Vem pellos altos outeiros,  
Chamando a todas as gentes.
- § 42. Quando abre o sancto a cella,  
Tão bella aos olhos de Deos,  
E bella hà Virgem, & may bella,  
Cella que fechado nella,  
Està vendo aberto os Ceos.
- § 43. Aberto o sancto aposento,  
O sancto corre a memoria,  
Se em toda a noute hum momêto  
Offendera o Rey da gloria,  
Em palaura, ou pensamento.
- § 44. Vay com seus humildes passos  
Escasos, & vagarosos,  
Mas não na virtude escasos:  
Porque nunca derão passos,  
Que não fossem virtuosos.

Sempre



Sempre aquelles pès andarão,  
 pello caminho dos Ceos,  
 Nunca seus olhos olharão,  
 Nem suas mãos se empregarão,  
 Mais que em seruiço de Deos.

545.

Sempre empregou seus cuidados,  
 Em Deos aquem são devidos,  
 Que os q̄ em Deos são empregados,  
 Por Deos são agradecidos,  
 E muyto melhor pagados.

546.

A lingua por cousa rara,  
 Sae hũa palaura della,  
 Tal, que se não na guardàra,  
 Deos, para prêgar por ella  
 Em toda a vida falâra.

547.

E se alguem por qualquer via,  
 A responder o prouóca,  
 Como falar não queria,  
 Com giolhos, mãos, & boca,  
 Postos no chão respondia.

548

Sem



SANTO ANTONIO.

549. Sem falar calado, & mudo,  
Comprende os liuros sagrados,  
Colhendo os fructos do estudo,  
Por despois semear tudo,  
Nos corações abstinados.
550. Enquanto a lingua está muda,  
He cousa clara, & notoria,  
Que o silencio he grande ajuda  
A recolher a memoria,  
O que o entendimento estuda.
551. Chega aquella alma tão rica,  
Dos bês do ceo, ao lugar,  
Onde Deos se communica,  
E o mesmo Deos em manjar,  
Dado a todos no ceo fica.
552. Com areuerencia deuida,  
Que en tal lugar se hã de ter,  
Estã a alma agradecida,  
Entregando o ser, & a vida,  
Aquem lhe deu vida, & ser.

Con-



Consideraue o misterio,  
Raro immenso, & leuantado,  
Como Deos viuo, encarnado,  
Não cabe em todo emisferio,  
Estâ na ostia encerrado,

Aly como peccador  
De poucos merecimentos,  
Poem nas mãos do Redemptor,  
Alma, vida, & pensamentos,  
Que enfim nellas seão de pôr.

Na sancta contemplação,  
Derrete o peito suaue,  
Porque sabe o galardão,  
E sabe que a oração  
Hé do Ceo Impirio a chaue.

E porque já não seruia,  
Como ateli costumara,  
Se a gente o não perturbâra,  
Na oração que fazia,  
O mais do dia gastára.

Mas



SANTO ANTONIO.

557. Mas inda que se leuante,  
Nunca está de Deos ausente,  
Que o verdadeiro amante,  
Que ama a Deos perfeitamente,  
Sempre a seu Deos tem diante.

558. Na cella, coro, ou igreja,  
Lendo, orando, dentro ou fora,  
Em qualquer parte onde esteja,  
Sempre está com quem adora,  
Que hê quem sua Alma deseja.

559. Assim que por qualquer via,  
Via a Deos que desejava,  
Deseja a Deos que buscava,  
Buscava a Deos que queria,  
Queria a Deos que gozava.

560. E vendo o posto inquieto  
Pello rumor ordinario,  
Busca outro mais solitario,  
Por ser o lugar secreto,  
A oração necessario.

Gue-



Goelhoffe junto àquelle  
 Precioso, & sancto madeiro,  
 Que Deos por nôs morreo nelle,  
 De quem o illustre mosteiro,  
 Tem o mesmo nome delle.

561.

Estaua com as mãos cruzadas,  
 Só hã cruz offercidas,  
 Dando a entender que atadas  
 Para o mundo, & recolhidas  
 Hão de estár as mãos sagradas.

562.

Os olhos na terra postos,  
 Tambem querião mostrar,  
 Se cá tudo á de acabar,  
 Que os verdadeiros gostos,  
 Sô na Cruz seão de buscar.

563.

E a lingua honesta aonde  
 Sé vê bem claro o exemplo,  
 Porque Deos na boca a esconde,  
 Pois nunca orando no templo,  
 Fala, pergunta, ou responde.

564.

Maõs



SANTO ANTONIO.

565. Maõs, olhos lingua, & cudados,  
Empregados na cruz tem,  
E não sõmente empregados  
Os queria vér tambem,  
Mas tambem na cruz pregados.

566. Era esta alma affeçoada,  
Tanto da cruz sancta, & bella,  
Que elle na See, fez aquella,  
Cruz, que està feita na escada  
Andando seruido nella.

567. Tão amigo, & tão benino,  
De contino hé com a cruz,  
Que faz Cruzes de contino,  
Como o minino Iesus  
Fez cruzes sendo minino.

568. Queria podendo ser,  
Gozar do mimo, & regallo,  
Dêlla, & por Deos padecer,  
Que pois viue por amallo,  
Quer por amallo morrer.

Deu



Deu fim o sancto varão 569.

A contemplação diuina,  
E com sua deuação,  
A preciosa cruz inclina,  
A cabeça até o chão.

Os conegos que o tratauão, 570.

Considerando o que vião,  
Do que vião se admirauão,  
E todos d'elle dizião,  
Que hum grande sancto esperauão.

E porque desta sospeita 571.

Vem os diuinos sinais,  
Se algum na cella o espreita,  
Na cella virião mais,  
Sinais da vida prefeita.

Virião oque elle não via, 572.

Porque estaria enleuado,  
Com Iesus ná cruz pregado,  
E o retrato de Maria,  
Aque hê tão affeçoado.

Virião



SANTO ANTONIO.

573. Virião hum religioso,  
Moço, fraco de quinze annos,  
Que foy querido, & mimoso,  
Ser para si riguroso  
Com açoutes desumanos.

574. Virião as mãos que ferião,  
As brandas carnes sem magoa,  
Que a grande magoa mouião,  
E sangue as costas vertião,  
E os olhos vertião agoa.

575. E despois de verem isto,  
Virião a oração larga,  
Ser bem leue, & doce carga,  
Porque a môr carga por Christo,  
Nem carrega nem amarga.

576. E se a caso se despira,  
O que raramente faz,  
Quem o vira que sentíra?  
Que fizera quem lhe vira  
O que junto a carne traz?

Viãolhe



Viãolhe por excellencia,  
 Em publico a charidade,  
 A mansidão, a paciencia,  
 A oração, a humildade,  
 E em secreto a penitencia.

577.

A penitencia secreta,  
 Contra o peccado atreuido,  
 Hé corisco, rayo, & setta,  
 Hê hum tisouro escondido,  
 Para húa alma estar quieta.

578.

Tambem o orar solitario,  
 Hè espada de dous gumes,  
 Desta inimiga contrario,  
 E hum diuino encensario,  
 Que chega ao Ceo seus perfumes.

579.

O cilicio que reporta,  
 E rende a carne inconstante,  
 Hé hum traçado, ou montante,  
 Que esta carne fere, & corta,  
 Por detras, & por diante.

580.

K

Hé



SANTO ANTONIO.

581. Hê rede que ata, & sogiga,  
O peccado torpe, & feo,  
Corda que sustenta, & liga,  
Laço forte, & duro freo,  
Que prende a carne inimiga.
582. Hê a alma doce, abrigo,  
De proueito, & beneficio,  
E sendo suaue amigo,  
Quem traz o sancto cilicio,  
Traz castidade consigo.
583. E estacastidade traz,  
Suauidade, & limpeza,  
E a limpeza faz pureza,  
E a pureza sancta faz,  
Gozar da summa grandeza.
584. Mas ainda que alma tem,  
O cilicio, & mais amigos,  
Nã se descude ninguem,  
Porque a carne tem tambem,  
Contra ella mil inimigos.

Tem



Tem esta inimiga airada, 585.  
 Hũa fermosura fea,  
 Que a alma traz enleada,  
 Vista que engana, & recrea,  
 Como pirola dourada.

Tem hũa sombra que abraça, 586  
 O animal da rezão,  
 E saltea a fraca casa,  
 Tudo destrue, & arasa,  
 Pella porta da occasião.

Tem enganosa a figura, 587.  
 Que nos leua, & nos ensalça,  
 Porque a queda nos procura,  
 E tem àlegria falsa,  
 E venenosa a doçura.

Tem à apparencia risonha, 588.  
 Que nos chama, & nos desperta,  
 Para a perdição tão certa,  
 Tem encuberta a peçonha,  
 De falsos gostos cuberta.



SANTO ANTONIO.

589. Rayos que co sol competem,  
Rosas que coral parecem,  
Mas logo desaparecem:  
Porque os rayos se derretem,  
E as rosas se emmurhecem.
590. Tudo isto, & muyto mais tem,  
Esta bibora infernal,  
Laciua, torpe, & carnal,  
Mal, que sem parecer bem,  
Faz no mundo tanto mal.
591. Contra o diuino varão,  
Todos estes vicios vinhão,  
Armados, inda que em vão,  
Que tem a sancta oração,  
mais força da que elles tinhão.
592. Contra a diuina innocencia,  
Se arma a potencia malina,  
Mas não basta esta potencia:  
Que abraçado à cruz diuina,  
Faz diuina resistencia.

Contra



Contra a humildade pura, 593.  
 Vem estes vicios mortais,  
 Mas vem, que vem por demais,  
 Vendo a resistencia dura,  
 Nas diciplinas no mais.

Contra a penitencia sancta, 594.  
 Se arma esta yra infernal  
 Porem a paciencia hê tal  
 Que resiste a yra tanta,  
 Que tanto a paciencia val.

Contra o mais manso, & sofrido, 595.  
 Vem o inimigo da luz,  
 Mas hê de Iesus querido,  
 Que o querido de Iesus  
 Nunca pode ser vencido.

Era este poder terribel, 596.  
 Que o pretendia vencer,  
 Mas vencello era imposiuel,  
 Que o poder incomprensiuel,  
 Dalhe inuenciuel poder.



SANTO ANTONIO.

597. Como soldado em vigia,  
Espera seu inimigo,  
E de maneira se auia,  
Que pelejando consigo,  
Seu inimigo vencia.

598. As mãos ao Ceo como estrellas  
Tem, & as disciplinas postas,  
Como rayos junto a ellas,  
Etendo as armas às costas,  
Nas costas os finais dellas.

599. Batalha meo despido,  
Porque mais destro trabalha,  
Que quem por Christo batalha,  
Sai da batalha ferido,  
Mas vencedor da batalha.

600. Ficaua o sancto soldado,  
Vencedor mas temeroso,  
Dando exemplo ao virtuoso,  
Que importa andar percatado,  
De imigo tão ardiloso



Dá graças ao Redemptor,  
 Da vitoria que lhe dera,  
 E logo ao mesmo Senhor,  
 Pedia esforço, & fauor  
 Para os combates que espera.

601.

Assi passa a vida escasa,  
 Esta alma tão combatida,  
 Que a que hê de Deos querida,  
 Assi nesta vida passa,  
 Por passar há eterna vida:

602.

Mas a fama que não tinha,  
 Onde não tiuesse feyto  
 pello sancto o que conuinha,  
 De Italia a Portugal vinha,  
 Por outro humilde, & perfeyto.]

603.

Chega a fama grande, & rara,  
 E do nobre Italiano  
 As excelencias declara,  
 Italiano que inuentára  
 O bom trajo Franciscano.

604.



SANTO ANTONIO.

905. Foy hum mercador fizudo,  
Que o mundo não embarça,  
Antes soube ter tal traça,  
Que vendeo de graça tudo,  
Por comprar o ceo de graça.
606. Chegou a estar tambem quisto,  
Co credito, que cobrou,  
Que ajuntar de seu chegou,  
Os cinco Rubis que Christo,  
Na cruz por nós alcançou.
607. Este Rey dos mercadores,  
Que trãta de se salvar,  
Polla fê mais exalçar  
Seys grandes dos seus menores,  
Manda aos infieis prêgar.
608. Cinco destes seys soldados,  
Sendo a Coimbra chegados,  
Nua hermida que já avia,  
Dos da sua companhia,  
Forão bem agasalhados.

Aqui



Aqui pouco se detem,  
Que logo manifestarão,  
A empresa para que vem,  
E o que tambem começarão,  
Desejão de acabar bem.

609.

A Raynha que aly estava,  
Vendo a rara marauilha,  
Que a gente sancta intentava,  
Ajuda, & fauor lhe daua,  
Para passarem a Seuilha.

610.

Não leuão para a partida,  
Cousa que mais lhes contente,  
Que esparto, & burel sômente,  
Com que aõ de ganhar a vida  
Onde viuão eternamente.

611.

Chegão os de Deos estimados,  
E de infieis abatidos,  
Chegão os fracos, & esforçados,  
Os humildes, & atreuidos,  
Os maluestidos, & armados.

612.

Ià



SANTO ANTONIO.

613. Já poem na terra os pés bellos,  
Onde a Christo não conhecem:  
Os bandos dos mouros crecem,  
A ouuilos, mas não já a crellos,  
Porque crellos não merecem.

614. Como os sanctos passageiros,  
Erão do seu mercador,  
Leais, & fieis caixeiros,  
Para venderem melhor,  
Fizerãoosse pregoeiros.

615. Apregoão a fé de Christo,  
Querem os apedrejar  
Elles que isto vão buscar,  
Não cessão por verem isto,  
Da fé de Christo prêgar.

616. Hay pareceres maluados,  
Da gente maldita, & cega,  
Que sejam martyrizados:  
Mas inda este bem não chega  
Destes bemaumenturados.

Sae



Sâi do maldito gouerno, 617.  
 (Tão sem gouerno, nem ley,)  
 Que os da ley de Christo eterno  
 Fosse[m] leuados ao Rey,  
 De Marrocos, & do inferno.

Onde os martyres fizerão, 618.  
 O officio que lâ fazião,  
 Em Seuilha onde estiuerão,  
 E no martyrio morrerão,  
 Que tanto a Christo pedião.

Era em Marrocos então 619.  
 O Infante de Portugal,  
 Dom Pedro de el Rey irmão,  
 Que vio a mão infernal,  
 Banhar no fangue Christão.

Recolhe da santa guerra 620.  
 O despojo dentre os Mouros,  
 Pellos tesouros que encerra,  
 Por não deixar tais tesouros,  
 Nas entranhas de tal terra.

Trazia



SANTO ANTONIO.

621. Trazia o Real Infante,  
A arca, ou cofre da mina,  
Mina tão sancta, & diuina,  
Que elle qual Dauid diante,  
Endoudece, & defatina.
622. Entra em Coimbra o varão,  
Com magestade, & alegria,  
E as Reliquias que trazia,  
Em solemne procissão,  
Em sancta Cruz recolhia.
623. Os padres aluoroçados,  
Conhecem que o Infante os hõra,  
Dandolhe os ossos sagrados:  
E com tal riqueza, & honra,  
Se tem por ricos, & honrados.
624. Todos estes aluoroços,  
Notaua o conego sancto,  
Cheo de enueja, & de espanto,  
Das almas daquelles ossos,  
Que vierão a valer tanto.

Lembra-



Lembralhe que vira aquellas,  
Almas naquella cidade,  
E de saudade dellas,  
Sospira com saudade,  
Não ser a sua hũa dellas.

625.

Não lhe faz medo, & terror,  
A barbara, & cruel morte,  
Dos martyres do Senhor,  
Antes o soldado forte,  
Cobrá mais brio, & feruor.

626.

Não o espanta a morte fera,  
Que o infiel insolente,  
Nos innocentes fizera,  
Antes o sancto innocente,  
Esta sancta morte espera.

627.

De nada se temORIZA,  
Em vér o que tinha visto,  
Antes cobiçoso d' isto,  
Entende que se eterniza,  
Quem hê martyre de Christo.

628.

Não



SANTO ANTONIO.

629. Não mostra as costas ao medo,  
 O valente religioso,  
 Mas antes como animoso,  
 Deseja morrer mais cedo,  
 Para ficar vitorioso;
630. Não o faz tornar a tras  
 Ir às mãos da crueldade:  
 Antes em quanto o não faz,  
 Hé martyre de vontade,  
 Polla vontade que traz.
631. Não trocava este partido,  
 Pella cousa mais prezada,  
 Mas espera a ora amada,  
 Em que se há de vér metido,  
 No rigor da crua espada.
632. Depois que vio a vitoria,  
 Que trouxerão há patria aquelles  
 Desejosos de tal gloria,  
 Contino traz na memoria,  
 Quando elle há de ser hum delles:  
 Vafila



Vasila, cuda, imagina, 633.

Que traça, ou modo tera,

Na obra que detremina,

Como por obra porá,

Obra tão sancta, & diuina.

Pede a Christo entendimento, 634.

Paraque sem cayr laya,

Morendo com vencimento:

Porque em Christo o fundamento,

Seguro yra, que não caya.

Sabe que desta feição, 635.

O bom Christão se asinala,

E nesta imaginação,

Pondo em Christo o coração,

Deste modo a Christo falla.

Se os martyres tem de seu, 636.

Essas coroas que hã nelles,

Compradas com sangue seu,

Fazei pois forão como eu,

Que inda eu venha a ser como elles.

Se



637. Se por vos a vida derão,  
A gente ingrata, & esquiua.  
E vida em morrer tiuerão,  
Fazei que eu morrendo viua,  
Como elles mortos viuerão.
638. Se seu sangue derramarão,  
Entre a geração infame,  
Porque vossa fê prêgarão,  
Fazei, que eu o meu derrame,  
E alcance o que alcançarão.
639. Se essas almas soberanas,  
Tem as soberanas palmas,  
Por morrer nas mãos tyranas,  
Fazei que eu como essas almas,  
Morra, nas mãos inumanas.
640. Fazei que entregue esta vida,  
A gente infernal, & cega,  
Que se esta vida se entrega,  
He ganhada, & não perdida:  
Perdida com quem vos nega.

Fazi



Fazey que seja apartada, 641.

Destes hombros a garganta,  
Porque sendo ella cortada,  
Por prégar vossa fé sancta  
Sera bemaumenturada.

Fazey pois sem vos não posso, 642.

Que derrame o sangue eu,  
Que eu com grande aluoroço,  
Pois por mim destes o vosso,  
Quero dar por vos o meu.

Feyta a justa petição, 643.

Vio que Deos não lhe mudaua.  
A sancta imaginação,  
Mas antes fauor lhe daua  
Para a sancta execução.

E como a gloria resulta, 644.

A Deos do que com' Deos trata,  
Muy pouco tempo o dilata,  
Que num instante o consulta,  
E noutro instante o remata.

L Costuma-



SANTO ANTONIO.

645. Costumauão aly a vir,  
Os Capuchos cada dia  
A portaria a pedir,  
Elle para concluir,  
Esperaos na portaria.
646. E vindo pella razão,  
Que lhe costumauão dar,  
O sancto a esta sezão,  
Vendo a occasião chegar,  
Lança mão da occasião.
647. Como a descalça innocencia  
Faz reuerencia, & se parte,  
O sancto com reuerencia,  
E prudencia, os toma a parte,  
E assi lhe diz com prudencia.
648. Meus padres, & meus irmãos,  
Que professais ter a palma  
De humildade, entre Christaões,  
Como Anjos em vossas mãos,  
Me desponho a pôr minh'alma.

E por



E por não poder fazer,  
 Sem dizer o que pretendo,  
 Volo pretendo dizer,  
 Mas antes que venha a ser,  
 Ser em segredo encomendo.

649.

Em vosso peyto entre tanto,  
 Quero pôr (como em deposito)  
 Este proposito sancto,  
 Por não se devulgar tanto  
 Sem effeito este proposito.

650.

E Porque a capacidade  
 A prudencia o fundamento  
 Estâ em vossa humildade,  
 Quero em vosso entendimento,  
 Guardar a minha vontade.

651.

Enfim padres, determino  
 (Se o eterno, & soberano  
 Me achar de tanto bem dino)  
 Trocar este pano fino,  
 Por esse grosseiro pano.

652.

L 2

Com



SANTO ANTONIO.

653. Com esse burel armado  
Conquistar o Ceo pretendo,  
Que entendo por remendado,  
Que tem em cada remendo  
Algum tesouro encerrado,
654. Os Capuchos, que estiuerão  
Prontos a quanto dezia,  
Pello que delle entenderão,  
Humilhados de alegria  
Hum grande abraço lhe derão.
655. E logo determinarão  
Outro dia em, que porião;  
Por obra o que praticarão,  
E com Deos acabarião,  
O que com Deos começarão.
656. Que o dia da despedida,  
Pedida tenha a licença  
Ao geral para a partida,  
E nisto sem mais detença  
Se tornão para a hermidã.

Ficaua



Ficaua faudoso delles, 657.  
 O conego virtuoso,  
 E pello amor, que achou nelles,  
 Iâ esperando o ditoso  
 Dia, em que ão de tornar elles.

Não erão inda bempartidos, 658.  
 Os dous descalços irmãos,  
 Quando em Christo cos sentidos,  
 Sospira, postas as mãos,  
 pellos irmãos despídidos.

A ditosa hora que tarda, 659.  
 Para a ditosa mudança,  
 Lhe faz muytas de esperança,  
 Que o grande bem que se aguarda,  
 Dá grande pena a tardança.

E por não lhe faltar nada, 660.  
 Para esta obra tão diuina,  
 Que espera vér acabada,  
 Pedir logo determina  
 A licença desejada.

L 3

Não



SANTO ANTONIO.

661. Nãoquis (inda que podia)  
Sem a licença fair,  
Porque notado seria,  
E de humilde a vay pedir,  
Porque a humildade o pedia.
662. E pondosse junto âquelle,  
A quem elle de gíolhos  
Sempre falaua com elle,  
Ergendo para elle os olhos,  
Falla así cos olhos nelle.
663. Reuerendo pay, & Senhor,  
Em cujas mãos me encomendo,  
De honra, virtude, & valor,  
Pay, pello amor que estou vendo,  
Senhor por tanto fauor.
664. A suprema Magestade,  
Que tudo a seu modo traça,  
Lâ de sua eternidade,  
Me dà vontade que faça  
Sua diuina vontade.

Esta



Esta vontade, & firmeza,  
 Conque aqui a pedir venho  
 Licença para esta empreza,  
 Hê porque licença tenho  
 Da soberana grandeza.

665.

E para que se conclua,  
 A gloria, que a Deos se segue  
 E a Deos seruindo a pôsua,  
 A vossa não se me negue,  
 Pois Deos não me nega a sua.

666.

Para que faça mudança  
 Para os descalços da hermida  
 Mas em quanto teuer vida,  
 Là mais de vossa lembrança  
 Sera esta alma esquecida.

667.

O prelado estaua a tento  
 O sancto conego ouuindo,  
 Porem já com sentimento,  
 Estâ ouuindo, & sentindo  
 Do sancto o apartamento.

668.

L4

Torna



SANTO ANTONIO.

669. Torna o santo a repetir,  
Sem se levantar do chão,  
O que lhe vinha a pedir,  
E o prelado com paixão,  
Não acaba de concluir.
670. Todavia, bem entende,  
Que lhe não pôde reter  
A sancta obra, que pretende,  
Que a Deos grauemente offende,  
Se lha quizer deffender.
671. E logo dandolhe as mãos,  
Nos hombros lhe lança os braços,  
Não podendo dos abraços,  
Que se dauão como irinaõs,  
Desfatar o amor os laços.
672. E estando a companhia  
Entre alegre, faudosa,  
Da faudade que sentia,  
Com voz baixa, & lastimosa,  
O Prelado assi dezia,

Como



Como quereis frey fernando, 673.

Que largue, o que onze annos hã

Que ao meu bafo estou criando?

E quando tã certo estã,

Que ei de ficar sospirando:

Mas já que tã rica peça, 674.

Que hã tantos annos que trago,

Nos olhos, & na cabeça

Quer Deos que largueeu a largo,

Que onde elle está tudo cesa.

675:

Inda acabado não tinhão,

As faudades que tratauão,

Quando os Capuchos chegauão,

Que antes â esmola vinhão,

Mas mais que esmola leuauão:

E fazendo a novidade 676.

A communiidade espanto,

Vem toda a communiidade

A despedirse do sancto,

Mas não ja da faudade.

Veio



677. Veo o sancto religioso  
Vestir, o nouo vestido,  
De que era tão deseioso,  
Ficando bello, & fermoso,  
Naquelle sacco metido.
678. E por ficar com mais graça  
Neste trajo, que procura,  
A corda de esparto dura,  
Com amor beija, & abraça,  
E cinge polla cintura,
679. E para que nada leue  
Do mundo este rico pobre,  
Logo se descalça em breue,  
E descobre a tinta a neuue,  
Que cos çapatos encobre.
680. Aqui o mais duro peito,  
Vendo esta alegre magoa,  
Foy derretido, & desfeyto,  
E desfeyto todo em agoa,  
Lhe mostrarão amor perfeyto.



Os amigos mais queridos, 681.  
Com lagrimas ficão mudos,  
Magoados, & encolhidos,  
E os letrados mais fizudos,  
Tambem mostrão estar sentidos.

Nisto os descalços varões 682.  
Leuão seu descalço irmão,  
O prior lhe lança a benção,  
E os demais suas benções,  
E com a de Deos se vão.

Mas inda antes que saysse 683.  
O Capueho religioso,  
Hum conego virtuoso  
Estas palavras lhe disse,  
De magoado, & saudofo.

Vayte embora, vayte irmão, 684.  
Por ventura seras sancto,  
Respondeo o sancto então,  
Se ouuires, que Deos faz tanto,  
Dè Deos as graças serão.



SANTO ANTONIO.

685. Ià na hermidã, ou pobre ninho,  
As pombas brancas, & bellas  
Vêm vir duas no caminho,  
E hũa no meyo dellas,  
Em trajos de Capuchinho.
686. Co as asas á companhia  
Chamarão atê, que chegarão,  
E chegando os abraçarão,  
E abraçados de alegria,  
Alegres se agafalharão.
687. Porem inda não sossega,  
Nem co espirito descansa,  
Que de mudança em mudança,  
Coa esperança nauega,  
Ao fim de sua esperança.
688. E com vida tão honesta,  
Casta, simples, pura, & alta,  
Logo aos padres manifesta,  
Que outra mudança lhe falta,  
Que para a fazer fez esta.

E que



E que sempre pretendo  
De fazer esta viage,  
Que hê viage para o Ceo,  
E que para isso escolheo,  
Este humilde, & pobre traje.

689.

E que elle em quanto viuer,  
No sancto abito presente,  
Hã de viuer, & morrer,  
E morrer se Deos quiser,  
Nas mãos da peruerfa gente.

690.

E que se entre a gente triste,  
Da feita de Mafamede,  
Deos tanto bem lhe concede,  
Que a vida eterna consiste  
Nesta morte que lhe pede.

691.

E da vontade que tem,  
Acaba de crer que hê  
Vontade de Deos tambem,  
Vã prégar a sancta fé,  
A gente que não a tem.

692.

E ao



693. E ao prelado humilhado,  
Pede a licença, & benção,  
E pede mais ao prelado,  
Que de Fernando em Antão,  
Lhe seja o nome mudado.
694. Que desseja o apelido  
Do nome da sancta hermida,  
De sancto Antão tão querido,  
Por ser menos conhecido,  
Da gente mais conhecida.
695. Vendo o seu mayor menor,  
Iustas suas petições,  
Dá graças ao Redemptor,  
Que quer, que entregue o pastor,  
A manfa ouelha aos Leões.
696. Louua ao Senhor de tudo,  
Ver o sancto caualleiro,  
Como está humilde, & mudo,  
Qual innocente cordeiro  
Pedindo o cutello agudo.



Pasma da rara humildade 697.

Do seu nouo religioso,  
Como se mostra animoso,  
Com summo gosto, & vontade,  
Para o martyrio glorioso.

Atribue o raro feyto, 698.

Ao Redemptor do vniuerso,  
Dár esforço ao fraco peyto,  
Que váfer do Rey peruerso,  
Despedaçado, & desfeyto.

Iá não póde, iada que queira, 699.

Estoruar o bem que vê,  
Antes vê que hé bem que dê  
Fauor á fé verdadeira,  
Para morrer polla fé.

Os olhos se humedecerão 700.

Dos irmãos que aly se acharão,  
E da mágoa que tiuerão,  
Tambem as pedras chorarão,  
Se as pedras chorar poderão.

Quem



SANTO ANTONIO.

701. Quem vê esta despedida,  
De magoa, & de amor sospira,  
E diga o leitor se vira  
Tal alma a esta partida,  
Que fizera, ou que sentira.
702. Quem lhe negàra piedade,  
Se entre barbaros injustos  
Vira yr morrer de vontade,  
A vintaseys annos justos,  
De hum justo por humildade.
703. Quem isto chegara a vêr,  
Por seus olhos fontes de agoa,  
Não deixâra de verter,  
Por vêr esta alegre magoa,  
E lastimoso prazer.
704. Mas vêm, que inda que se embarca,  
Leua a Christo que o gouerna,  
Que se o esperaua a parca  
No porto da vida eterna,  
O piloto o desembarca.

Largando



Largando as azas ao vento, 705.  
A ligeira aue nauega,  
Onde a saluamento chega,  
O que leua o saluamento,  
Aquem a seu Christo nega.

Salta na maldita terra, 706.  
E aruóra em final de paz,  
A cruz que consigo traz,  
Porem esta paz faz guerra,  
Nos da ley de Satanás.

Mas o meu soldado velho, 707.  
Como se vio mal aceito,  
Toma com Iesus conselho,  
Que do armazem de seu peito.  
Tire as armas do Euangelho.

Abre aquelle ceo da boca, 708.  
Que por ser boca do Ceo,  
Palauras do Ceo lhe toca,  
Mas, quem as não conheceo,  
Amôr yra se prouoca.

M

Bem



SANTO ANTONIO.

709. Bem vê que pordemais anda  
A alma branda, & suaue,  
Porem já que os não abranda,  
Quando a demanda não acabe,  
Quer acabar na demanda,
710. Mas como a summa bondade  
O seu mimoso há mister,  
Para môr necessidade,  
Querlhe fazer a vontade,  
De yr morrer, & não morrer.
711. E porque tem conhecida  
Daquella alma tão perfeita,  
Que ao martyrio se conuida,  
Por seu martyr o aceita,  
E mais deixando com vida.
712. Duas vezes se póde crer,  
Que martyrizado esteue,  
Húa em desejar de o ser,  
E outro martyrio teue  
Por este não poder ter.

Alcan-



Alcança hum sancto morrendo 713.

No martyrio hũa coroa,  
E o meu Antonio viuendo,  
Sua diuina pessoa  
Duas estã merecendo.

E como na Christandade, 714.

Ordena Deos que morresse,  
E não na infiel cidade,  
Quis que atalharlho viesse  
Hũa grande enfermidade.

E vendosse já sem brio, 715.

Para hũa empreza tamanha,  
E que o mal lhe corta o fio  
Embarcasse n'hum nauio  
Para se passar a Espanha.

Mas com firme profuposto, 716.

De em melhor desposição  
Tornar a comprar seu gosto,  
E de buscar occasião  
De ver ao Rey Mouro o rosto.

M<sub>2</sub>

Sahio



SANTO ANTONIO.

717. Sahio com prospero vento,  
O descalço, remendado,  
E do tempo descuydado,  
O bom tempo num momento  
Foy em mau tempo mudado.
718. O piloto sabio na arte,  
Que tem do mar o gouerno,  
Para o Occidente se parte,  
Porem o piloto eterno  
Vira a proa a outra parte.
719. Crece o vento em demasia,  
Antonio o vento não teme,  
E que era vento dezia,  
Que como seu Deos o guia  
Hia bom piloto ao leme.
720. As ondas brauas, & infanas  
Não os deixão nauegar,  
Porem para se saluar,  
Nas prayas Cicilianas  
Foy o nauio aportar.

E posto



Epосто que esta passagem  
 Era direita a Espanha,  
 Sendo a tormenta tamanha,  
 Tiuerão por boa viagem,  
 Irem dar em terra estranha.  
 Entra o Capucho estrangeiro,  
 Só co seu burel, & esparto,  
 A descansar no mosteiro,  
 E eu deste canto terceiro,  
 Por esforçar para o quarto.

721.

722.

SEGUNDA PARTE.  
 CANTO QVARTO.

*Do que passou em Sicilia, & milagres até sua morte.*

**F**Lor da nação Portuguesa,  
 Espanto da Christandade,  
 Brandura em tanta aspereza,  
 Rico de tanta pobreza,  
 Em tanta alteza humildade.  
 Letrado sem ter ensino,  
 Em minino virtuoso,  
 E santo tambem minino,  
 Em mancebo milagroso,  
 E homem humano, diuino.

723.

724.



SANTO ANTONIO.

725. Entre os vossos naturais  
Destes finais verdadeiros,  
De milagrosos finais:  
Mas agora entre estrangeiros,  
Inda auéis de mostrar mais.
726. A noute se despedia  
Do claro Ceo estrellado,  
Quando o campo alcatifado  
Em Cicilia amanhecia,  
De mil cores matizado.
727. Era a voz vniuersal  
Pello reyno Italiano,  
Que o fundador Franciscano  
Faz capitolo geral,  
Como custuma cada anno;
728. Vem de todos os mosteiros,  
Todos, os que são chamados,  
Alegres, & aluoroçados,  
De dous em dous companheiros,  
E em Assis forão juntados.



E Antonio que tambem sente,  
 Que a doença o estrouava,  
 Inda que doente estaua,  
 Não deixa de yr por doente,  
 Porque a vontade o leuava.

729.

Iunta a Illustre humildade,  
 Em Assis cidade illustre,  
 E em sancta conformidade  
 Dando â Christandade lustre,  
 Se espalhão na Christandade.

730.

E por não ser conhecido,  
 O Lusitano varão,  
 E por mâ desposiffaõ,  
 Não foy em nada admitido,  
 Ficando na Religião.

731.

A este tempo se partia,  
 O ministro frey Garciano,  
 A comarca, onde assistia,  
 Aquem pede o Lusitano  
 Leue em sua companhia.

732.

M 4

Garciano



SANTO ANTONIO.

733. Graciano beninamente  
Por Portugues, & estrangeiro,  
O aceita alegremente,  
E leua por companheiro  
De humildade, que lhe sente.
734. Pede Antonio (que conhece  
Seu inimigo aduersario)  
Que darlhe hum lugar quisesse,  
Mais remoto, & solitario,  
Onde â oração se desse.
735. O ministro, que vê certo,  
O que Antonio a Christo ama,  
Lhe nomeaua hum deserto,  
D'hum monte, que aly está perto,  
Que de São Paulo se chama,
736. Aonde hũa cella achou,  
Que estaua junto da hermida,  
Que outro padre aly deixou,  
Que elle em estremo estimou  
Para fazer sancta vida.



Era a cella fabricada 737.

Pellas mãos da natureza,  
 Aly n'hũa lapa achada,  
 Natural para a pobreza,  
 Que delle era estimada.

Aqui tem por exercicio, 738.

As contemplações diuinas,  
 Posto o corpo em hum cilicio,  
 E as mãos nuas disciplinas,  
 E os olhos nũ Crucifixo,

739.

A sustentação não hé,  
 Mais, que pão, & agoa s'amente,  
 E de quem o vio se lé,  
 Que de fraqueza que sente,  
 Não se podeter em pé.

Julgão os padres que o trátavão, 740.

Que da fraqueza que tinha,  
 Por testemunha julgavão,  
 Que quasi caindo vinha,  
 A refeição que lhe davão.

Em



SANTO ANTONIO.

741. Emquanto esta vida<sup>a</sup> passa  
Na lapa donde viuia,  
Hum Idiota parecia,  
Que o lume da sua graça,  
Com a simpleza escondia.
742. E como Deos mais sublima,  
Quem a humildade mais ama,  
Iá vay por Italia a fama.  
Qu' em emprezas de alta estima,  
Ao sancto Portugues chama.
743. Neste tempo se ajuntarão,  
Da comarca da cidade,  
Aque Forliuio chamauão,  
Os da ordem da humildade,  
Para as ordens, que aly dauão.
744. E cos menores que vem,  
Antonio segue os menores,  
Para gozar deste bem,  
Onde vão padres tambem  
Da ordem dos Prêgadores.

Estando



E estando à colação, 745.

O veneravel prelado  
Mandou, que qualquer irmão,  
Com deuação leuantado.  
Faça hum deuoto sermão.

Manda, que por consolar 746.

Aquella commuidade,  
Hum delles se erga a prégar,  
E todos com humildade  
Se pertenderão escusar.

là Deos aqui determina, 747.

Que os Illustres prègadores  
Não fizessem esta doutrina,  
Porque o menor dos menores,  
Prègue a palaura diuina.

O prelado que entendeo, 748.

Que era prègador Antonio,  
A Antonio constrangeo,  
Ao que o sancto respondeo:  
Não ser para tanto, Idoneo.

E que



SANTO ANTONIO.

749. E que elle ciencia não tinha,  
Nem estaua aparelhado  
Para o sermão, que conuinha,  
Que anda mais exercitado  
No seruiço da cozinha.
750. Torna o Prelado a dizer,  
A Antonio, que o sermão faça,  
Que Deos dá graça, & saber,  
E elle por obedecer  
Começa a tomar a graça.
751. Começou primeiramente,  
Simplezmente, & com temor  
De Deos viuo omnipotente,  
Despois com mayor feruor,  
Se mostrà sabio, & loquente.
752. E para que o mundo crea,  
O que Antonio com Deos val,  
O lume desta candea,  
Quer, que alumie em geral  
Tudo quanto o Sol rodea.



Foy o sermão tão subido, 753.

E as sentenças forão taes,

Que confessa o mais sabido,

Que nunca ouvirão já mais,

O que a Antonio tem ouvido,

Iâ ás orelhas chegaua 754.

De Francisco o modo, & traça,

E graça com que prégaua,

E como a Diuina graça

Graça Diuina lhe daua.

755.

Iâ lhe tem Francisco amor,

Porque seus diuinos brados

São obrados com feruor,

E feruor de prêgador

Que préga dor de peccados.

Francisco logo ellegeo, 756.

Que faça este officio santo,

De leuar almas ao Ceo,

E desse fructo tão santo,

Quem tão sancto floreceo.

Não



SANTO ANTONIO.

757. Não aceita a dinidade  
Por cuidar que hê preeminencia,  
Mas só por obediencia,  
Com modestia, & charidade,  
E simplissima innocencia.
758. Toma a cargo o excelente,  
Cargo de prégar a fê,  
Fâlo tão diuinamente,  
Que todos dizem que hê,  
Setta agúda, ou, rayo ardente.
759. Nunca temeo reprimir  
Ao mais nobre, & poderoso,  
Nem mal podia temer,  
Quem não temia morrer,  
No martyrio glorioso.
760. Foy liure, puro, & inteiro,  
Na fé de Christo que enxalça,  
E o estudante primeiro,  
Que foy nesta ordem descalça,  
Theologo verdadeiro.

Foy



Foy o Illustre Portugues 761.

Na Theologia ordenado,  
Com hum frey Adão Ingres  
Num capitulo que fez  
O fundador celebrado.

Fesse hũa lucerna ardente, 762.

Como disse o Redemptor,  
Que fora seu Precursor,  
De fóra resplandecente,  
De dentro com viuo ardor.

E sendo rogado hum dia, 763.

Que Theologia ensinasse,  
Não quis por nenhũa via,  
Porem que se lho mandasse  
São Francisco, que o faria.

E como de Antonio a fama 764.

Veio a São Francisco ter,  
A Antonio seu Bispo chama,  
E assi lhe manda dizer,  
Mostrando o muyto que o ama.

A meu



SANTO ANTONIO.

765. A meu charíssimo irmão,  
Antonio saude enuia,  
Em Christo, como hê rezão,  
Prazme leas Theologia,  
Mas não deixes a oração.
766. E logo sem mais tardança,  
Como esta licença alcança,  
Quis a Theologia ler,  
E ensinar em Mompilher,  
Cidade nobre de França.
767. E despois que em França esteue,  
Vem para Padua tambem,  
Por lector hum tempo breue,  
E logo a Bolonha vem  
Co cargo que em Padua teue.

Milagre





MILAGRE PRIMEIRO CO-  
*mo estando prégando o virão cantar  
 no coro com os frades.*

Iá que o desejo me pos, 768.  
 A vista do bem, que espero,  
 Pois entrecedeis por n<sup>o</sup>s,  
 Daime o que quero de vos,  
 Pois só para vos o quero.

Quero que se vos mereço,  
 O que vos peço otorgueis,  
 Pois só para vos o peço,  
 E que tão bom fim lhe deis, 769.  
 Como destes o começo.

Entro nos heroicos feytos,  
 E vitorias que tiuestes,  
 Que infernais, & falsos peitos, 770.  
 De hereges, que conuertestes,  
 fizestes Christãos prefeytos,

N

Em



SANTO ANTONIO.

771. Em Aquitania famosa,  
Illustre Prouincia em França,  
Aquella alma milagrosa,  
A primeira pedra lança,  
Da mão de Deos poderosa.
772. Hum dia em somana sancta,  
De noute o sancto prêgava  
(Milagre, que o mundo espanta)  
Pois quando prêgando estaua,  
No choro cos padres canta.
773. Estauão todos cantando,  
Matinas com deuação,  
E ao mesmo tempo, quando  
Elle faz fôra o sermão,  
A cantar está ajudando.
774. Quando o conuento approuou  
Hum milagre tão notorio,  
Na Igreja, onde prêgou  
Affirmaua o auditorio,  
Que hum pouco se traspassou.

Premite



Premite o Senhor que esteja  
Sem prégar hum grande espaço,  
Paraque a gente da Igreja,  
Pollo final do traspasso.

775.

Conforme cos padres seja.  
Confirem em que hora fora,  
Em que cantára, & prêgara,  
E o seu conuento affirmára,  
Que prêgara a quella hora,  
Que no conuento cantára.

776.

### SEGUNDO MILAGRE COMO

*prêgando outra vez fôra tambem  
cantou com os padres em  
outro dia de festa.*

Outro caso aconteceo,  
Em Mompilher, semelhante,  
Quando Theologia leo,  
Que ao pouo espanto deu,  
E a nós hé justo, que espante.

777.

N 2

E foy



SANTO ANTONIO.

778. E foy que a feu cargo tinha  
Portauoa de nomear,  
Dous que auião de cantar,  
Aleluya, que conuinha  
Para o dia celebrar.

779. E prêgando aquelle dia,  
A festa solemne, & alta,  
No meo do que dizia,  
Lhe lembrou cayra em falta,  
No que no choro compria.

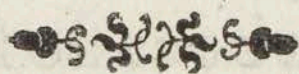
780. Grande espaço não prêgou,  
E no pulpito se arrima,  
Como que se desmayou,  
E co capello por cima  
Da cabeça se encostou.

781. E na mesma hora se vio,  
Que elle de prêgar deixara,  
Que lá na Igreja cantâra,  
E em acabando seguio  
O sermão que começára.



Os seus padres se admirarão,  
 Vendo no coro o que virão,  
 E com algús se ajuntarão,  
 Que então o sermão ouvirão,  
 E o caso certificarão:

782.



TERCEIRO MILAGRE CO-  
*mo hum nouiço se queria sayr da ordem  
 por tentação do demonio.*

Estaua o diuino Antonio,  
 Semeando sua doutrina,  
 Quando hum nouiço se inclina,  
 Com tentação do demonio,  
 Deixar sua ordem diuina,

783.

Era o pobre atormentado  
 Das infernais tentações,  
 E quasi dellas leuado,  
 Foy sancto Antonio auifado,  
 Em santas reuelações.

784.

N 3

E vendo



SANTO ANTONIO.

785. E vendo a sua ouelhinha  
Ir ás vnhas do Leão,  
Vayffe a ella muyto afinha,  
E tomandoa pela mão,  
Ponlhe a diuina mezinha.
786. Abrelhe com as mãos a boca,  
E a mesma boca do sancto,  
Asópra, & toca entre tanto,  
Dizendo quando lhe toca,  
Recebe o Espirito sancto.
787. E como o nouiço encerra  
Em si o nome sagrado,  
O demonio se desterra,  
E o moço como cansado,  
Cahio desmayado em terra.
788. Algús padres que se acharão  
Ao estranho rebuliço  
O nouiço aleuantarão,  
E sossegado o nouiço  
O caso lho perguntarão.

Diz



Diz aos sanctos religiosos, 789.  
 Que elle fora rapto aos Ceos,  
 E vira os coros gloriosos,  
 E que vira do alto Deos  
 Secretos marauilhosos.

Antonio como entendeo, 790.  
 Ser o milagre tão certo,  
 As graças delle a Deos deu,  
 E ao nouiço deffendeo,  
 Que não fosse descuberto.

Despois dali por diante, 791.  
 Delle a tentação fugio,  
 E foy no abito constante,  
 E em toda a vida sentio  
 Mais tentação semelhante.

### MILAGRE QVARTO COMO

*hũ nouiço foy tentado da carne, & o  
 que aconteceu.*

N 4

Neste



SANTO ANTONIO.

792. Neste mesmo tempo hia  
Antonio a outro bispado,  
E hum monge que nelle auia,  
Que era da carne tentado,  
Fauor ao sancto pedia.
793. Era o monge hum penitente,  
Nas contemplações diuinas,  
E tratando asperamente  
Seu corpo com disciplinas,  
Nenhum refrigerio sente,
794. Etudo isto não bastaua  
Liurallo deste demonio,  
Que com a carne o tentaua,  
Porque o remedio guardaua,  
Deos para seu seruo Antonio.
795. E estando o monge perdido,  
Do mal que o aperta tanto  
Atormentado, affligido,  
Se lançaua aos pés do sancto,  
Por ser delle socorrido.

E pella



E pella fê que tem nelle 796.

Espera que elle lhe faça,

O que faz a tantos elle,

Que Deos pôs nelle tal graça,

Que tire as tentações delle,

Deulhe conta em confissão, 767.

Da tentação sensual,

E o sancto, & justo varão

Vio tomando pulso ao mal,

Ser febre da tentação.

798.

Vendo o medico excelente,

Que o seu doente sospira,

Dispindose em continente,

Toma a tunica que tira,

E a veste ao seu doente,

E com a tunica sancta, 799.

Que o sancto mestre dispio,

Disse o monge que a vistio,

Que tinha virtude tanta,

Que já mais tentação vio.

Quinto



QVINTO MILAGRE COMO  
*tirou os cabellos da cabeça, hum homem a sua  
mulher, & lbe forão restituídos, por  
virtude do sancto.*

800. Na mesma cidade nobre,  
De Lemonges nomeada,  
Viua hũa dona honrada,  
Virtuosa, inda que pobre,  
Casada, mas mal casada.
801. Tinhalle a ventura dado,  
Tal companheiro até morte,  
Que tiuera a melhor sorte,  
Morrer sem tomar estado,  
Que ter estado tão forte.
802. E alem de ser perigoso,  
De mau termo, & proceder,  
Foy cioso, & riguroso,  
Mas não que fosse a mulher  
Occasião de ser cioso.



Era casta qual conuem,  
Calada, honesta, & prudente,  
E alem de todo este bem,  
Deuotissima tambem  
Da descalça, & pobre gente.  
Tinha tanta amizade  
A molher, humilde, & mansa,  
Que se tem necessidade,  
Os menores, não descanfa,  
De os prouer com breuidade.

E offerecendose hum dia,  
Ir buscarlhe o necessario,  
Que necessario feria,  
Vioa o marido, ou contrário,  
Que tarde se recolhia.

E cos ciumes que tinha,  
Sem ter causa para os ter,  
Diz reprehendendo á molher,  
Que quem a tais horas vinha,  
Vem de seus amigos vêr.

Hê



SANTO ANTONIO.

807. Hè verdade que sim venho,  
Responde ella do conuento,  
Leuar aos Padres sustento,  
Pello amor, que ôs padres tenho,  
E por seu merecimento.

808. O marido desleal,  
Sem admitir mais razoês  
Que sua furia infernal,  
A voltas, & a impuxoês,  
Começa a tratalla mal.

809. E despois que a derribou  
Aos cabellos se aremeça,  
Que quantos nas maõs tomou,  
Tantos tirou da cabeça,  
Com a yra com que os tirou.

810 Como a triste os vio tirados,  
De dór não podia vellos,  
E vendo os no chão deitados,  
Torna àjuntar os cabellos  
Queridos, & mallogrados.

O que



O que ella ao espelho via,  
 Em fios de ouro, ou aneis,  
 E na cabeça trazia,  
 Que já não via, dizia,  
 Senão deitados aos pês.

811.

Vendosse a deuota tal,  
 E que tal ficou sem elles,  
 Cudando curar seu mal,  
 Concerta os no cabeçal  
 Deitando a cabeça nelles.

812.

813.

Coa fé de poder farar  
 Manda logo em continente  
 A frey Antonio chamar,  
 Que a viesse visitar,  
 Que estàua muyto doente.

O sancto polla afeição,  
 Que a sua deuota tinha,  
 E a toda a religião,  
 Logo vinha muyt afinha  
 Cudando ser confissão.

814.

E che-



SANTO ANTONIO.

815. E chegando â cabeceira,  
Ella cos cudados vaõs,  
Que tinha na cabeleira,  
Magoâda a toma nas maõs,  
Dizendo desta maneira.
816. O frey Antonio, que passo  
De trabalhos, & crueldades,  
Por seruiços que vos faço,  
Aqui vereis que trespasso,  
Passay pellos vossos frades.
817. Aqui vereis em que estado  
Vossa deuota se sente,  
Por maõs d' hum imigo ayrado,  
E no que vedes presente,  
Sabereis o mal passado.
818. Mas com todo este pesar,  
Que estes cabellos me dão,  
Se a Deos quizerdes rogar  
Que se ponhão em seu lugar,  
Em seu lugar se porão.

Ficon



Ficou Antonio algum tanto, 819.  
 Espantado do que nota,  
 E alem despantado o sancto,  
 Inda lhe pós mais espanto,  
 O que lhe pede a deuota.

Tornado o sancto varão, 820.  
 Contou o que succedera  
 A toda a Religião,  
 E da simples petição,  
 Que aquella irmã lhe fizera.

E que logo sem tardança, 821.  
 Cada hum orando esté,  
 Que elle em Deos tem confiança,  
 Que veria aquella fê,  
 Pois com fê tudo se alcança.

E orando muyto asinha, 822.  
 Naquelle tempo que orou,  
 Logo Deos como conuinha  
 Os cabellos lhe ajuntou,  
 Do modo que de antestinha.

O marido



SANTO ANTONIO.

823. O marido que a tratára  
Tão mal tão injustamente,  
Como à pouxada tornara,  
Os cabellos a innocente,  
Na cabeça lhe mostrara:
824. Contandolhe, que do sancto,  
Fizerão as contemplações,  
Este milagroso espanto,  
E que as suas orações,  
Valerão com seu Deos tanto.
825. Logo o marido admirado,  
Ficou do que chegou a vér,  
E sendo de Deos tocado,  
Iá mais foy atormentado,  
De sospeitas da molher.
826. Iá mais lhe fez desfauor,  
Co as passadas vaydades,  
E alem de lhe ter amor,  
Foy deuoto, & seruidor,  
De sancto Antonio, & seus frades,

Sexto



## SEXTO MILAGRE COMO

*indo hũa moça levar aos padres de sancto Antonio hũa esmola, & chouendo muito ella só se não molhou.*

Núm lugar Berna chamado,  
 Donde hum mosteiro fundou,  
 O sancto de Deos amado,  
 Aly hum citio ordenou,  
 Para elle mais apartado.

827.

Fez hũa cella apartada,  
 Em que solitario viua,  
 N'nhũa lapa fabricada,  
 Que apartada hê mais amada,  
 De hum alma contemplatiua.

828.

Afsi contente viuia,  
 Só em grande austeridade,  
 Até a agoa, que bebia,  
 Guarda por necessidade  
 De hũa rocha onde coria.

829.

O

E estan-



SANTO ANTONIO.

830. E estando hum dia o mosteiro,  
Tal que de fome perece,  
Que nem eruas, que cozesse,  
Tinha o pobre cozinheiro,  
Com, que cozinha fizesse.

831. O sancto mandava logo,  
A orta de hũa senhora,  
Com humilde, & brando rogo,  
Que verças àquella hora,  
Não tinha que por ao fogo.

832. A senhora magoada,  
Da pobreza, & humildade,  
Manda logo hũa Criada  
Proueja a necessidade,  
A gente necessitada.

833. Acertou de ser n'hum dia,  
Tão tempestuoso, & terrível,  
Que infinita agoa chouia,  
Ao que a serua respondia,  
Tal cousa não ser possiuel.

A ama



A ama como estiueffe

834.

Da graça de Deos mouida,  
Inda que muyto chouesse,  
A moça foy constringida,  
Para que as heruas colhesse,

Tambem lhe pede a senhora,

835.

Que posto que se molhasse,  
Como as heruas apanhasse,  
Inda que hé da villa fora,  
Bem longe que lhas leuasse.

A moça enfim concedeo

836.

O que a ama lhe rogou,  
E em quanto foy, & tornou,  
Sempre muyta agoa chueo,  
mas nem gota lhe tocou,

Tornando a moça á poufada,

837.

A senhora que a espera,  
Molhada, a não vê molhada,  
Antes enxuta, & sem nada,  
Como se nunca chouera.

O 2

Hum



SANTO ANTONIO.

838. Hum filho desta senhora,  
Que foy conego dizia,  
Como este milagre fora,  
E ao pouo com alegria  
O contaua cada hora.

SETIMO MILAGRE COMO  
*Deos Reuelou ao sancto que auia de cayr hum  
tabernaculo que lhe fizerão  
pera prègar.*

839 Querendo prègar hum dia,  
N'hũa freguesia o sancto  
Que São Iulião se dizia,  
Foy de gente o curso tanto,  
Que na Igreja não cabia.

840. Enão vendo modo, ou geito,  
Com, que a todos satisfaça:  
Vayffe o sancto a hũa praça,  
Onde hum teatro foy feyto,  
Para que o sermão se faça.

E estan-



E estando o seruo de Christo, 841.  
 Para prègar a este pouo,  
 Onde era de todos visto,  
 Auifou de hum caso nouo,  
 Ao pouo dizendo isto.

Eu sey que neste sermão, 842.  
 O demonio hã de fazer,  
 Hũa muy grão trouação,  
 Mas não temais, que há de ser  
 A sua malicia em vão.

E em dizendo isto o sancto, 843.  
 Cae por terra o tabernacullo,  
 E todos com grande espanto,  
 Virão o prophetico espanto,  
 E marauilhofo espectacullo.

Acódem todos a por, 844.  
 Em saluo o sancto Propheta,  
 E o Propheta prègador,  
 Faz que o pouo se aquieta,  
 E prêga com mais feruor.

O 3

Cheo



SANTO ANTONIO.

845. Cheo o pouo de prazer,  
Mais reuerencia fazia,  
Ao sancto pello que via,  
Onde vem resplandecer  
O espirito de prophecia.

O V T A V O M I L A G R E C O M O  
*conheceo o sancto ao Demonio que vinha em  
trajos de caminheiro.*

846. Outra vez prégando estaua  
O Portugues eminente,  
Quando hum caminheiro entràua,  
Com cartas por entre agente,  
E a hũa molher as daua.

847. A dona co aluroço,  
Do que a alma lhe adiuinha,  
Abre as cartas muyto afinha,  
E vê nellas morto o moço,  
Seu filho que ausente tinha.

E como,



E como a molher approua,  
Da triste noua o effeito,  
Fazendo effeito a má noua,  
Com gritos a dôr renoua,  
E com dôr rasgaua o peito.

848.

O sancto que no sermão  
Via a gente aluoroçada,  
Do pulpito à molher brada,  
Que seu filho he viuo, & saõ,  
Que não tem que temer nada,

849.

E que viria muy cedo,  
Que quem as cartas lhe dera,  
O imigo infernal era,  
Que a ella com este enrêdo,  
Tirar do sermão quisera.

850.

Ficou a dona innocente,  
Contente pello fauor,  
Que de triste, a fez contente  
Dando graças ao Senhor.  
E ao sancto do bem que sente.

851.



SANTO ANTONIO.

NONO MILAGRE EM QUE

*o sancto conheceo por reuelação os demonios*

*Em hũas sementeiras.*

852. Ao tempo que se escondião,  
Os rayos do sol fermosos,  
Fôra da hermida sahião,  
A caso algũs religiosos,  
E hum caso espantoso vião.

853. Virão hum campo donde estauão,  
De hum seu deuoto, & amigo,  
Que a sementeira roubauão,  
E com as espigas de trigo,  
As rayzes lhe tirauão.

854. Vendo a cruel destruyção,  
Que os padres sentirão tanto,  
Com diligencia, & paixão,  
O forão dizer ao sancto,  
Que acharão em oração.

Dando-



Dando conta da maldade,  
Daquella gente inimiga,  
Que com tanta crueldade,  
Não perdoaua a espiga  
De tão bella nouidade.

855.

Como por reuelação,  
Antonio deu logo nisso,  
Responde o sancto varão,  
Deixay irmãos deixay isso,  
Tornayuos à oração.

856.

Porque esse hé o inimigo,  
Que nos traz sempre de espreita,  
Que hũa espiga só de trigo,  
Não aueis de ver desfeita,  
Do nosso deuoto amigo.

857.

Os padres obedecerão,  
O que o sancto padre disse,  
E esperando estiuerão  
Tê que no trigo se visse,  
Que nenhum dano fizerão.

858.

E que



SANTO ANTONIO.

859. E que estaua o campo todo  
Cheo de trigo espigado,  
Louro, alegre, & melhorado,  
Assi, & do mesmo modo,  
Que d' antes auia estado.
860. E crendo que era o demonio,  
Que só pollos tratar mal,  
Buscara a tráça infernal:  
Engrandecem a sancto Antonio,  
Por muyto que com Deos val.

DECIMO MILAGRE COMO  
*o sancto se foy a prêgar a hum campo por não  
caber a gente na Igreja, & chouendo  
muyto, só no luhar a onde prégaua  
não cabio gotta de agoa.*

861. Querendo outra vez fazer,  
Núm templo o sancto hum sermão,  
Tanta gente o foy a vêr,  
Que não foy possiuel ser,  
No templo esta prégação.

Foyffe



Foyffe o sancto daly perto, 862.  
 Como fizera outra vez,  
 E com muyta ordem, & concerto,  
 Nùm campo largo, & deserto,  
 Hum pulpito se lhe fez.

E quando com mais feruor, 863.  
 Ao pouo que tem presente,  
 Prégaua o sancto doctor,  
 Veolhe, hum inconueniente,  
 Mas veo para melhor.

Premittio Deos que viesse, 864.  
 Com trouoës, & agoa dos Ceos,  
 E relampados ouuesse,  
 Para co poder de Deos,  
 Milagre o sancto fizesse,

E começando a chouer, 865.  
 Logo o auditorio todo,  
 Se começa a reuoluer,  
 E querendosse acolher,  
 O sancto diz deste modo.

Sofe-



SANTO ANTONIO.

866. Sofegaiuos não temais,  
Nem se reuolua pessoa,  
Queinda que chouer vejais,  
Espero em Deos que não choua  
Em nenhum dos que aqui estais.

867. Espero no eterno Deos,  
Ià que abrio o roxo mar,  
Para os de Israel liurar,  
Retenha a chuua dos Ceos,  
Ou choua sem vos molhar.

868. Deu logo o pouo a tenção,  
Ao seu prégador Diuino,  
Em quanto fez o sermão,  
E chouendo de contino,  
Não choue onde elles estão.

869 Coa fê no que lhe dissera,  
O que a sancta fê prégaua,  
O pouo atento estiuera,  
E a nenhum que aly estaua,  
Gotta de agoa lhe chouera.

Todos



Todos se forão espantados,  
 Do milagre que aly vião,  
 E muyto mais admirados,  
 Verem os caminhos molhados,  
 E elles que enxutos hião.

870.

Manifestarão na terra,  
 Hum caso tão espantoso,  
 Louuando a Deos poderoso,  
 Pellas virtudes que encerra,  
 O Portuges milagroso.

871.

**ONZENOMILAGRE COMO**  
*o sancto prêgando curou hum doudo com o*  
*cordão, & ficou sizudo.*

Outra vez noutro fermão,  
 Que fez o sancto excelente,  
 Se leuanteu de repente,  
 Fazendo grão trouação,  
 Hum doudo por entre a gente.

872.

E como



SANTO ANTONIO.

873. E como a reuolta fosse,  
Que faz que o sancto não falle,  
Com lingoagem branda, & doce,  
Pede ao doudo que se calle,  
Ou quando não que se fosse.

874. O doudo inda que gritaua,  
A grandes vozes dezia,  
Que se a corda que trazia,  
O pregador lhe não daua,  
Que elle se não calaria.

875. Logo o diuino varão,  
Tira o cordão d'emprouiso,  
E metendolho na mão,  
O doudo beija o cordão,  
E Deos lhe tornaua o fizo.

876. E com as reliquias santas,  
Que beijaua, & abraçaua,  
Aos sanctos pés se lançaua,  
E de marauilhas tantas,  
A Deos, & ao sancto louuaua.

Ficou



Ficou todo o auditorio,  
 Com rezão pasmado, & mudo,  
 E derão conta de tudo,  
 Que o sancto como hê notorio.  
 Fizera hum doudo fizudo.

877.

**DOZENO MILAGRE COMO**  
*o sancto liurou hum minino da morte que  
 ficou dentro em hũa caldeira de  
 agoa feruendo:*

Hũa molher quis lauar,  
 Como tinha de costume,  
 Hum filho para o pensar,  
 E hũa caldeira ao lume,  
 Com agoa pós áquentar.

878.

Como a deuota molher,  
 Vêr o sancto desejava,  
 Que prégaua, ouuio dizer,  
 E sabendo que prégaua,  
 Se aluoroça para o vêr.

879.

E estando



SANTO ANTONIO.

880. E estando desta maneira,  
para lauar o minino,  
A deuota verdadeira,  
A criança com defatino,  
Deixou dentro na caldeira.

881. Cudando a pobre innocente,  
Que a punha na bacia,  
Onde laualo fohia,  
O deixaua na agoa quente,  
Que na caldeira feruia.

882. Não pode aqui o Demonio,  
Dâr fim no que começou,  
Que logo Deos reuelou,  
Ao seu seruo sancto Antonio,  
Onde a criança ficou.

883 Deos que deu vida aos dormentes,  
Tanta gloria merecendo,  
E Deos que do fogo ardendo,  
Liurou aos tres innocentes,  
Liura este na agoa feruendo.

A fim-



A simples molher tornando, 884.  
 Sendo do filho lembrada,  
 Gritando corre à poufada,  
 Acha o minino brincando,  
 Na agoa feruendo sem nada;  
 Acudindo a vizinhança, 885.  
 Aos gritos que a molher dáua,  
 Iâ de alegria gritaua,  
 E todos vem a criança,  
 Que dentro n'agoa brincaua.

Permitio Deos que viesse 886.  
 A gente vêr tudo isto,  
 Para que visse, & que cresse,  
 O que este seruo de Christo  
 Co mesmo Christo merece.



MILAGRE TREZE COMO

*o sancto resucitou outro minino.*

P

Outro



SANTO ANTONIO.

887. Outro milagre de espanto,  
Semelhante a este passou,  
E foy que o sancto pregou,  
E por yr ouuir ao sancto,  
A mãy seu filho deixou.

888. Deixa a triste o filho amado,  
Inconcideradamente,  
Tornando alegre, & contente,  
Acha no berço estirado,  
morto, & frio o innocente.

889. Julgay vós o que faria,  
Co filho morto a molher,  
Que gritos aly daria,  
Que chegaria a dizer,  
Que lagrimas vertiria.

890. Torna polla porta fôra,  
Buscar o varão diuino,  
Que como sancto o adora,  
E deitada aos pés lhe chora,  
Pella vida do minino.

O sancto



O sancto tendo piedade 891.

Do filho que morto tem,  
Despedea com breuidade,  
E diz que lhe fara bem,  
A pura, & summa bondade.

Ella com fè no varão, 892.

Ià tomando algum conforto,  
Leua mais consolação,  
E o filho que deixou morto,  
Achou viuo, alegre, & saõ.

Contão a quantos vão, & vem, 893.

O milagre soberano,  
E vendo tamanho bem,  
Louuão a Deos no Lusitano,  
Que os poderes de Deos tem.

**MILAGRE CATORZE CO.**

*mo a solueo hum penitente sem se poder confessar por hum papel em que escreveu seus peccados q̄ achou em branco.*



SANTO ANTONIO.

894. Hum homem que tinha ouuido,  
A este diuino espirito,  
Logo ficou compungido,  
De seus peccados contrito,  
Emmendado, arrependido.
895. E confessandose ao sancto,  
Com ays, suspiros, & brádos,  
Que vinhão d'alma arrancados,  
Nem arrependido tanto,  
Pode dizer seus peccados.
896. Vendo o sancto ao peccador,  
Ficar confuso, & em calma,  
E que emmudeceo de dór,  
Busca o remedio melhor,  
Para o remedio desta'alma.
897. Como palavra não say  
Da boca deste fiel,  
Sancto Antonio lhe diz vay,  
E escreue em hum papel,  
Os peccados que em ty ay.
- E seguindo



E seguindo o penitente, 898.

A ordem que lhe foy dada,  
Tornando n'hùm continente,

Vem miraculosamente,  
O papel branco, & sem nada.

Pôs naquellas mãos sagradas, 899.

O peccador por sua mão,  
O rol das culpas passadas,

E forão da contryção,  
Perdoadas, & apagadas.

Do grande arrependimento, 900.

Nace a diuina mudança,  
De dór o contentamento,

E pello merecimento,  
De Antonio tudo se alcança.

MILAGRE QVINZE COMO

*Foy achado em hũa arca de dinbeiro hum  
coração bulindo, & quente.*



SANTO ANTONIO.

901. Fazia o sancto hum fermão,  
AbseQUIAS de hum onzeneiro,  
Tomando por tema então,  
Onde está o teu dinheiro,  
Está o teu coração.

902. Disse o sancto celebrado,  
Tratando do bem eterno,  
Este malaventurado,  
Tão rico está sepultado,  
Por onzeneiro no inferno.

903. E se o coração quereis,  
Vêr deste triste onzeneiro,  
Ide â arca do dinheiro,  
E no meo o achareis,  
Bulindo quente, & inteiro.

904. Ide à arca ingrata, & dura,  
E o coração inimigo,  
Achareis como vos digo,  
Porque á triste sepultura,  
Elle o não trouxe consigo.

Quem



Quem ás infernais onzenas, 905.

O coração entregou,

E ao seu Deos o negou,

No inferno terá as penas,

Que nas onzenas ganhou.

Forão seus parentes logo, 906.

Abrir a arca do thesouro,

Crendo ser fabula, ou jogo,

Achão o coração no ouro,

Como a alma está no fogo.

Ficarão cheos de espanto, 907.

Pasmados, & com razão,

Vendo viuo o coração,

Do morto que disse o sancto,

E louuão o sancto varão.

**MILAGRE DE ZASEYS CO-**

*mo hum nouiço se sabio do mosteiro, & por*

*reuelação, & oração do sancto se tornou*

*de medo do demonio que o*

*fizera tornar.*

P 4

Como



SANTO ANTONIO.

908. Como o inimigo antigo,  
Hé inimigo mortal,  
E de ninguem hé amigo,  
Mais que de fazernos mal,  
Pello mal que tem consigo.

909. A hum nouiço innocente,  
Faz que faya do mosteiro,  
E leue escondidamente,  
Do coro hum liuro Salteiro,  
Importante, & excelente.

910. Era hum Salteiro estimado,  
De pena escrito, & de preço,  
E o sancto de Deos amado,  
Soube logo o mau successo  
De ser o liuro furtado.

911. Não deixou de sentir muyto,  
O liuro que lhe faltava,  
Porque os padres ensinava,  
E porque perdia o fruycto,  
Que de os ensinar tirava.

E estando



E estando o sancto varão  
Na oração influydo,  
O diabo foy constringido,  
Por virtude da oração  
Buscar o liuro perdido.

912.

E ao passar de hũa ponte,  
Por donde o nouiço passa,  
O demonio o embaraça,  
E pondofelhe defronte,  
C'hùm machado o ameaça.

913

Dizendolhe este demonio:  
Heyte de matar primeiro,  
Senão tornas ao mosteiro,  
Ao seruo de Deos Antonio,  
E lhe leuas o Salteiro.

914.

Tornate logo innocente,  
Porque fou de Deos mandado,  
E se isto não for bastante,  
Hàs de ser morto, & lançado,  
No rio que vés diante.

915.

Ficou



SANTO ANTONIO.

916. Ficou fora de sentido,  
Do que ouuio o simples moço,  
Mas não ficou conuertido,  
Com que o espirito perdido,  
Faz outro grande aluroço.
917. E fazendosse em figura,  
Muy grande, negra, & medonha,  
Para lhe dar morte dura,  
Logo com medo, & vergonha,  
O moço tornar procura.
918. E conhecendo a desordem,  
Que lhe fez perder bem tanto.  
Torna coliuo, & com pranto,  
Pedindo o receba a ordem,  
Debruçado aos pés do sancto.
919. Vendo á ouelha o pastor,  
Que a seu rebanho tornaua,  
Chorando de magoa, & dór,  
Com amor ágafalhaua  
No cerrado do Senhor.

Milagre



## MILAGRE DE ZASETE CO

*mo o santo caminbando, por virtude da  
oração restituyo hũa grande perda  
a hũa hospeda q̃o agasalhou.*

*E outro milagre.*

De França a Italia vinha,  
O que com Deos tanto alcança,  
Que fazendo esta mudança,  
Inda até quando caminha,  
Fez dous milagres em França.

920.

Vindo o sancto caminheiro,  
E o companheiro cansados,  
Elle, & mais o companheiro,  
De hũa dona agasalhados,  
Forão com amor verdadeiro.

921.

Tendo a molher compaixão,  
Desta humildade, & p̃breza,  
Dos pobres de coração,  
Mandalhes p̃r logo a mesa,  
E na mesa vinho, & pão,

922.

Solicita



SANTO ANTONIO.

923. Sollicita hia, & vinha,  
Esta Marta com cuidado,  
E porque copo não tinha,  
Hum copo pede emprestado,  
De vidro a hũa vezinha.
924. E como Deos soberano,  
Hê eterno, & infinito,  
Quis com trabalho sem danno,  
Com hum milagre exquisito,  
Que conheção o Lusitano.
925. Como a deuota innocente,  
Tirar vinho à pipa fora,  
Foyse a pipa, & não o sente,  
Por deixar incautamente  
O torno da pipa fôra.
926. Feyto isto sem se saber,  
O companheiro tomou,  
O copo para beber,  
E quis Deos que se quebrou  
Para outro milagre auer.

Ficou



Ficou o padre enfadado,  
Do que auia succedido,  
Ficando o copo quebrado  
Em dous pedaços partido,  
O pé da copa apartado.

927.

Ià no cabo do comer,  
Foy a molher pouco escassa,  
Vinho mais fresco a trazer,  
Mas foy vêr sua desgraça  
A virtuosa molher.

928.

Torna a triste para fôra,  
Contando aos religiosos,  
O mal que por seu mal fora,  
E elles ficão pezarosos,  
Da perda que a molher chora.

929.

Porem Antonio não cessa,  
De fazer bens a tais almas,  
E enclinando a cabeça,  
Na mesa, & sobolas palmas,  
Fazer oração começa.

930.

A



SANTO ANTONIO.

931. A hospeda que defronte  
 Da mesa estaua chorosa,  
 Vio hũa cousa espantosa,  
 Que hé digna que o mundo conte,  
 Por rara, & marauilhosa.
932. A copa de vinho vê,  
 Que se bulia, & andaua,  
 Até que ao pê se chegaua,  
 E poense sobolo pé,  
 Que da outra parte estaua:
933. Toma ella o copo na mão,  
 Que quebrado d'antes vira,  
 E admirada com razão,  
 Louuando o Senhor se admira,  
 Que de quebrado o vê saõ:
934. Fica alegre do que via,  
 Mas da pipa triste estâ,  
 E com viua fê bem cria,  
 Quem tal no vidro fazia,  
 Que mais na pipa fará.

Elogo



E logo na adega entrou, 935.  
 E o vinho que vio perdido,  
 Que no chão se derramou,  
 Na pipa vio recolhido,  
 Como que não se entornou,  
 Iá não se chora, & lastima, 936.  
 Tudo, hê já prazer, & gosto,  
 Co vinho em seu lugar posto,  
 E que feruendo por cima.  
 Na pipa está como mosto.

E como o sancto varão, 937.  
 Ouuiu a molher falar,  
 E que pola consolar,  
 Deos ouuiu sua oração,  
 Sayste daquelle lugar.  
 Por honrras não receber, 938.  
 Qual dicipulo de Christo,  
 Daly se quis acolher,  
 Dando exemplo com tudo isto,  
 Que ande os pobres recolher.

Milagre



SANTO ANTONIO.

MILAGRE DE ZOYTO COMO  
*o sancto teue o minino Iesus nos braços, & lho  
vio hum hospede que o agasalhou.*

939. Prégando o sancto varão  
N'húa cidade onde estâua,  
Hum deuoto, & cidadão,  
Por seu hospede o tomaua,  
Com deuacão, & afeyção.
940. Dalhe o hospede fizudo  
Húa casa conueniente,  
Apartada da outra gente,  
Onde à oração, & estudo,  
Se dê mais quietamente.
941. Húa noyte estaua orando,  
Como tinha de costume,  
E o hospede passeando,  
Pollas casas indo olhando,  
Vio na sua hum grande lume.

E estra



E estranhando a novidade,  
 Do que em sua casa via,  
 Chegouse à sua vontade,  
 E vio hũa claridade,  
 Mais clara que a luz do dia.

942.

E co grande resplendor,  
 Que daua o rayo diuino,  
 Pode diuisar melhor,  
 Que estãua hum bello minino,  
 No liuro do prêgador.

943.

E que às vezes se tiraua,  
 Do liuro onde estãua posto,  
 E que o sancto o abraçaua,  
 E abraçando o beijãua,  
 Iuntando rosto com rosto.

944.

O hospede venturoso,  
 Se espantaua do que via,  
 E entre alegre temeroso,  
 Cudaua donde viria,  
 Hum minino tão fermoso.

945.

Q

Mas



SANTO ANTONIO.

946. Mas Christo que ao cidadão,  
Concede vér tudo isto,  
Reuela ao seruo de Christo,  
Que a sancta visitaçãõ,  
O cidadão tinha visto.
947. Logo o sancto como entende,  
Que o seu hospede o sabia,  
A parte o toma outro dia,  
E com amor lhe defende,  
Nãõ diga o que visto auia,
948. Que elle nãõ communicasse,  
Aquella visãõ immensa,  
Em quanto o Deos nãõ chamasse,  
Mas que despois que o leuasse,  
Que elle lhe daua licençã.
949. Deos algũs annos com vida,  
Ao hospede sustentou,  
E como ao sancto leuou,  
A visãõ d'elle sabida,  
A todos manifestou.



Mil lagrimas derramando,  
 Deuota, & humildemente,  
 O caso estaua contando,  
 Nos Euangelhos jurando,  
 Diante de muyta gente.

950.

Louuão todos de continuo,  
 Este milagroso espanto,  
 E daqui pintão o minino,  
 Sobolo liuro diuino,  
 E nos braços do meu sancto.

951.

## MILAGRE DE ZANOVE

*como o sancto reuelou a huma dona que  
 estãua pejada que pariria hum  
 filho que auia de ser martyr.  
 E como passou assi.*

Visitando hum dia estãua,  
 O sancto hũa dona honrrada,  
 Ella que andaua pejada,  
 Ao sancto se encomendaua,  
 Que a Deos fosse encomendada.

952.

Q 2

E andan



SANTO ANTONIO.

953. E andando já pellos dias,  
Do parto, que vér quisera,  
Com ays, ansias, & agonias,  
Pede a Deos a hora que espera,  
Com jeiús, & romarias.
954. Mas Antonio com a lembrança,  
Que a dona illustre lhe fez,  
De o pedir a Deos não canfa,  
E indo a vela outra vez,  
Lhe assegura a esperança.
955. E lhe diz alegre estâ,  
Que hum filho frade menor,  
E martyr Deos te darâ,  
E grande, em grande louuor,  
Na Igreja de Deos ferâ.
956. E com sua prêgação,  
Muytos bemaumenturados,  
Martyres ao Ceo irão,  
De coroas coroados,  
Palmas nas palmas da mão.

Alumioua



Alumioua o Senhor, 957.  
 Parindo hum filho fermoso,  
 Que foy grande religioso,  
 Religioso por menor,  
 E grande por virtuoso.

Despois foy martyrizado, 958.  
 Elle, & o seu ajuntamento,  
 Que Antonio de Deos amado,  
 Antes de seu nascimento,  
 Tinha já prophetizado.

Na historia do fundador, 959.  
 Se trata mais largamente,  
 Do martyrio do menor,  
 De quem Antonio excelente,  
 Foy prophetico doctor.

Porque como foy sabido, 960.  
 Do martyrio glorioso,  
 Foy Antonio engrandecido,  
 Por Propheta milagroso,  
 Pello que lhe tinhão ouuido.



SANTO ANTONIO.

MILAGRE VINTE COMO

*o sancto se punha de joelhos diante de hum  
homẽ de mau viuer, & lhe prophetizou  
o sancto que auia de ser martyr,  
& passou assi.*

961. N'uma terra principal  
Hum escriuão residia,  
Laciuo, torpe, & carnal,  
Que porque viuia mal,  
Pode ser que não viuia,

962. Andaua nesta cidade  
O Lusitano varão,  
Prêgando a sancta humildade,  
E a diuina castidade,  
E a sagrada oração.

963. Quando o escriuão passou,  
A caso por hũa rua,  
Onde co sancto encontrou,  
Que co a humildade sua,  
A seus pés se ajoelhou.

E fazendo-



E fazendolho outra vez, 964.

O escriuão se embaraça,  
Vendo o sancto Portugues,  
E pedelhe que não faça,  
A reuerencia que fez.

O miserauel mundanno, 965.

Que tanto de Deos se esquece,  
Como tão mau se conhece,  
Cre que o sancto Lusitano,  
Zomba delle, & escarnece.

Andaua o triste escriuão, 966.

Triste porque não sospeita,  
Por onde, ou porque razão,  
Hum sancto a seus pés se deita  
Sendo elle tão mau Christão.

Pesualhe de encontrar, 967.

Ao sancto, & delle fugia,  
E tornandoo a topar,  
O sancto com alegria,  
Tornafelhe ajoelhar:



SANTO ANTONIO.

968. O homem escandalizado,  
Que o sancto o persegue tanto,  
Vendo o sancto ajoelhado,  
Enuergonhado, indinado,  
Fala deste modo ao sancto.

969. Padre se a Deos não temera,  
Metera a espada por ty,  
E quando assi succedera,  
Quem faz escarnio de mí,  
Outra vez o não fizera.

970. Porque causa, ou a que fim,  
Te pões com tal reuerencia,  
De joelhos por ante mí,  
Ao que com sancta paciencia,  
O sancto responde assi.

971. Irmão não te escandalizes,  
Que inda Deos te â de dár muyto,  
E essas palauras que dizes,  
Tem muyto fundas raizes,  
Mas mais leuantado fruycto.

Saberas



Saberas que eu desejey,  
De ter do martyrio a palma,  
E para isso trabalhey,  
Com desejo vida, & alma,  
Porem nunca o alcancey.

972.

E agora Deos poderoso,  
Me tem ami reuelado,  
Que tu seras tão ditoso,  
Que ás de ser martyrizado,  
E martyre, glorioso.

973.

Mas quando tão doce gloria,  
Sintas no teu coração,  
Tem coração na aflicção,  
E de mi tambem memoria,  
Por ser teu humilde Irmão.

974.

Como o pobre andava longe,  
De vêr o que o sancto disse,  
Entendeo que era doudice,  
E porque não o lisonge,  
Como mundano, & vão rioffe.

975.

Mas



SANTO ANTONIO.

976. Mas Deos que este bem encerra,  
Não tardou muito com isto,  
Que hum bispo daquella terra  
Co Euangelho de Christo,  
Foy fazer aos Mouros guerra,

977. E o escriuaõ ja ditoso,  
Não profano, nem perdido,  
Se mostra muy curioso  
Da graça de Deos mouido,  
Para irse co Religioso.

978. A terra Santa se passa,  
Vendendo tudo o que tem,  
Que quem vay a tanto bem,  
Leuando a diuina graça,  
Leua tudo o que conuem.

979. Desembarca o Capitão  
Co as armas do espirito Santo;  
O bispo frio algum tanto,  
Toma animo o escriuaõ,  
Fazendo aos Mouros espanto.

Ao



Ao Bispo ja não faz mingoa, 980.

Os prêgadores que ordena;  
Que o escriuão com voz serena  
Escreue melhor com a lingua,

Do que escreuia com a pena:  
Confundindo a Mafamede, 981.

Leuando o alto Deos,  
O Santo martyrio pede,  
O que o Senhor lhe concede,  
Leuando su'alma aos ceos,

Antes de ser degolado, 982.

Que degolado acabou,  
Aos Christaões manifestou;  
Como o bemaumenturado  
Antonio lho reuelou;

E como algũs escaparão 983.

Do martyrio, & do conflito,  
Logo que â patria tornarão,  
A santo Antonio exalçarão,  
Que tudo isto tinha dito.

Mil.



SANTO ANTONIO.

MILAGRE VINTE, E HUM  
como o sancto ajuntou, & sarou hum pè que  
hum mancebo de Padua, cortara,  
& como passou este  
suceso.

984. Naquella terra ditosa,  
Bemaumenturada Padua,  
Pello meu sancto famosa,  
Fez esta alma milagrosa,  
Huma empresa estranha, & ardua.

985. Hum homem aly morador,  
Que Leonardo se chamaua,  
Confessandose ao menor,  
Nos males que confessaua,  
Diz hum mais graue, & mayor.

986. E o tal peccado era,  
Que elle com colera, & yra,  
A sua mãy hum couce dera,  
E co a força que posera,  
De pancada a mãy cayra.

O sancto



O sancto co amor seu, 987.  
 Deque andaua acompanhado,  
 Disse estranhando o peccado,  
 Que pé que tal couce deu,  
 Que merecera cortado.

O bom do homem já contrito, 988.  
 Com desordem, & sem razão,  
 Pello que na confissão,  
 Antonio lhe tinha dito,  
 Corta o pé por sua mão,

A gente que aly se achaua, 989.  
 De o lamentar não cessa:  
 E algûma a dizer começa,  
 Que quem os seus pés cortaua,  
 Não tinha pês nem cabeça.

Acodirão a mãy, & o pay, 990.  
 E vendo o filho sangrado,  
 Desmayado o pê cortado,  
 Fica douda a triste mãy,  
 E o pay bem desesperado.

Pergun-



SANTO ANTONIO.

991. Perguntão que causa ouuera,  
Que tanto mal lhe causasse  
Dizem que Antonio dissera,  
Que pé que tal couce dera,  
Era bem que se cortasse.

992. Inda bem senão declara,  
Quem fora a causa do danno,  
A pobre mãy desempara,  
Queixarisse do Lusitano,  
Que seu filho lhe matara.

993. Chegaua a molher sem sizo,  
Porque enfim não o leuaua,  
E como seu mal contaua,  
O sancto com muyto auiso,  
A brandaua, & consolaua.

994. E que elle estaua innocente,  
De culpa no caso ter,  
E breue, & alegremente,  
Torna com a triste molher,  
Onde estaua o penitente,

Elogo



E logo se detremina, 995.

Como tal defastre nota,

A sua oração diuina,

E despois a alma deuota,

Sobola perna se inclina,

E co nome de Iesus, 996.

A perna foy apalpando,

Concertando, & esfregando,

Fazendo o final da Cruz,

Co pé se foy ajuntando.

E como o pé se ajuntou, 997.

Com marauilhofo espanto,

Saltando se leuantou,

Louuando a Deos, & ao sancto,

Pello milagre que obrou.

**MILAGRE VINTE, E DOVS**

*como hum Monarcha tyrano se lancou de seu*

*trono onde estava, aos pés do sancto, pello*

*resplendor q̃ lhe vio sair do rosto,*

*& do mais que passou.*

Tinha



SANTO ANTONIO.

998. Tinha hum monarcha Romano,  
Graõ parte tyranizado,  
Deste reyno Italiano,  
Com fauor de outro tyrano,  
E Federico chamado.

999. E por se fazer temido,  
Exercitaua as maldades,  
De seu peito empedernido,  
Por ser com tais crueldades  
De todos obedecido.

1000 Chegou a fama de ouuidas,  
A Antonio que estaua ausente,  
Como este fero insolente,  
Tiràua a muytos as vidas,  
Indiuida, & cruelmente.

1001 E considerando isto,  
Tão contra Deos, & malfeyto,  
Vay ao tyrano direito,  
Com o nome de Iesu Christo,  
A mouer o infernal peito.

E chegan-



E chegando a alma sancta,  
 (Graue, a nimosa, & inteira,)  
 Aa barba que Italia espanta,  
 A diuina voz leuanta,  
 E fala desta maneira.

O inimigo de Deos,  
 Desumano, Cão, rayuoso,  
 Quando às de acabar furioso,  
 De offender a Deos dos Ceos  
 Com teu peyto riguroso.

Quando essas tyranas mãos,  
 Ande dar fim, & acabar,  
 Com seus pensamentos vaõs,  
 De sem culpa derramar,  
 Tanto sangue de Christaõs.

Pois sabe que a espantosa,  
 sentença de Deos te està,  
 Esperando rigurosa,  
 Que â alma tão furiosa,  
 Rigurosa paga dê.

R

Isto



SANTO ANTONIO.

1007 Isto tudo a grandes brados,  
Diz ao tyrano o menor,  
De que ficarão espantados,  
Os homẽs de guarda armados,  
Que tinha aly deredor.

1008 E quando a todos parece,  
Pello que lhe tem ouuido,  
Que cruel morte lhe dese,  
O tyrano compungido,  
Do trono onde estâ se dece.

1009 E descingindo entre tanto,  
O cinto sem aluroço,  
Metendo a todos espanto,  
O deita pello pescoco,  
E se deita aos pês do sancto.

1010 Deu hum grande pasmo á gente,  
De vèr o fero Leão,  
Manso, humilde, & obediente,  
Pedindo ao sancto perdão,  
Do passado, & do presente.

Que



Que a emmenda acçitaria 1011

Do modo que elle deseja,

Antonio que isto lhe ouuia,

Contente se despedia,

Rogando a Deos que assi seja!

Ficou como de accidente, 1012

Ou qual de juizo falto,

Fica mais leue o doente,

E fora do sobre salto,

Assi fala á sua gente.

Companheiros o temor, 1013

Que vistes passar por my,

Foy de hum grande resplandor,

Que pellos meus olhos vy,

Da face do prégador.

Vy clara, & distintamente, 1014

O terribel fogo eterno,

E que Deos Omnipotente,

Me botaua de repente

Nas profundezas do inferno.



SANTO ANTONIO.

1015 E logo em dizendo isto,  
Sollegou seucoração,  
E teue ao seruo de Christo,  
Reuerencia, & deuação,  
Não ficando tão malquisto.

1016 E em quanto o sancto prefeyto,  
Nas suas terras andou,  
O tyrano confessou,  
Que do mal que tinha feyto,  
Muyto tempo se emmendou,

1017 Porem como Antonio espante,  
O tyrano, & o Demonio,  
Poenlhe o demonio diante,  
Que exprimentasse se Antonio,  
Hé sancto firme, & constante.

1018 E que não podia auer,  
Tal pureza, & humildade,  
Que Antonio não pôde ser  
Inteiro sem se trocar,  
De justiça, & de verdade.

Inteirã-



Inteirandose consigo, 1019  
 No pensamento infernal,  
 Toma hum presente real,  
 E lho manda como amigo,  
 Sendo inimigo mortal.

O mensageiro insolente, 1020  
 Leuava por commissão,  
 Matar o sancto innocente,  
 Quando o diuino varão,  
 Tome o maldito presente.

E que se não o quiser, 1021  
 Ou de lho mandar se enfade,  
 Lhe sofra quanto diser,  
 E que com muyta humildade,  
 Calado o torne a trazer.

Chega ao conuento o algoz, 1022  
 Crendo que sahia co feyto,  
 Maluado fero, & atroz,  
 E encobrindo o falso peyto,  
 Estas palauras propos.



SANTO ANTONIO.

- 1023 Exelino com humildade,  
Por teu filho se conhece,  
E te pede de amizade,  
Aceites a charidade,  
Que de vontade te offrece:
- 1024 Que já que tua virtude,  
Teue tão ditosa palma,  
Roges a Deos que o ajude,  
Porque a diuina saude,  
Deos lhe conceda á su'alma.
- 1025 O sancto humilde, & sizudo.  
Respondeo com voz ayrada,  
Dizey a esse cego, & rudo,  
Que quem por Deos deixa tudo;  
Tem tudo, & não toma nada.
- 1026 E que a grandeza, & riqueza,  
Destá pobre ordem descalça,  
Hé pobreza, & aspereza,  
E quanto tem mais pobreza,  
Tanto o Senhor mais a exalça.

E que



E que para obedecer,  
A seu desmancho, & desordem,  
Era a ordem preuerter,  
Que a minha ordem hê de não ter,  
E que tendo hê não ter ordem

Tornay o que está presente,  
Que por presente trazeis,  
Que presente de infieis,  
Adquirido injustamente,  
Não hé justo que deixeis.

Hiuos que se me deixais,  
O que espero em Deos não fique  
Só porque vós aqui estais,  
Receo que inda vejais,  
Cair esta casa a pique.

Confusos todos ficarão,  
E nada lhe responderão,  
E trazendo o que leuarão,  
Ao tyrano conta derão,  
De tudo quanto passarão.



SANTO ANTONIO.

1031 Que o padre sancto com furia.  
O seu presente engeitâra,  
E que só o não tomâra,  
Mas com hũa, & outra injuria,  
Os despidera, & mandâra.

1032 O tyrano satisfeyto,  
Pollas nouas que lhe dão,  
Certifica em seu conceito,  
Que o Lusitano varão,  
He Sancto, puro, & prefeyto.

1033 E aos mais tyranos obriga,  
Que o deixem todos fazer,  
O que bem lhe parecer,  
Inda que prégando diga,  
Contra elles quanto quiser.

MILAGRE VINTE, E TRES

*como forão conuertidos vinte & dous*

*salteadores, por virtude*

*do sancto, & sua*

*prègação.*

No



No tempo que estes sucesos,  
Do milagroso passauão,  
Vinte, & dous ladroës andauão,  
Nos verdes bosques espessos,  
Salteando quantos passauão.

1034

Erão os bandos desta gente,  
Por brenhas, matos, & ferras,  
Deitados como semente,  
Gente que andára nas guerras,  
Que tinha Italia ao presente.

1035

E como as cidades tem,  
Iâ a fama destes ladroës,  
De Antonio ao deserto vem,  
A fama aos ladroës tambem,  
De seus diuinos sermoës.

1036

E quando estes leuantados,  
Offendião mais aos Ceos,  
Forão de seu Deos tocados,  
Aque fossem disfraçados,  
Ouuir ao seruo de Deos.

1037

Vão



SANTO ANTONIO.

1038 Vão vér se no sancto vião,  
Sinais de que seja sancto,  
O que elles crer não podião,  
Desejão de vér se hê tanto,  
Quanto do sancto dizião.

1039 Dizemlhe por muytas vias,  
Que de Antonio as prègaçoës,  
E eficacia de rezoës,  
Erão como de outro Elias,  
Acendendo os coraçõës.

1040 Já em conselhos estão,  
Iã hião já receauão,  
Hús dizem ssi, & outros não,  
Querem yr, & não acabão,  
Mas por fim quer Deos que vão.

1041 Saem das couas escuras,  
Os Tygres desesperados,  
Sem culpa por seus peccados,  
Sendo humanas criaturas,  
Por seu gosto desterrados.

Hum



Hum lô falteador diuino, 1042  
 Descalço, brando, & begnino,  
 Rouba a vinte & dous ladroës,  
 Mas roubalhe os coracoës,  
 Como a todos de contino.

Iá todos com contriçaõ, 1043  
 As armas, & as almas rendem,  
 Porque entendem, & com rezão,  
 Que debalde se defendem,  
 Do sagrado capitão.

Pedem ao forte vencedor, 1044  
 Que a todos os confessasse,  
 E que ao Redemptor rogasse,  
 Que pois foy seu Redemptor,  
 Os perdoasse, & saluasse.

Ampara o sancto os perdidos, 1045  
 Iá debaxo de seu gremio,  
 E em premeo de os ter vencidos,  
 O sancto não quer mais premeo,  
 Que vellos arrependidos.

Porme-



SANTO ANTONIO.

1046 Prometendo a salvação  
Ao que emmendasse a mà vida,  
E o que tornasse à perdida,  
No reyno da perdição:  
Fogo eterno, & sem medida.

1047 Dalhe o santo a penitencia,  
Que seus peccados merecem,  
Elles com obediencia,  
A penitencia se offrecem,  
E exercitão com paciencia.

1048 Hum destes tinha a seu cargo,  
Visitar São Pedro em Roma,  
Doze vezes sem embargo,  
Tomando o caminho largo,  
Que com diligencia toma.

1049 Foy este hum grande Christão,  
E no caminho hũa vez,  
A hũs padres deu relação,  
Como o sancto Portugues,  
Fizera esta conuersão.

Milagre



MILAGRE VINTE, E QVA-  
tro como o sancto prégou aos peixes, &  
do mais que passou neste  
milagre.

Afsi como o Sol rodea,  
Com seus rayos toda a terra,  
Por onde Antonio passea,  
Ià como Sol alumea,  
A luz que em seu peito encerra.

1050

Na cidade de Arimino,  
Que afsi se chama a cidade,  
Chega o rayo christalino,  
Prêgar a fé, & a verdade,  
Do Euangelho diuino.

1051

Hús espanta, outros enlea,  
Outros atrae, & incita,  
Mas não acha quem o crea,  
Que aquella terra maldita,  
Estáua de Hereges chea.

1052

Sentese



SANTO ANTONIO.

1053 Sentese aggrauado muyto,  
Daquella gente obstinada,  
Que est'aua tão deprauada,  
Que não possa tirar fruycto  
Por mais que grita, & que brada:

1054 Sentese que não lhe accite,  
Esta gente pertinaz,  
Da fé o diuino leyte,  
E que se não aproucite,  
Da saluação que lhe traz.

1055 Tem sentimento, & payxão  
Não amarem o bem eterno,  
E com tanta ingratição,  
As almas que de Deos são,  
Querem serantes, do inferno.

1056 Prégações de tanto ser,  
Sagradas, & verdadeiras,  
Não lhe querem receber,  
Porque querem antes encher,  
As caldeiras, que as cadeiras,

E vendo



E vendo gente tão cega, 1057  
 Tão fera, dura, & maldita,  
 Que a Deos, & a verdade nega,  
 A fóz de hum rio se chega,  
 Junto ao mar, & aos peixes grita.

Animais brutos que estais, 1058  
 No mais fundo destes pégos,  
 Já que os homêes racionais,  
 São doudos, rudos, & cegos,  
 Quer Deos que o vos não sejais.

Já que os humanos nacidos, 1059  
 Fechão á palavra diuina,  
 Seus maos, & ingratos ouvidos,  
 Vinde vós peixes queridos  
 Ouvir a sancta doutrina.

Vinde co fogo de amor, 1060  
 Ouvir prêgar a verdade,  
 Porque premitte o Senhor,  
 Aja fogo em frialdade,  
 Pois hê frio o peccador.

Ardey



SANTO ANTONIO.

- 1061 Ardey vos em viua frãgoa,  
 Inda que abitais no rio,  
 Que o homẽ sem dor nem magoa,  
 Para me ouuir he mais frio,  
 Que vós que nacestes nãgoa.
- 1062 Vinde vós peixes queridos,  
 Amados de Deos, & nossos,  
 Iã que os homẽs tem sentidos,  
 Lingoa, maos, pês, carne, & ossos,  
 E não para Deos ouuidos.
- 1063 Mudos vinde ouuir prégar,  
 Thesouros que o Ceo encerra,  
 Sois do mar, sede de amar,  
 A Deos que vos quis criar,  
 Pois não querem homẽs da terra.
- 1064 Vinde sobre a agoa logo,  
 Recuperar esta magoa,  
 Que os que não ouuem meu rogo,  
 A vós verão sobre a agoa,  
 E assi se verão no fogo.

Vinde



Vinde sem medo, ou receo, 1065  
Que vos não quero pescar,  
Com anzol agudo, & feo,  
Quero aos infieis mostrar,  
Que hê seu Deos o Deos que creo.

Ià todo o reyno salgado, 1066  
Sem vento se reuoluia,  
E ao brado obedecia,  
Pollo prêgador obrádo,  
Que as obras de Deos fazia.

Iâ caminhão os nadadores, 1067  
Sem final caminho abrindo,  
Vestidos de varias cores,  
Grandes, pequenos menores,  
Como a prata reluzindo.

Vem todos com diligencia, 1068  
Alegres, & prazenteiros,  
Dâr ao sancto obediencia,  
Correndo como romeiros,  
A buscar a Indulgencia.

S Chega



SANTO ANTONIO.

1069 Chega a fria multidão,  
Co mar brando o ceo cereno,  
Todos em ordem, & feição,  
Grandes com grandes estão,  
E o pequeno co pequeno.

1070 Sobre as asas dos mayores,  
Os menores se subião,  
E mayores, & menores,  
Juntos no mar parecião,  
Hum campo alegre de flores.

1071 Com as cabeças leuantados,  
Mostrão todos muyto gosto,  
E postos, & concertados,  
Vendo os o sancto no posto,  
Diz aos ouuintes amados.

1072 Irmaõs meus peixes amigos,  
Tendes rezão de louuar,  
A Deos que vos quis criar,  
Em vossas couas, & abrigos,  
No mais fundo desse mar.

Deuuos



Deuos o criador eterno, 1073  
Como a suas criaturas,  
Casa de verão, & inuerno,  
Nessas couas mais escuras,  
Co mantimento, & gouerno:

Deuos o summo Deos mais, 1074  
Para vosso regimento,  
Hum christalino aposento,  
Porque os caminhos vejais,  
Quando caminheis sem tento.

E em lugar de mãos, & peis, 1075  
Vos deu vosso criador,  
Alas, esforço, & vigor,  
Para que por onde andeis,  
Que possais nadar melhor.

Quando o mundo vniuersal, 1076  
Teue a bella criação,  
Teuestes de Deos benção,  
E no diluuiio geral,  
Fora da arca a saluação.

S 2'

Em



SANTO ANTONIO.

- 1077 Em vosso ventre encerrado,  
Iónas esteue tres dias,  
E despois por Deos mandado,  
De vós, & das ondas frias,  
Saluo em terra foy lançado.
- 1078 A este tempo se bulião,  
Os peixes por dar finais,  
Da alegria que sentião,  
E para a mostrarem mais,  
Todos as bocas abrião.
- 1079 Ao milagroso espanto,  
Ià algũs homẽs se offreeem,  
E logo Deos entre tanto,  
Faz que os peixes ainda crecem,  
Por ouuir prêgar ao sancto.
- 1080 Ià esta praya se enchia.  
E a cidade se despeja,  
E como o sancto isto via,  
Como coluna da Igreja,  
Desta maneira dizia.



Sejas louuado Senhor, 1081  
 Que todo o vniuerso reges,  
 Como immenso criador,  
 Que os peixes te dão louuor,  
 E te negão homẽs hereges.

Sejas bendito, & louuado, 1082  
 Que ouirte os brutos pretendem,  
 E es por elles exalçado,  
 E os homẽs que se entendem,  
 Não entendem seu peccado.

Admirados se sentirão, 1083  
 Os miseros infieis,  
 Do que virão, & do que ouirão,  
 E logo aos sagrados peis,  
 Misericordia pedirão.

Os diuinos pês adorão, 1084  
 E beijão as diuinas mãos,  
 E prometendo a Deos chorão,  
 Se atêly hereges forão,  
 Que já querem ser Christaõs.



SANTO ANTONIO.

1085 O sancto outra vez prègou,  
Altas grandezas do Ceo,  
E â gente que aly se achou,  
Aos hereges conuerteo,  
E aos Christaõs confirmou.

1086 E querendose apartar,  
A benção lhe vay deitando,  
Vão por terra hũs passeando,  
Outros nadando por mar,  
E todos a Deos louuando,

MILAGRE VINTE, ECINCO

*Como se conuerteo hum herege porque vio  
que hũa mulla a dorou o sancto  
Sacramento, & o que  
mais passou.*

1087 Como a maldita heregia,  
Estáua tão semeada,  
Polla fé sancta, & sagrada,  
O meu sancto teue hum dia  
Hũa batalha trauada.

Hum



Hum preuerlo atreuimento,  
Sô pello inferno mouido,  
Falou contra o Sacramento,  
Mas posto que foy vencido,  
Não teue arrependimento.

1088

Promete que como veja,  
Na Hostia o corpo de Christo,  
Que sem falta Christão seja,  
E o sancto como ouuio isto,  
Fazelo Christão deseja.

1089

Diz ao herege que visse,  
O milagre que queria,  
Que se a palavra comprisse,  
Publicamente o faria,  
Do modo que lho pedisse.

1090

Torna o herege que húa mulla,  
Tres dias terá fechada,  
Sem lhe dar de comer nada,  
Porque despois com mais gulla,  
Se deite à palha, & ceuada.

1091



SANTO ANTONIO.

- 1092 E esfaimada sem comer,  
Elle atrará a hũa praça,  
E que Antonio há de trazer,  
Hũa Hostia com que se faça,  
O que promette fazer.
- 1093 E se esta mulla trazida,  
Faminta o comer engeita,  
E a Deos adora, & respeita,  
Que elle terá toda a vida,  
A sua fé por prefeita.
- 1094 O sancto sem recusar,  
Confiado em Iesu Christo,  
Que a vitoria lhe hà de dar,  
Assina o dia, & lugar,  
Para pôr por obra isto.
- 1095 Chega o dia assinalado,  
Em que à de enrestar a lança,  
O sancto, & forte soldado,  
Contra hũa falsa esperança,  
De hum peito falso, & danado.

Chega



Chega o dia que se elege,  
 Para o caso estranho, & nouo,  
 Traz por padrinhos o herege,  
 Outros hereges do pouo,  
 Com quem se aconselha, & rege,  
 Vinha o meu diuino Antonio,  
 Fazer ao demonio guerra,  
 Feyto bello Anjo da terra,  
 Que quem faz guerra ao demonio,  
 O parecer de Anjo encerra.

De Christaõs acompanhado,  
 E rodeado de Irmaõs,  
 E de cirios rodeado,  
 E elle nas sagradas maõs,  
 Deos homem viuo encarnado.

Toda a cidade corria,  
 Onde o milagre aõ de vêr,  
 Quem na fê de Christo cria,  
 Antes que visse já via,  
 De quem a palma â de ser.

Cuida



SANTO ANTONIO.

- 1100 Cuida o preuerso inimigo,  
Que há de leuar esta palma,  
E Antonio era seu amigo,  
Que lhe vay saluar su'alma  
Co Deos que leua consigo,
- 1101 Já chega o meu sancto perto,  
E o triste herege chegaua,  
Fiado em seu desconcerto,  
E Deos que esta alma esperaua,  
Està na Hostia encuberto.
- 1102 Estâualhe Deos dizendo,  
Conuertete peccador,  
Que só saluarte pretendo,  
Olha que teu Redemptor,  
Te perdoa, & te está vendo.
- 1103 Como o herege se pos,  
Com a mulla defronte d'elle,  
Antonio leuanta a voz,  
E diz olhando para elle,  
Deos por nós quem contra nós.

Diz



Diz á mulla obediente,  
 Em nome de teu criador,  
 Que aqui tenho indinamente,  
 Dês reuerencia, & louuor,  
 Como a Deos Omnipotente,  
 O pobre animal olhando,  
 Que o sancto a elle fallaua,  
 Da comida não curando,  
 Em terra se ajoelhaua,  
 A seu criador adorando:

1104

1105

Os Catholicos fizerão,  
 O que deuião fazer,  
 De prazer endoudecerão,  
 E chorando de prazer  
 A seu Deos engrandecerão;

1106

O herege que isto vio,  
 Não podendo negar isto,  
 Logo a promessa comprio;  
 E a sancta fé de Christo,  
 Humilde se reduzio.

1107

Milagre



SANTO ANTONIO.

MILAGRE VINTE, E SEYS

*Como hūs hereges quizerão dar peçonha  
ao sancto, & o conuidarão  
á comer, & do mias  
que passou.*

1108 Chegou a maldade a tanto,  
Dos homês, & crueldade,  
Que inuentarão com maldade,  
De dar peçonha ao meu sancto,  
Para acabar a humildade.

1109 A malicia humana cre,  
Sayr com caso tão feo,  
E que morte se lhe dê,  
Por derribar este esteo,  
Que tem mão na sancta fê:

1110 Dizem hūs hereges que fosse,  
Hum dia a comer com elles,  
E o sancto suaue, & doce,  
Por imprimir a fé nelles,  
Aggradecido humilhose.

Conhece



Conhece sua heregia,  
 E faz qual seu Redemptor,  
 Cos publicanos fazia,  
 E vay por vér se podia,  
 Tiralos de seu error.

IIII

E com danada tenção,  
 Lhe poem a mesa os imigos,  
 De todo o nome Christão.  
 Que mostrão que são amigos,  
 E elles inimigos são.

IIII2

O sancto inda bem não toma.  
 A venenosa iguaria,  
 Quando já comer queria,  
 Dizlhe Deos que antes que coma,  
 Que foubese o que comia,

IIII3

E como foy avizado,  
 De Deos o sancto varão,  
 Deulhe o sancto a reprehensão,  
 Que merecia o peccado,  
 De dár morte com treição,

IIII4

E por-



SANTO ANTONIO.

1115 E porque Antonio procura,  
Que sua malicia emmende,  
Gente tão peruerfa, & dura,  
Com paciencia, & com brandura,  
Os ensina, & os reprende.

1116 Os hereges como estão,  
Comprendidos da vergonha,  
Da peçonha que lhe dão,  
Confissão darlhe peçonha,  
Mas negão a mà tenção.

1117 Que a peçonha que tem visto,  
Não era para o matarem,  
Senaõ por esprementarem,  
Se hé verdade o que diz Christo,  
Dos que por Christo a tomarem.

1118 Que porque Deos no Euangelho,  
Diz que não pode empecer,  
A quem por elle a comer,  
Que buscaraõ este aparelho,  
Para o esprementar, & vêr.

E se



E se o Veneno mortal,  
 Sem lhe fazer mal comesse,  
 Por sem duuidatiuesse,  
 Que conhecendo seu mal,  
 Cada hum se conuertesse.  
 E sendo de outra maneira,  
 Na sua seita estarão,  
 Seja falsa, ou verdadeira,  
 E a de Christo cuydarão,  
 Não ser forte, firme, inteira.

O sancto pello respeito,  
 De hũa alma vér conuertida,  
 A esta morte se conuida,  
 Que para tanto proueito,  
 Quer arriscar tanto a vida;

Toma o Veneno na mão,  
 Dando aos hereges espanto,  
 E deitandolhe a benção,  
 Com animo enfim de sancto,  
 O mette no coração.

Cuda



SANTO ANTONIO.

1123 Cuida a caterua maluada,  
Como comesse o Veneno,  
Entregasse a vida amada,  
Porem ficou tão cereno,  
Qual senão comera nada.

1124 Como a peçonha tocou,  
Em seu brando coração,  
Logo a condição mudou,  
E se fez da condição,  
Do coração donde entrou,

1125 E deste manjar mortal,  
Que em suas entranhas tem,  
Tanto con Deos pôde, & val.  
Que não faz a Antonio mal,  
E faz aos hereges bem.

1126 Os hereges que entenderão,  
Que era verdade o que virão,  
O que ao sancto prometerão,  
Sua palaura cumprirão,  
E logo se conuerterão.

Milagre



## MILAGRE VINTE, E SE TE

*Como prégando o sancto em Roma foy  
entendido em muytas, diuersas  
lingoas, de nações q̃ o ouui-  
rão, & como passou.*

Na cidade celebrada

1127

Onde Deos São Pedro pranta,  
Concorrem â sancta cruzada,  
Porque tinham a terra Sancta,  
Turcos, & Mouros tomada,

Gregorio era Papa então,

1128

E que as vezes de Deos tem,  
Que manda nesta occasião,  
A Antonio faça hum sermão,  
Como se espera, & conuem.

Estão Gregos no auditorio,

1129

E Latinos, & Alemoes,  
E Franceses, & Esclauões,  
E o mesmo Papa Gregorio,  
Com mil diuersas nações

T

E como



SANTO ANTONIO.

1130 E como o Espirito sancto,  
Os Apostolos moueo,  
A Antonio lhe concedeo,  
Para prégár outro tanto,  
Com que espanto ao mundo deo.

1131 Que como o Senhor prétende,  
Fazer façanha tão rara,  
Demodo a lingua lhe acende,  
Que cada lingua o entende,  
Como se nella prégara.

1132 As naçoës que estão presentes,  
Muyto diferentes são,  
E em lingoagens diferentes,  
Mas nua lingua o fermão,  
O entendem todas as gentes.

1133 O Frances diz, que em Frances,  
A prégação lhe entendera,  
O Ingres diz, que em Ingres,  
E o Grego, que em Grego era,  
E hê milagre que Deos fez.

E como



E como se auirigou,  
 Que em mil lingoas o entenderão,  
 E que nua só prêgou,  
 O Padre sancto o honrrou,  
 E a Deos muytas graças derão.

1134

## MILAGRE VINTE, E OYTO

*Como hũa molher auio prêgar ao sancto de  
 sua casa a hũa legoa por q̃o marido lho de-  
 fendeo, & como passou o caso, &  
 se emmendou e marido.*

Hũa deuota molher,  
 Com amor, & deuacão,  
 Desejou ao sancto vér,  
 Ou para melhor dizer.  
 Ouuir sua prêgação,

1135

Muyta gente concorria,  
 Hũa legoa da cidade,  
 Donde o sancto a prêgar hia,  
 E a deuota com vontade,  
 Mais perto lhe parecia.

1136

T 2

E como



SANTO ANTONIO.

1137 E como a dóna pretende,  
Pôr em effeito seu gosto,  
O marido que a entende,  
Que em casa está maldesposto  
Este gosto lhe defende.

1138 A deuota lastimada,  
De não yr ouuir ao sancto;  
Sobe triste, & anojada,  
Fazendo muy grande pranto,  
Encima a outra poufada.

1139 E com esta magoa, & dor,  
Com que se lastima, & chora,  
A janella se foy pôr,  
Olhando à parte onde fora,  
O diuino prégador.

1140 E vendo Deos a tenção,  
Humilde, branda, & singella;  
Encostada na janella,  
Póde ouuir a prégação,  
Como se estiuera a ella.

Com



Com justa causa se espanta,  
 De marauilha tão rara,  
 Que ouue a diuina garganta,  
 Como se a doutrina sancta,  
 Junto della se prégará.

1141

O marido que ficaua,  
 Embaixo vendoa tardar,  
 Logo por ella bradava,  
 Ella responde que estâua,  
 Ouindo o sancto prêgar.

1142

Torna o marido a dizer,  
 Inda que bem a entendia,  
 Que a não podia entender,  
 Porque não lhe pode crer,  
 Aquillo que lhe dezia,

1143

Rindose o marido fica,  
 Disto que a molher lhe disse,  
 Mas ella torna, & replica,  
 Que se não risse, & sobisse,  
 Vér o que Deos certifica.

1144

T 3

Diz



SANTO ANTONIO.

- 1145 Diz o incredulo marido,  
Que hê douda quem tal disera,  
E tendo pronto o ouuido,  
Conheceo que elle sô era,  
O que o fiso tem perdido.
- 1146 Ouue a voz inteligiuvel,  
E as rezoês claras comprende,  
Porque em Deos tudo hé possiuvel,  
Pois de hũa legoa se entende,  
O que parece impossiuvel.
- 1147 E por acabar de crer,  
Que vér tal bem mereceo,  
A deuação da molher,  
Logo licença lhe deo,  
Que vá por onde quiser.
- 1148 Dando graças ao Senhor,  
Pello milagre famoso,  
Por mãos do seu prêgador,  
E de grande peccador,  
Veio a grande virtuoso.

Milagre



## MILAGRE VINTE, E NOVE

*Como o sancto sarou hũa criança, tolhida  
de seu nacimiento de pernas, &  
braços, & como  
passou.*

Tornandose o sancto hum dia, 1149  
De prégar ao seu gasalho,  
Por se escusar do trabalho,  
Da gente que o perseguia,  
Rodea por hum atalho.

Cuida de se defender, 1150  
De algũa gente que o segue,  
Mas o mesmo Deos não quer,  
Porque quer que antes que chegue,  
Que o encontre hũa molher.

Tomou hum filho tolheito, 1151  
Que tem de pernas, & braços,  
Do nacimiento imperfecto,  
E com diligentes passos,  
Buscou o varão perfeito.

T 4

E polla



SANTO ANTONIO.

1152 E polla fê que tem nelle,  
Porque todo o mundo o ama,  
Espera hum grande bem delle,  
E tanto o busca, & o chama,  
Até que foy dar com elle.

1153 Deitase a seus pés sagrados,  
E o filho lhe offereceo,  
Que diz cos olhos rasgados,  
Que tem, porque assi naceo,  
Pernas, & braços quebrados.

1154 E abrazada em puro fogo,  
De amor, & fê em Iesus,  
Pede que lho benza logo,  
E faça o final da Cruz,  
Que Deos ouuirâ seu rogo.

1155 A triste molher perfia,  
Que como o sancto a ajude,  
Que em Iesus com fê, confia,  
Que seu filho alcançaria,  
Muyta, & perfeita saude.

O sancto



O sancto por humildade,  
 Pretende de se escusar,  
 E ella com necessidade,  
 Não faz senão lamentar,  
 Do filho a enfermidade.

1156

Que como do sancto crea,  
 Que fará mores espantos,  
 Nesta aleijão triste, & fea,  
 Começa a dobrar seus prantos,  
 Como fez a Cananea.

1157

O companheiro humilmente,  
 Pede ao varão diuino,  
 Benzesse aquelle innocente,  
 Elle logo em continente,  
 Benze o tolhido minino.

1158

E sobre seus membros nús,  
 Diz o sancto que em virtude,  
 Do nome do seu Iesus,  
 Co sancto final da Cruz,  
 Iesus lhe dará saude.

1159

E como



SANTO ANTONIO.

1160 E como o sancto o tocou,  
 Co aquella mão milagrosa,  
 Com que tantos bês obrou,  
 Foy coufa marauilhosa,  
 Que em seus pés se leuanto,

1161 Aquelle que a mãy nos braços,  
 Leuou com tanta aleijão,  
 Iâ torna por seus pés saõ,  
 Iâ vay contando seus passos,  
 Sô sem ninguem pollo chão.

1162 Como o sancto conhecesse,  
 Que polla fê da molher,  
 Deos o milagre fizesse,  
 Diz que em quanto elle viuesse,  
 Ella o não queira dizer.

1163 Que elle vay contente, & ledo,  
 De Deos tal bem lhe fazer,  
 Que em pago disto só quer,  
 Deste milagre o segredo,  
 Os dias que elle viuer.

Milagre



## MILAGRE TRINTA, COMO

*o sancto sarou milagrosamente hũa minina  
de Padua muyto enferma, &  
como passou*

Hũa minina chamada,  
Paduana, era já de idade,  
De quatro annos, muyto amada,  
Mas tinha hũa enfermidade,  
De andar por terra arrojada.

1164

Tinha accidentes notaueis,  
De Epilensi, & Perlecia,  
Que ás vezes no chão cahia,  
Com desmayos miseraueis,  
Que escumando se estendia.

1165

Trouxea hũa vez consigo,  
O pay que tanto a amaua,  
E como o sancto encontrâua:  
Como sancto, & como amigo,  
Que a benzesse lhe rogaua.

1166

Que



SANTO ANTONIO.

1167 Que sua mão liberal,  
Nunca a ninguem foy escassa,  
Que pello que com Deos val,  
O final da Cruz lhe faça,  
Para bem de tanto mal.

1168 Logo com muyta humildade,  
O sancto em nome começa,  
Da santissima Trindade,  
Benzer esta enfermidade,  
De dos pés até cabeça,

1169 O pay sem fazer mudança,  
Do lugar adonde estáua,  
De seus trabalhos de cansaça,  
E vio que Deos lhe mostráua,  
O fim de sua esperança.

1170 Vio pagar lhe Deos a fê,  
Que teue firme, & inteiro,  
E porque mais firme estê,  
Vê agora por derradeiro,  
Andar sua filha em pê.



Vé a filha sem desmayos,  
 Parecer já de outra forte,  
 Rija, saã, corada, & forte,  
 Fora dos tristes ensayos,  
 Que representão a morte.

1171

Vê a potencia de Deos,  
 Por Antonio tão notoria,  
 Pondo o milagre em memoria,  
 Leuando as mãos aos Ceos,  
 enxalçando o Rey da gloria.

1172

MILAGRE TRINTA, E HVM  
*Como hũa dona fidalga desejava muyto de ou-  
 uir prègar ao sancto, & indo tras elle cayo  
 no lodo, & milagrosamente senão çujou,  
 & como passou o caso.*

Naquella cidade amada,  
 A donde ficou aquelle,  
 Que por elle hé mais prezada,  
 Cidade que a não ser elle,  
 Não fora ella tão honrrada.

1173

Que



SANTO ANTONIO.

1174 Nesta hũa dóna viuia,  
 Que tinha ao sancto afeição,  
 Aqual por nenhũa via,  
 Não lhe escapaua sermão,  
 Que o seruo de Deos fazia.

1175 Quando hum dia por acerto,  
 Que ella por acerto teue,  
 Hia prêgar daly perto,  
 E a dóna ligeira, & leue,  
 Se pôs em ordem, & concerto.

1176 Como era nobre, & valida,  
 Trajou se galhardamente,  
 E asy contente, & vestida,  
 Segue a multidão da gente,  
 Que hé cada vez mais crecida.

1177 Crece a gente de tal modo,  
 E em tal aperto se vio,  
 Que passando hum grande lodo,  
 Dentro no lodo cahio,  
 Cujando o vestido todo:

E como



E como a gente acudisse, 1178

A tentação do demonio,

Porque o sermão não ouuisse,

Caindo no lodo disse,

Iesus me valha, & Antonio.

Sintia o rico vestido, 1179

De Tella, Douro, ou brocado,

Ficar da lama danado,

Por respeito do marido,

Ser mal acondicionado.

Iá não sente o fato tanto, 1180

Inda que era de sentir,

Como sente o deixar d'yr,

Ouuir o sermão ao sancto,

Que a fez de casa sayr.

E vendo Deos a tenção, 1181

Daquella mulher deuota,

Foy caso de admiração,

Que todo o vestido nota,

Como sem tocar no chão.

Agente



SANTO ANTONIO.

1182 A gente que está diante,  
Que vio danado o vestido,  
Ficou fora de sentido,  
Por ficar no mesmo instante,  
Limpo, aseado, & polido.

1183 Causou com razão espanto,  
Milagre tão evidente,  
E pello caminho a gente,  
Por dar tal poder ao sancto,  
Louua a Deos Omnipotente.

MILAGRE TRINTA, E DOVS

*Como hum Anjo leuou hũa carta ao sancto  
& lhe trouxe a resposta, & como  
passou o caso.*

1184 Hum tempo nesta cidade,  
Cansado de prêgações,  
O sancto, & de confissoes,  
Acha ter necessidade,  
De deixar tais oppressões:

Deseja



Deseja de se apartar, 1185

Onde com quietação,

Solitario possa estar,

Que o solitario lugar,

Hé o lugar da oração.

Escreue num pensamento, 1186

Ao seu Ministro que veja,

Que apartarse hé seu intento,

Para outro recolhimento,

Onde mais quieto esteja,

Deixando a carta na cella, 1187

Foyse ao guardião tomar,

Licença para a mandar,

E juntamente com ella,

Portador para a levar.

Torna por ella ao estudo. 1188

Leuala a quem lha leuasse,

E como enfim não a achasse,

Ficou enleado, & mudo,

Como era bem que ficasse.

V

Diz



SANTO ANTONIO.

1189 Diz entre si que fechára,  
A cella quando se fora,  
E que ninguem lha leuâra,  
E que em menos de mea hora,  
Fora, & que logo tornara:

1190 Reuolue, imagina, & cansa,  
Sem a carta poder vêr,  
E perdendo a esperança,  
Entende que Deos não quer,  
Que faça daly mudança.

1191 E com discimulação,  
Do pensamento se aparta,  
De ter da carta paixão,  
E diz ao seu Guardiãõ,  
Que não quer mandar a carta.

1192 Porem como seu Deos gosta,  
Do que o seu seruo ordenara,  
Foy cousa famosa, & rara,  
Que hum Anjo trouxe a reposta,  
E o mesmo Anjo a leuara.

E vendo



E vendo o Senhor que anda, 1193

O seu seruo verdadeiro,

Em justa, & sancta demanda,

Hum Anjo do Ceo lhe manda,

Que seja seu mensageiro,

Trouxe o correo sagrado, 1194

O tempo que foy, & veo,

Tão medido, & tão contado,

Como homem humano, & correo,

Do mesmo sancto enuiado.

E como a carta lhe deo, 1195

Que o ministro lhe mandaua,

Logo desapareceo,

A onde o sancto entendeo,

Ser Anjo este que lha daua.

Vio nella que lhe dezia, 1196

Seu ministro que podesse,

Apartar-se onde quera,

E que tudo o que fizesse,

Seruiço de Deos seria.

V 2

Aqui



SANTO ANTONIO.

1197 Aqui acabou de crer,  
O successo milagroso,  
Porem não de engrandecer,  
O eterno Deos poderoso,  
Que o obrou com seu poder.

MILAGRE TRINTA, ETRES

*Como o sancto veo de Italia a Lisboa milagrosamente a fazer entregar a seu pay hūs papeis de cōtas q̄ dera a el Rey q̄ lhe negauão em que corria muito perigo, & como passou.*

1198 Sendo milagroso, & tal,  
Em Italia o Portugues,  
Sucedeo em Portugal,  
Ao ditoso pay que o fez,  
Hum successo muyto mal.

1199 Alem de sertabalião,  
Em Lisboa graue, & honrrado,  
E bem quisto cidadão,  
Era homem manso, & calado,  
Recolhido, & bom Christão.

Quan-



De todos fingello amigo, 1200  
 Facil, brando, & de verdade,  
 E o mundo falso, inimigo,  
 Busca aos desta calidade,  
 O trabalho, & o perigo.

Quando hum hê mais recolhido, 1201  
 Com Deos do mundo afastado,  
 Hé mais do mundo offendido,  
 E o mais solto, & estragado,  
 Delle hé mais fauorecido.

Foy ao cidadão pedida, 1202  
 Por seu Rey, estreita conta,  
 De modo a deu tão medida,  
 Que o não metesse em afronta,  
 Aque â de dar na outra vida.

O nobre cidadão daua, 1203  
 Conta aos que lha tomauão,  
 Como se delle esperaua,  
 Mas quitação lhe não dauão,  
 Dos papeis, que lhe entregaua.



SANTO ANTONIO.

1204 Julgava o nobre varão,  
O coração da outra gente,  
Ser como o seu coração,  
E sem malicia innocente,  
Se torna sem quitação.

1205 Mas ainda que a maldade,  
A verdade sempre offende,  
Offendea, mas não a rende,  
Que a verdadeira verdade,  
Polla verdade pretende.

1206 Porem poucos dias erão,  
Passados, quando sentirão,  
Que a quitação lhe não deraõ,  
E sem alma lhe pidiraõ,  
Conta que já receberaõ,

1207 Tinhâ dada tão direita,  
Que acreditou sua pessoa,  
Mas para os maos que aprouveita,  
Que lha pedem mais estreita,  
Tendoa dada recta, & boa.

Como



Como estão assegurados, 1208

Que não tinha o cidadão,

Remedio de defenção,

Com seus corações danados,

Trâtão sua perdição,

Vendo o cidadão honrado, 1209

Que não tem conhecimento,

Da conta que tinha dado,

Não come com sentimento,

Nem repoufa com cuidado.

Vesse co fizo perdido, 1210

Vesse perdida a paciencia,

Vesse fora de sentido,

Vêr que com tão má consciencia,

Oqueirão vêr destruido.

Está o innocente velho, 1211

De si mesmo auendo dô,

Desemparedado qual Ió,

Sem faber tomar conselho,

Triste, pensatiuo, & fô.



SANTO ANTONIO.

1212 Tem a tristeza, & paixão,  
No coração tão aceza,  
Que na triste occasião,  
Se se perdera a tristeza,  
Se achara em seu coração.

1213 Segundo geme, & fospira,  
O triste velho acabâra,  
Se Deos lhe não acodira,  
Com hũa façanha rara,  
Que Deos dé seus males tira.

1214 Hum dia que o pay estâua,  
Liurandosse temeroso,  
O milagroso que entrâua,  
Que a este tempo prêgâua,  
Em Italia o milagroso.

1215 Entra na falla real,  
O que os corações aballa,  
E a quantos estão na falla,  
Que procederão tão mal,  
Destá maneira lhes fala,



Os que negais de aceitar,  
Contatão pronta, & fiel,  
Atentay, que áueis de dar,  
Mais trabalhosa, & cruel,  
Que esta que quereis negar.

1216

Leuay logo sem presia,  
Em conta conta tão boa,  
Que elle vos deu em tal dia,  
Por tal modo, & por tal via,  
E diante de tal pessoa,

1217

Estes são certos sinais,  
Deste homem estar innocente,  
E se a verdade negais,  
A Deos offendendo estais,  
Rigurosa, & grauemente.

1218

Os officiais maluados,  
Ficarão de medo frios,  
E vendose condenados,  
quitação sem mais desuios,  
Lhe dão atemorizados.

1219

O sancto



SANTO ANTONIO.

1220 O sancto que aly viera,  
Ao bem que a seu pay conuinha,  
Logo desaparecera,  
E o pay que tal filho tinha,  
A Deos muytas graças dera:

1221 Dese vér liurenão cesa,  
Louuar a Deos por bem tanto;  
E cuidar donde mereça,  
Que Deos tanto o engrandeça,  
Que lhe desse hum filho sancto.

MILAGRE TRINTA, E  
*Quatro, & derradeiro da sua vida como veo o  
sancto outra vez de Italia a Lisboa, milagrosa-  
mente, liurar a seu pay que morria  
degolado injustamente.*

1222 Quanto o successo hê mayor,  
E o caso mais arriscado,  
De perigo, & de rigor,  
Tanto fica mais honrado,  
E louuado o vencedor.



O diuino Portugues, 1223

Que liurar ao bom pay veo,

Do mal que ser bom lhe fez,

Agora veo outra vez,

Liuralo de outro mais feo.

Erão dous amigos tais, 1224

Por odio que se tiuerão,

Que sendo amigos leais,

Sem lealdade se fizerão,

Dous inimigos mortais.

Podese que estas payxoës, 1225

Que entre ambos de dous auia,

Sobre suas pretençoës,

Que então Martim de Bulhoës,

Nem tão sómente as sabia.

E por ser Antonio tal, 1226

Contra o poder do demonio,

Tráta o demonio infernal,

Para se vingar de Antonio,

Ao pay fazer este mal.

Ordena



SANTO ANTONIO.

1227 Ordenaua esta reuolta,  
A soberba, & maldição,  
Porque ande a maldade solta,  
Para colher nesta enuolta,  
O virtuoso cidadão.

1228 Hum inimigo encontrou,  
Do outro hum mancebo seu,  
E com engano o matou,  
E como a morte lhe deu,  
Em segredo o enterrou.

1229 Deulhe a sepultura junto,  
Das casas do pay do sancto,  
Mas a justiça entre tanto,  
Polla falta do defunto,  
Fez grande terror, & espanto,

1230 Como o tyrano homicida,  
Deu a morte dura, & fea,  
Porque a justiça arrecea,  
Arriscando âlhea vida,  
O enterra na casa alhea.

E sendo



E sendo o caso infernal,  
 Faz o Demonio que intente,  
 O matador outro mal,  
 Em o levar ao quintal,  
 Da casa doutro innocente,  
 Quando o cidadão descansa,  
 Alheo deste perigo,  
 Tinha elle tal vizinhança,  
 Que o seu vizinho inimigo,  
 O morto em casa lhe lança.

1232

1233

Logo o Regedor deu traça,  
 Vzando de seu officio,  
 Que a inquirição se faça,  
 E sô hum pequeno indicio,  
 Se achou em toda a deuaça.

1234

Não vio mais o Regedor,  
 Que hum só homem que jurara,  
 Que o dia de antes passara,  
 Polla rua do aggressor,  
 O defunto que faltara.

1235

E como



SANTO ANTONIO.

1236 E como Deos não consente,  
Morte tão fera, & injusta,  
A castigou justamente,  
Ainda que tanto á custa,  
Do cidadão innocente.

1237 Foy a justiça à poufada,  
Com grande terror, & espanto,  
E como não achou nada,  
Reuolue a do pay do sancto,  
Que estaua a esta pegada.

1238 Vendo o cidadão honrado,  
Em casa tanto aluoroço,  
Teuelle por affrontado,  
Porque na morte do moço,  
Sabe que não hé culpado.

1239 Mas o rey da escuratreua,  
Como o triste caso atixa,  
Porque tanto lhe releua,  
Hum ministro de justiça,  
A coua do morto leua.

Todos



Todos poterão o fello, 1240  
Ser de Martinho a treição,  
Mandando logo prendello,  
E de branco, & ansião,  
Fezselhe o rosto amarelo.

Não deixou de ter temor, 1241  
Inda que tinha innocencia,  
E com paciencia, & prudencia,  
Antes quis perder a cor,  
Que não perder a paciencia.

Não sintio o cidadão, 1242  
Tanto a sua prisão delle,  
Como dos seus a prisão,  
Porque prendião com elle,  
Quantos na pouxada estão.

Logo a todos constranjerão, 1243  
Que confessassem a offença,  
E como nada diserão,  
Lhe dão de morte sentença,  
Pello que nunca fizerão.

E ten-



SANTO ANTONIO.

1244 E tendo a alua vestida,  
Tão negra para quem morre,  
Foy reuelada, & sabida,  
Pello filho que o socorre,  
Que morre a innocente vida.

1245 E como Deos lhe dezia,  
Do pay triste o triste estado,  
Logo de Italia partia,  
A Lisboa ao pay amado,  
Que degolado morria.

1246 E por diuina virtude,  
Foy a diuina pessoa,  
(Sem que de Italia se mude,)  
Em breue espaço a Lisboa,  
Para que ao bom pay ajude.

1247 E logo ao Regedor graue,  
Diz o sancto oque conuem,  
Que elle sabe muyto bem,  
E que o diz porque o sabe,  
Que os presos culpa não tem.

Que



Que os innocentes não mate, 1248  
 Porque innocentes estão,  
 E que os solte, & quando não,  
 Que a execução dilate,  
 Porque hê falsa execução.

O Regedor que não vê, 1249  
 Sinal, nem proua nenhũa,  
 Que ao sancto credito dê,  
 Diz que logo se conclua,  
 A sentença que dada hé.

Antonio vendo o desprezo, 1250  
 Do Regedor enganado,  
 Está no Ceo confiado,  
 Liurar seu amado preso,  
 Que era enfim seu pay amado.

Sae o cidadão honrado, 1251  
 Coa morte já engulida,  
 Confessado, & comungado,  
 Vagaroso, & desmayado,  
 Já como corpo sem vida.

X

Tanto



SANTO ANTONIO.

1252 Tanto a morte não sentia,  
 Como sente ouuir a voz,  
 Que do pregoeiro ouuia,  
 Que a grandes vozes dizia,  
 Morrer por hum caso atroz.

1253 Mas qual caçador que sabe,  
 O posto onde a aue vem,  
 E o laço brando, & suaue,  
 Vigia como conuem,  
 Onde caça a simples aue.

1254 Tal Antonio vigiando,  
 Está no adro da Sè,  
 Quando a pomba branca vê,  
 Aquem estàua esperando,  
 Que o seu querido pay hê.

1255 Chega o sancto ao lugar,  
 Onde estàua sepultado,  
 Por quem vinha a degolar,  
 O pay, sem culpa, & peccado,  
 E assi começa a fallar.

Da



Da parte de Deos defunto, 1256

Que a verdade não escondas,

E que a este pouo junto,

Te leuantes, & respondas,

O caso que te pergunto.

Logo que o sancto isto disse, 1257

E o pouo se admirasse,

Faz com que Deos premitisse,

Que a sepultura se abrisse,

E o morto se levantasse.

O pouo estãua trouado, 1258

De vér hum caso tão nouo,

Que hum morto viuo, asentãdo,

Respondesse a todo o pouo,

O que lhe foy preguntãdo.

O sancto lhe preguntou, 1259

Se algũa daquella gente,

Lhe deu morte, ou lha causou,

Responde o morto innocente,

Nenhum delles me matou.

X 2

O pouo



SANTO ANTONIO.

1260 O pouoque attento estaua,  
Ao que o morto respondia,  
Com lagrimas de alegria,  
E grandes gritos que daua,  
Parece que o Ceo cahia.

1261 Vendo isto a justiça quer,  
Saber delle a certa proua,  
E logo se chega á coua,  
Para a verdade saber,  
Porem o sancto o estrôua,

1262 Querendo ao mundo mostrar,  
Que o poder que de Deostinha,  
Sô era para liurar,  
E que com seu poder vinha,  
Liurar, & não condenar.

1263 Como o morto não responde,  
Iá mais palaura a ninguem,  
Na triste casa que tem,  
Para perpetuose esconde,  
Onde hemos nos de yrtambem.

O pobre



O pobre velho ficou,  
De esforço, & alento fulto,  
Do trespasso que passou,  
E do grande sobrefalto,  
O bom filho o consolou.

1264

Em conuersação tão boa,  
Pay, & filho hum dia estáua,  
E Deos, que a sancta pessoa,  
Pôs n'ua noite em Lisboa,  
Em outra a Italia o leuaua,

1265

Neste milagre que vês,  
Nelle tres milagres n'oto,  
E se n'otas como os fes,  
Sendo Christão seu deuoto,  
Não negaras que são tres.

1266

Foy n'ua noite o primeiro,  
De Padua a Lisboa vir,  
E o segundo resurgir,  
Hum defunto, & o treceiro,  
Tornar noutra noite a yr.

1267



SANTO ANTONIO.

1268 Ves aqui a prefeição,  
Que tem a virtude sua,  
E porque a vida conclua,  
Tenhe grande deuação,  
E a minha alma com a tua.

F I M D O S M I L A G R E S  
Do sancto em sua vida.

O G L O R I O S O T R A N S I T O  
*Do Padre sancto Antonio, & como  
Passou à gloria.*

1269 **D**E quantas terras coreo,  
Em França & Italia o sancto,  
Em que em todas floreceo,  
A nenhũa estimou tanto,  
Como Padua onde viueo.

1270 E como tambem o amasse,  
Este pouo de continuo,  
Porque o sancto lhe pagasse,  
Quis Deos que o corpo diuino,  
Por thesouro lhe ficasse.

Andaua



Andava o sancto inquieto,  
 Dos sermoes, & maldesto,  
 E por viuer mais quieto,  
 Deseja mudar o posto,  
 Para hum lugar mais secreto.

1271

Foy daly a hum lugar perto,  
 Que de saõ Pedro se chama,  
 Onde hum fidalgo de fama,  
 Lhe fez com ordem, & concerto,  
 Tres cellas de esteira, & rama.

1272

Ilustre Italiano,  
 Se teue por mais honrado,  
 E muyto alegre, & vfano,  
 Fauorece o Lusitano,  
 Como Anjo de Deos mandado.

1273

Tinha esta contemplação,  
 O sancto por refrigerio,  
 Por ter em conuersação,  
 Frey Lucas, & frey Rogerio,  
 Varoões de alta prefeição.

1274

X4

Debaixo



SANTO ANTONIO.

1275 Debaixo de hũa nogeira,  
Tinhão as tres humildes cellas,  
Pobres, & feitas de esteira,  
E com ser desta maneira,  
As tem por ricas, & bellas,

1276 Quanto mais pobreza encerra,  
Vida de tanta aspereza,  
Por Deos hé summa riqueza,  
Porque as riquezas da terra,  
Sem Deos saõ terra, & pobreza.

1277 Nesta continua austinencia,  
Começou de enfraquecer,  
E não se podendo ter,  
Em pé já de penitencia,  
Ababou de adoecer.

1278 Neste tempo a summa alteza,  
Lhe tinha já reuelado,  
Que aonde andou desterrado,  
Deste valle de tristeza,  
Auia de ser leuado.

E muy-



E muytos dias auia,  
 Difera a seu companheiro,  
 Que Padua se alegraria,  
 E de seu corpo seria,  
 O possuidor verdadeiro.

1279

E como vio que chegaua,  
 A sua hora derradeira,  
 E que seu Deos o auisaua,  
 A frey Rogerio chamaua,  
 Dizendo desta maneira,

1280

Frey Rogerio, amigo, Irmão,  
 Temo na commonidade,  
 Nos que na hermidia estão,  
 Que esta minha enfermidade,  
 Cause aos padres trouação,

1281

E já que a ditosa hora,  
 Quer Deos que tão cedo seja,  
 Quisera, que em Padua fora,  
 E sepultado na Igreja,  
 Da Virgem nossa Senhora.

1282

Isto



SANTO ANTONIO.

- 1283 Isto pede ao companheiro,  
O sancto, & justo varão,  
Por ter amor verdadeiro,  
A Padua, & ao mosteiro,  
Que hé da Virgem inuocação,
- 1284 Aos companheiros parece,  
O que o sancto lhe diz bem,  
E porque Deos quer que dem,  
A Padua o bem que merece,  
Que lhe quist tamanho bem.
- 1285 Não foy tanta a saudade,  
Que os Padres tiuerão d'elle,  
Como em saber a verdade,  
Em que a ditosa cidade,  
Fica com elle, & sem elle.
- 1286 Como o sancto lhe tem dito,  
Que a summa bondade immença,  
O chama ao reyno infinito,  
A todos quebrou o espirito,  
Verlhe a vltima doença.



N'um carro asentado hia, 1287

Com fraco, & pallido rosto,

Aquelle que merecia,

Ir no carro do Sol posto,

Por Sol que a terra alumia;

Antes que entre na cidade, 1288

Da mesma cidade vinha,

Hum da ordem da humildade,

Com quem o sancto tambem tinha,

Particular amizade.

E mostrandolhe a paixão, 1289

Que de o vêr enfermo sente,

Lhe diz que não hé decente,

Para sua quietação,

Ir á cidade doente.

E que aõ de ser infinitas, 1290

As visitas que há de ter,

Que na hermida se quiser,

Por escusar as visitas,

Se ouuera de recolher.

Pareceu.



SANTO ANTONIO.

1291 Pareceulhe sancta, & bella,  
A rezão que o padre daua,  
E na hermida se ficâua,  
Ou oratorio de Arcella,  
Quê a terra assi se chamaua:

1292 Como os padres que aly estão,  
Vêm que para o Ceo melhora,  
Os sacramentos lhe dão,  
E logo o da Estremaunção,  
Por chegar a estrema hora.

1293 Não tinha o meu Capuchinho,  
Trespasos, nem defatinos,  
Antes como pasarinho,  
Ha Virgem cantando hynnos,  
Hiasse pondo em caminho,

1294 Os companheiros com isto,  
Preguntauanlhe que via,  
Elle que a Christo tem visto,  
Que via lhe respondia,  
A seu Senhor Iesu Christo.

Esperto



Esperto ao Ceo caminhaua, 1295  
Alma de tanta virtude,  
E a faude o visitaua,  
Que hé verdadeira faude,  
Jesus que com elle estáua.

Os olhos corporaes cerra, 1296  
Quem cos d' alma via a Deos,  
Posto que andaua na terra,  
E quem todo o bem encerra,  
Sua alma encerra nos Ceos.

Como aruores que deixarão, 1297  
Os ventos sem nenhum fruyto,  
Que pollo inuerno abalârão,  
Os companheiros ficârão,  
Sintindo esta ausencia muyto.

E quando gozarão isto, 1298  
Os ditosos Italianos,  
Com fruitos tão soberanos,  
Erão mil da era de Christo,  
Duzentos trinta & hum annos.

A treze



SANTO ANTONIO.

1299 A treze dias do mes,  
Quando sega o laurador,  
A sementeira que fez,  
Deu a alma a seu criador.  
O diuino Portugues.

1300 E nesta ditosa era,  
Que como a era creceo,  
Foy verde ao Ceo como era,  
Pois quando subio ao Ceo,  
De trinta, & seis annos era.

FIM DO QVARTO  
Canto, & gloriosa morte  
De sancto Antonio.



CAN-



## CANTO V.

## E D E R R A D E I R O

*como appareço dispois de sua morte ao Abbade  
de Vercel, & o sarou de hũa grande enfer-  
midade, & foy trazido seu sancto  
corpo de hũ lugar onde morre-  
ra, chamado Arcela, a Pa-  
dua, & Canonicação,  
& milagres.*

**N** Aquella hora, & momento,  
Que teue o justo, & fiel,  
O glorioso passamento,  
Oraua em seu aposento,  
O Abbade de Vercel.  
E com a sancta innocencia,  
Que o Abbade professou,  
Em seu aposento entrou,  
Antonio, & com reuerencia,  
Ao Abbade assi falou.

Sabereis

1301

1302



SANTO ANTONIO.

- 1303 Sabereis senhor Abbade,  
Que quã deixo o meu asninho,  
E voume com breuidade,  
Para a patria de caminho,  
Iusta, eterna, & de verdade.
- 1304 Nisto a entender lhe daua,  
Que para o Ceo se partia,  
Patria que elle desejava,  
E o asninho que dizia,  
Era o corpo que deixava,
- 1305 E porque o Abbade tinha,  
Hum achaque na garganta,  
E o sancto lho adeuinha,  
Nella lhe pòs a mão santa,  
E lhe deu sancta mezinha.
- 1306 E como desaparece,  
O Abbade conheceo mal,  
A visã que lhe âparece,  
E que se vay lhe parece,  
Sancto Antonio a Portugal.



O Abbade se leuantoou, 1307  
E foy a correr tras elle,  
E como não no encontrou,  
A dous padres preguntou,  
Se sabião parte delle.

Respondelhe a companhia, 1308  
Com rezão chea de espanto,  
Que o sancto, em Padua viuia,  
E muytos dias auia,  
Que não tinham visto o sancto.

Logo o Abbade lhe affirmou, 1309  
Que elle o tiuera presente,  
E a garganta lhe tocou,  
E que milagrosamente,  
O mal que tinha farou.

E mandando hum companheiro, 1310  
Ao mosteiro que aly estàua,  
Não no acharão no mosteiro,  
Donde o Abbade affirmaua,  
Ser milagre verdadeiro.

Y

Junta.



SANTO ANTONIO.

1311 E juntamente entendeo,  
Quando o sancto lhe dissera,  
Voume, que era para o Ceo,  
E soube quando morrera,  
Que era quando appareceo.

1312 Soube que a felice hora,  
Que em Vercel o tinha visto,  
Na mesma para o Ceo fora,  
Louuando o seruo de Christo,  
Aquem estima, & adora.

COMO FOY TRAZIDO SEU  
*sancto corpo a Padua, & das solemnes  
obsequias, & dous grandes  
Milagres,*

1313 Querião ter algum tanto,  
A sancta morte em segredo,  
Mas o milagroso, & sancto,  
Quer que goze o seu bem cedo,  
Italia que lhe quis tanto.

Foy



Foy reuelado por Deos, 1314  
 Que a honra dos Lusitanos,  
 E a gloria de Italianos,  
 Fora buscar premio aos Ceos,  
 De seus feytos soberanos.

E logo em sendo sabido, 1315  
 Dos Paduannos moradores,  
 Que o sancto era falecido,  
 Fazem muy grande alarido,  
 Pello mayor dos menores.

Tinhão lhe tanta amizade, 1316  
 Velhos, moços, & mininos,  
 Que andauão pella cidade,  
 Fazendo mil defatinos,  
 E chorando de faudade.

Com fizo os velhos sentião, 1317  
 A perda de tanto bem,  
 E os mininos o perdião,  
 Té as mulheres tambem,  
 Mostrão o bem que lhe querião.



SANTO ANTONIO.

- 1318 Já te aluoroção da terra,  
E vão para Arcela armados,  
Detriminados por guerra,  
A trazer detriminados,  
Este thesouro que encerra.
- 1319 Os padres de Padua vão,  
A Arcela para o trazer,  
Que em Padua disse o varão  
O sepultassem, por ser,  
Da Virgem a inuocação.
- 1320 Leigos, & frades pretendem,  
Trazelo por guerra, ou paz,  
Porem em Arcela entendem,  
Defenderenlho affas,  
Mas em fim não lho deffendem.
- 1321 Já os de Arcela arremetem,  
Para as Reliquias tomar,  
Porem foy para notar,  
Que quer Deos que não acertem,  
Por onde auião de entrar.



Ouve grande diferença,  
 Pello thesouro felice,  
 Mas quis a verdade immensa,  
 Que o Bispo désse a sentença,  
 E que o leue padua disse.

1322

E para o leuar melhor,  
 Com pompa, & com alegria,  
 Iuntaransse a outro dia  
 O bispo, & Governador,  
 E os padres, & clericia,

1323

O contrario não aceita,  
 Que tomem os de Padua pósse,  
 Mas o Governador deita,  
 Mil pregoes que lhe não fosse,  
 Injuria nenhũa feita.

1324

Que quem quer que deffendesse,  
 Leuar o corpo diuino,  
 Ou desatino fizesse,  
 Por fazer tal desatino,  
 Toda a fazenda perdesse,

1325

Y 3

E com



SANTO ANTONIO.

1326 E com humildade tancta,  
Quanta se deuia a tanto,  
Aquella arca se leuanta,  
Que trazia o corpo sancto,  
Que tiuera a alma sancta.

1327 Leuão os religiosos grãues,  
Brandoes accessos continos,  
Com Psalmos, canticos, hymnos,  
Como royxinois suaues,  
Louuando os ossos diuinos.

1328 E porque se admire a gente,  
Do que Deos a Antonio amou,  
Hum sepulchro se achou,  
Feyto milagrosamente,  
Onde o corpo se encerrou.

1329 Alma pura, & excelente,  
Que por excelente, & pura,  
Achaste hũa sepultura,  
Feita milagrosamente,  
Não de humana criatura.

Quem



Quem servirte não deseja,  
 E entregarte o coração,  
 Quem de continuo não beija,  
 As pedras da tua Igreja,  
 Que mais que esmeraldas são.

1330

Quem não catiua a vontade,  
 A varão tão glorioso,  
 Quem tem mais outra amizade,  
 Quem não se tem por ditoso,  
 Nacer na tua cidade,

1331

Mã y que tal filho pariste,  
 Pay que tal filho geraſte,  
 Mã y que tão bom filho viſte,  
 Pay que por elle escapaste,  
 De hũa morte injusta, & triste.

1332

A mã y que o criou tambem,  
 Pay que lhe deu o gouerno,  
 Que alcançaſſe o bem que tem,  
 Goze a mã y o bem eterno,  
 E o pay goze o eterno bem.

1333



DA CANONIZAC, A O  
Do sancto, & de hum famo-  
so milagre.

1334

**D**espois que a tromenta vem,  
Vem a luz clara, & cerena,  
E hê natural tambem,  
Vir tras o descanso a pena,  
E a cabo do mal o bem.

1335

Permitio Deos que vierão,  
Padua com Arcela a ter,  
As reuoltas que tiuerão,  
Para mais se engrandecer,  
A causa donde nacerão.

1336

Inda chegado não tinha,  
A Padua o corpo sagrado,  
Quando todo enfermo vinha,  
Leproso, cego, & aleijado,  
Buscar a sancta mêzinha.

O leproso



O leproso que tocaua,  
 Na tumba do glorioso,  
 Qual se o não fora ficaua,  
 E se viera leproso,  
 São, sem lepra se tornaua:

1337

E o que por seus peccados,  
 A luz do dia não via,  
 Por ter os olhos fechados,  
 Sendo na tumba tocados,  
 Logo via a luz do dia.

1338

O aleijado, & tolheito,  
 Que lhe tocaua tambem,  
 Logo anda saõ, & direito,  
 E de outros malles tambem,  
 Tocando o diuino leito.

1339

Ay enfermos infinitos,  
 Os quais não podem chegar,  
 E vendo os outros sárar,  
 Dauão por Antonio gritos,  
 Que morto os ouuio gritar.

1340

Todos



SANTO ANTONIO.

- 1341 Todos os que Antonio inuocão,  
Sem porem na tumba as mãos,  
Não forão seus gritos vaõs,  
Que os que tocão, & que não tocão,  
Geralmente ficão saõs,
- 1342 Tão contente, alegre, & ledo;  
Vay quem so lhe deu louuor  
Como o que lhe poem o dedo,  
Qual na vinha do Senhor,  
Os que forão tarde, ou cedo.
- 1343 Logo a ditosa cidade,  
C'os lugares mais chegados,  
Mandão dar confederados,  
Conta a sua santidade,  
Dos milagres celebrados.
- 1344 Dizem os p'uos todos juntos,  
Ao Sagrado Consistorio,  
Do Papa nono Gregorio,  
Que refucita defuntos,  
O sancto como h' notorio.

E alem



E alem de refucitar, 1345

Os que já vida não tem,

Fazia a mudos fallar,

E ouuir a surdos tambem,

E os aleijados andar.

E outros milagres de espanto, 1346

De ferro, de agoa, & de fogo,

E que sendo isto afsi tanto,

A Canonização logo,

Hê justa se faça ao sancto.

O Papa Gregorio então, 1347

Vendo tão justa demanda,

Para a Canização,

Ao Bispo de Padua manda,

Tome a certa informação.

E com o Bispo dous Doutores, 1348

Hum Abbade de saõ Bento,

Homem de alto fundamento,

E da Ordem dos prègadores,

Hum Prior de entendimento.

Com



SANTO ANTONIO.

- 1349 Com diligencia crecida,  
A sancta vida os espanta,  
E a morte esclarecida,  
Que a onde a morte foy sancta,  
Deuco de ser sancta a vida.
- 1350 Tão rara vida lhe achãrão,  
E milagres admiraveis,  
Que com rezão se admirãrão,  
E ao Padre sancto a mandãrão,  
Com testemunhos notaueis.
- 1351 Vendo o Papa que fez tanto,  
O sancto na fê Catholica,  
Por coluna, rayo, espanto,  
Mandou â Sé Apostolica,  
Que canonizem o sancto.
- 1352 E fazendo o que se deue,  
A corte Pontifical,  
Contradizelo se atreue,  
Hum illustre Cardeal,  
Dizendo, que o tempo hé brève.

Não



Não era hum anno chegado,  
Que o diuino Portuguez,  
Ao Ceo fora trasladado,  
Mas os milagres que fez,  
Iá tinham o mundo espantado:

1353

O Cardeal inda infistia,  
Em sua contradição,  
No que Antonio merecia,  
Mas de noite hũa visão,  
Em sonhos lhe apparecia:

1354

Iá a quelle que encontrãua,  
As honras do milagroso,  
O mesmo as folicitaua,  
E muyto mais deseioso  
De as acabar se mostrãua.

1355

Sonhaua o Cardeal que vinha,  
Para hum altar consagrar  
O Papa como conuinha,  
E que Reliquias não tinha,  
Que pôr no sagrado altar.

1356

E que



SANTO ANTONIO.

- 1357 E que o Padre sancto pede,  
Reliquias ao Cardeal,  
Donde hum milagre succede:  
E foy que hũa voz geral,  
Daquelle lugar procede.
- 1358 Diz que as Reliquias tomasse,  
Do Lusitano varão,  
Honrasse, amasse, estimasse,  
E que com veneração,  
Neste altar as consagraffe.
- 1359 E cecando a vòz dos Ceos,  
O Cardeal logo acordou,  
E o successo confirmou,  
Ser reuelação de Deos,  
Que o mesmo Deos lhe mostrou.
- 1360 Quando a malicia inimiga,  
Não diga o que em vos se encerra,  
Tal virtude a Deos obriga,  
Que se o não disser a terra,  
Venha do Ceo quem o Diga.

E lidos



E lidos, & examinados,  
Os milagres, & approuados,  
De doenças diferentes,  
São dezanoue doentes,  
Suppitamente curados.

1361

Cinco Paralíticos fez,  
Sãos, com cinco corcouados,  
Seys cegos alumiados,  
Tres mudos, & surdos, tres.  
Dous mortos resuscitados.

1362

A dous de Ippilensi deo,  
Saude, & de febres mais  
O que tudo aconteceo,  
Para espanto dos mortais,  
Despois que o sancto morreo;

1363

O padre sancto que vé,  
Os milagres tais, & tantos.  
Ordena que escripto estê,  
Sancto que tam sancto hê,  
No Cathalogo dos sanctos.

1364

E por



SANTO ANTONIO.

1365 E por mais veneração,  
Húa Antifona leuanta,  
Cantada com deuação,  
Dizendo a sancta oração,  
Humilde, deuota, & sancta.

1366 E por ter esta verdade,  
O mundo por testemunho,  
Manda sua santidade,  
Que a festa a treze de Junho,  
Se faça na Christandade.

1367 E quando a sancta coroa,  
Em Italia lhe poserão,  
Nada em Lisboa souberão,  
Mas os sinos em Lisboa,  
Todos por si se tangerão.

1368 Homês, molheres, mininos,  
Se espantâuão do que ouuião,  
E sem que a causa sabião,  
De ouuirem tanger os sinos,  
De alegria endoudecião.

Vém



Vêm que os finos se quebráuo,  
 Do grande prazer que tem,  
 Porem a causa não vêm,  
 Mas vêm que se espedacáuo,  
 Por lhes contar tanto bem:

1369

Quando a Lisboa chegãrão,  
 Nouas de noua tão boa,  
 Dos finos se auerigoãrão,  
 Que se tangerão em Lisboa,  
 Quando o lá canonizãrão.

1370

Todo Portugal se sente,  
 Com hum gosto huniuerfal,  
 E de todo Portugal,  
 Lisboa está mais contente,  
 Porque era seu natural.

1371

**TRESLADAC,ÃO DO**  
 Sancto com dous famosos  
 Milagres que  
 Succederão.

Z

O Papa



SANTO ANTONIO.

1372

**P**apa quarto Alexandre,  
Com zelo de restaurar  
Italia, fez leuantar  
Exercito forte & grande,  
Para yr a Padua cercar,

1373

Estaua esse nomeado,  
Excelino, & temeroso,  
Por senhor de todo estado,  
Mas Antonio glorioso,  
Foy nesta guerra soldado.

1374

A noite daquelle dia,  
Em que se festeja tanto,  
O sancto com alegria,  
Pollas virtudes do sancto,  
Hum milagre acontecia,

1375

Toda a noite o Guardiãõ,  
Do mosteiro dos menores,  
No sepulchro do patrão,  
Pedindo ao sancto fauores,  
Está posto em oração.

Oraua



Orava com humildade,  
 A sancto Antonio que fosse,  
 Restaurador da cidade,  
 E que amettesse na posse,  
 Da passada antiguidade.

1376

E Como Deos já queria,  
 Dar a Padua esta ventura,  
 Porque Antonio lho pedia,  
 Sae da sancta sepultura,  
 Húa voz que así dizia.

1377

Frey Bertolameu não chores,  
 Antes louua a Deos eterno,  
 Que os de Padua moradores,  
 Terão o antigo gouerno,  
 E ficârão vencedores,

1378

E chegando o dia oytauo,  
 Que a minha festa se faz,  
 Ao pouo liure verâs,  
 Que fora de antes escrauo,  
 Catholico, & posto em paz

1379



SANTO ANTONIO.

1380 E como o dia chegãua,  
Tão felice, & soberano,  
Hum sobrinho do tyrano,  
Que a cidade governaua,  
Fugio temendo seu danno.

1381 Entra o Legado Apostolico,  
Que o cerco à cidade poz  
Contra o tyrano diabolico.  
E assi se comprio a voz,  
Que ouuio o varão Catholico.

1382 Outros padres do mosteiro,  
Que ao mesmo tempo velãuão,  
Desta voz diuina dâuão,  
Testemuhos verdadeiros,  
E este milagre aprouãuão.

1383 Logo o Legado elegia,  
Cada anno em tal dia festa,  
E que esta festa seria,  
Tão solemne, & manifesta,  
Como a festa do seu dia,

E por



E por diuido louuor,  
 Hum altar lhe confagrâção,  
 Na sua Igreja mayor,  
 Donde todos lhe chamârão,  
 Padroeiro, & defenſſor.

1384

Despois paſſado algũs annos.  
 O reyno por poderoso,  
 A Antonio por milagroſo,  
 Lhe fizerão os Paduanos,  
 Templo rico, & ſumptuoſo.

1385

Onde logo todo o pouo,  
 Lhe fez a tresladação,  
 E em ſolemne procifaõ,  
 Leuârão ao templo nouo,  
 As reliquias do patrão,  
 E dom Guido então Legado,  
 O ſancto ſolemnizou,  
 Porque da morte contou,  
 Que fora Hũa vez liurádo,  
 Que ſancto Antonio o liurou.

1386

1387



SANTO ANTONIO.

1388 E para dar a entender,  
Que o estimou, & quis tanto,  
Hum cofre mandou fazer,  
De prata, para meter,  
A cabeça do meu sancto.

1389 Trinta, & dous annos o cofre,  
Guardou a cabeça pura,  
Tè que são Boaventura,  
Vello fechado não sofre,  
E abrir o cofre procura.

1390 Abre com gloria crecida,  
A reliquia verdadeira,  
Vendo a carne resoluida,  
Mas a lingua viua, inteira,  
Como se tiuera vida.

1391 Em presença dos irmãos,  
Da ordem do milagroso,  
O ministro virtuoso,  
Chorando o toma nas mãos,  
E diz brando, & amoroso.

Lingoa



Lingoa benta que louuaste, 1392

A teu criador de contino,

E que sô com Deos falaste,

Lingoa sancta que prégaste,

O Euangelho diuino,

Lingoa diuina, & celeste, 1393

De Deos querida, & amada,

Pellas obras que fizeste,

Bem mostras lingoa sagrada,

O que com Deos mereceste;

Mil lououores lhe dezia, 1394

Mas mais lagrimas chorâua,

E a lingoa mais merecia,

E pellas que não vertia,

Suaues beijos lhe daua.

E logo como acabou, 1395

A fechou n'um Reliquario;

Ou cofre donde a tirou,

E no diuino Sacrario,

Na Sanchristia a guardou.

Z 4

Despois



SANTO ANTONIO.

1396 Despois que esta lingua sancta,  
Virão sem falta, & sem mingoa,  
Com cor, & virtude tanta,  
Succedeo coa sancta lingua,  
Outro milagre que espanta.

1397 Foy que hum ministro pretende,  
Mudar a lingua diuina.  
Mas o sancto lho defende,  
Que quando se detremina,  
Nem vé porta, nem se entende.

1398 Ficou quaze sem sentido,  
Atonito, & enleado,  
Do milagre acontecido,  
E do que auia intentâdo,  
Ià de todo arrependido.

1399 Nem o lugar proprio, aonde,  
Primeiro a fora tirar,  
Atinou para a tornar,  
E secretamente esconde,  
A Reliquia noutro altar.



Aly esteue encerrada,  
Atè que o varão diuino,  
Primitio que fosse achada,  
Sendo a hum altar mudada,  
N'um Sacrario Christalino.

1400

Hè tão claro, & transparente,  
Este Christal que a sostem,  
Que oje em dia ainda a vêm,  
Sam, & inteira claramente,  
Romeiros, que vão, & vem.

1401

Lingoa, que lingoa á de auer,  
Tão alta, & tão soberana,  
Que mereça engrandecer,  
Húa lingoa que de humana,  
Tão diuina veo a ser.

1402

Bem dás proua manifesta,  
O que o mundo de tí sabe,  
De temperada, & modesta,  
Deuota, humilde, & suaue,  
Branda, doce, pura honesta.

1403

Quis



SANTO ANTONIO.

1404 Quis Deos que teus raros feitos,  
Fossem feitos soberanos,  
E feitos aos Paduanos,  
Porque não fossem suspeitos,  
Os peitos dos Lusitanos.

MILAGRE TRINTA, E CINCO

*Despois de sua morte como o sancto resusci-  
tou hum filho de hũa sua Irmãa  
que viuia em  
Lisboa.*

1405 **N**A cidade onde naceo;  
Aquelle fruto diuino,  
Que a Deos tanto fruto deo,  
Despois que subio ao Ceo,  
Resuscitou hum minino

1406 Era o minino innocente,  
Filho de hũa irmãa do sancto,  
E de cinco annos sómente.  
De sua mãy querido tanto,  
Quanto ella despois o sente,

Sem



Sem mais consideração,  
Que inclinação, ou desejo,  
Se vay em conuersação,  
De outros que com elle vão,  
As prayas do rio Tejo.

1407

Estaua hum batel vazio,  
Occasião que os encitaua,  
Para o mortal desuario,  
Sem gouerno pello rio,  
O vento rijo os leuáua.

1408

Este que era de cinco annos,  
Mais moço da companhia,  
Apparicio se dizia,  
Que não temendo seus dannos,  
No batel entrar profia.

1409

E vendo o mar alterado,  
Que lhe entra agoa por hũ bordo,  
E o batel meo alagado,  
Os moços de mais acordo,  
Saltarão na praya a nado.

1410

Grandes



SANTO ANTONIO.

1411 Os grandes sabem nadar,  
E o que de cinco annos era,  
Não sabe nadar, nem dar  
Rezão de quem o metera,  
No mar para se afogar.

1412 Algum em quem saber cabe,  
Rogar a Deos, a Deos roga,  
O liure de mal tão grãue,  
Sô Apparicio se afoga,  
Que quazi falar não sabe.

1413 Todos se virão a nado,  
Saluos, & em seguro porto,  
Sómente fica afogado,  
Metido no pêgo, & morto,  
De Antonio o sobrinho amado.

1414 Como derão a triste noua,  
Os que do Naufrãgio vinhão,  
O pay que seu mal apprôua,  
E a mãy ao mar caminhão,  
Donde o pranto se renoua.



Os sospiros, & os clamores,  
Da mãy que ao filho acudio,  
Quando a noua certa vio,  
Sentio mais agudas dores,  
Que as dores com que o pario.  
E a hũs pescadores logo,  
Que lho tirassem rogâção,  
Onde a piadade achârão,  
Que concedendo em seu rogo,  
Ao mar as redes lançârão:  
  
E deitando o lanço esquiuo,  
Que à triste mãy tanto importa,  
Em lugar de peixe viuo,  
Vio tyrar sua carne morta,  
Que era seu bem excecuiuo.  
Os pays que filhos gerârão,  
E as mãys que filhos parirão,  
(Se como a filhos amarão,)  
Dos pays que este filho virão,  
Podem julgar quais ficarão.

O



SANTO ANTONIO.

1419 O piadoso pay procura,  
Darlhe sepultura honrosa,  
Lamentando a sorte dura,  
Porem sua mãy piadosa,  
Não lhe quer dar sepultura.

1420 Qualquer vizinho, ou parente,  
Lhe diz que hé bem lamentar,  
A dor que como mãy sente,  
Porem que se não consente,  
Não no deixar sepultar.

1421 A triste mãy não descansa,  
De chorar a pena esquiua,  
E sobre o filho se lança,  
E diz que tem confiança,  
Em Deos que inda o filho viua.

1422 E pondose em oração,  
Ao seu bemaumenturado,  
Irmão dalma, & coração,  
Pede ao amado jrmão,  
A vida do filho, amado.

Dizendo



Dizendo Irmão glorioso,  
 Se fois aos estranhos tal,  
 De piadoso, & milagroso,  
 Deueis de ser me piadoso,  
 Por Irmam, & natural.

1423

E se a vida me otrogais,  
 Por meus peccados perdida,  
 Na vossa ordem esclarecida,  
 Vos prometo que o vejais,  
 Seruir a Deos toda a vida.

1424

Acabando humildemente,  
 De orar a pobre molher,  
 Todos os que estão presente,  
 O minino virão erguer,  
 São, em pê, viuo, & contente,

1425

Fezse com muyta rezão,  
 A alegria que se deue,  
 Louuando a Deos no varão,  
 Que deu viuo saluo, & saõ,  
 Quem tres dias morto esteue.

1426

Def



SANTO ANTONIO.

1427 Despois sendo já de idade,  
O seu ditoso sobrinho,  
Os pays com muyta vontade,  
O fizerão Capuchinho,  
Da Franciscana humildade.

MILAGRE TRINTA, E SEIS  
*como o sancto resucitou hũa minina morta  
de tres dias filha de hũa Princesa de  
Portugal, casada em Leão  
de Espanha.*

1428 **E** Staua el Rey de Leão,  
Casado com hũa Princesa,  
Da Portuguesa nação,  
Deuota por Portuguesa,  
De Antonio sancto varão,

1429 Tinha morta esta Raynha,  
Hũa filha já molher,  
Aqual não pôde sofrer,  
Que enterrem como conuinha,  
Pello muyto que lhe quer.



El Rey, & toda a mais Corte, 1430  
 Para a sepultar se ajunta,  
 Mas era o amor tão forte,  
 Que tendo a filha defunta,  
 Não cre a Raynha a morte.  
 Tres dias chegou a estâr, 1431  
 A mãy em contino pranto,  
 E o corpo sem sepultar,  
 Com grande fê no seu sancto,  
 Que lha hâ de refuscitar.

Erguendo o rosto choroso, 1432  
 Ao Ceo com fê verdadeira,  
 No seu sancto glorioso,  
 Tão sancto, & tão poderoso,  
 Oraua desta maneira.

Ià que sois vniuersal, 1433  
 Nos milagres que fazeis,  
 Por todo o mundo em geral,  
 O remedio não negueis,  
 A esta vossa natural.

A a

E se



SANTO ANTONIO.

1434 E se he justo que sintais,  
Esta ausencia tão esquiua,  
Porque a vida lhe negais:  
Dai-me minha filha viua,  
Pois tantos refuscitais.

1435 Inda a Raynha não tinha.  
Dita sua oração sancta,  
Quando Deos ouue a Raynha,  
E Antonio poem a mezinha,  
Com que a moça se levanta.

1436 Porem a Infante amada,  
Que tornou quã a esta vida,  
Lã da Angelica morada,  
Anojada, & offendida.  
Contra a mãy responde yrada.

1437 Perdoeuos Deos Senhora,  
Que me tirastes dos Ceos,  
Aonde eu estãua agora,  
Porque sancto Antonio fora,  
O que isto pedira a Deos.

E Deos



E Deos como o ama tanto,  
 Porque tanto a Deos amou,  
 Por aplacar vosso pranto,  
 Dentre as virgens metirou,  
 Do coro celeste, & sancto.

1438

Porem a bondade immensa,  
 Que tudo moue, & gouerna,  
 Quinze dias sô dispensa,  
 Que esteja em vossa presença,  
 E que torne à vida eterna.

1439

Como o diuino recado,  
 Deu a ditosa minina,  
 Do que Deos tinha ordenado,  
 Sendo este tempo acabado,  
 Subio à Patria diuina.

1440

### MILAGRE TRINTA E SETE

*Como o sancto resuscitou dez mininos*

*Que se afogarão no*

*Mar.*

Aa 2

Hum



SANTO ANTONIO.

1441

**H**um varão pello que ouuia,  
Deste sancto glorioso,  
E pello que pretendia,  
Sae da patria em romaria,  
Ao sepulchro glorioso.

1442

Pede ao sancto Lusitano,  
Hum só filho que deseja,  
E promete quando o veja,  
Em toda a vida cada anno,  
Ir com elle a sua Igreja.

1443

Vendo Deos a petição,  
Iusta, & Catholica ser,  
Ao seu sancto deu poder,  
Lhe desse hum filho varão,  
Da casta, & nobre molher.

1444

Sendo o minino de idade,  
Que o pay leuallo podesse,  
Comprir o voto â cidade,  
Quer Deos que hũa enfermidade,  
Ao minino lhe viesse.

Não



Não foy esta causa urgente, 1445  
para que o varão deuoto,  
Deixe de yr por negligente,  
Que elle vay cumprir seu voto  
Sô, alegre, & diligente.

Enquanto o pay foy pagar, 1446  
Ao sancto o que lhe deuia,  
O seu doente se erguia,  
Mas melhor fora ficar,  
Doente como sohia.

A saude então hê tal, 1447  
Que por ella hum mal lhe vem,  
Porque o mal que de antes tem,  
Não lhe fez tamanho mal,  
Como lhe fez o estar bem.

O minino descudado, 1448  
Com mais noue em companhia,  
Saem ao despouoado,  
Onde hum rio represado,  
Para regar se fazia.



SANTO ANTONIO.

1449 E por mais se engrandecer,  
O Portugues milagroso,  
Auia de succeder,  
Saya o rio furioso,  
Para a todos fouerter.

1450 Dous sómente apparecerão,  
Que mortos no rio achârão,  
Aos quais sepultura derão,  
E pellos dous se entenderão,  
Os demais como ficarão.

1451 Neste tempo o pay chegáua,  
Da romaria contente,  
E pello filho doente,  
A hum seu Irmão preguntáua,  
Porque não no vê presente,

1452 Não se atreuem a lhe dizer,  
O successo desestrâdo,  
E o pay malenconizado,  
Iuráua de não comer,  
Tè não ver o filho amado,

Logo



Logo todos por extenso, 1453  
Lhe contârao o que passou;  
Do filho que se atogou,  
Donde o pay triste, & suspenso,  
E trespassado ficou.

Ficou para endoudecer, 1454  
Da dor do filho perdido,  
E tornou a prometer,  
De não comer, nem beber,  
Sem vêr seu filho querido.

Que de sancto Antonio espera, 1455  
Que lhe torne a dar seu bem,  
Viuo como já o tiuera,  
E pois sem o ter lho dera,  
Lho dará despois que o tem.

A fê de seu juramento, 1456  
E a fé de sua esperança,  
Com algum merecimento,  
Com contentamento alcança,  
Tamanho contentamento.



SANTO ANTONIO.

1457 E logo no mesmo instante,  
Todos estes afogados,  
Do rio brauo incostante,  
Se virão resuscitados,  
Co filho amado diante.

1458 Os corações que tal virão,  
Dentro n'alma se abalarão,  
E despois que fosegarão,  
Da alegria que sentirão,  
A Deos no sancto louuarão.

1459 Manifestarão na terra,  
A diuina perfeição,  
E em romaria se vão,  
A Padua onde se encerra,  
A reliquia do varão.

1460 Outros dous mininos mais,  
Se lè que forão afogados,  
Em agoa, & resuscitados,  
Por orações de seus pays,  
Ao sancto encomendados.

Milagre



## MILAGRE TRINTA E OYTO

*Como o sancto liurou a hum homem,  
de debaixo de hũa lapa  
que cayra so-  
bre elle.*

**C**Auaua hum mancebo hũ dia, 1461  
N'ua lapa de hum mosteiro,  
E o outeiro que fazia,  
Foy tão alto em demasia,  
Que cae sobre elle o outeiro.

Atriste mãy em sabendo, 1462  
Do filho, & della a mofina,  
Vay voando, & não correndo,  
Onde remedio não vendo,  
Endoudece, & defatina,  
E vendo a lapa cayda, 1463  
Onde o filho trabalhàua,  
Teue por couisa sabida,  
Que o filho que em baixo estàua,  
Era impossivel ter vida.

E para



SANTO ANTONIO.

1464 E para remedio ter,  
No que remedio não tinha,  
Ao que soe focorrer,  
E dar a todos mêzinha,  
Afsi começa a dizer.

1465 Diuino, & sancto varão,  
De mulher tão magoada,  
Tende algũa compaixão,  
Bem vedes que era o bordão,  
Desta velhice cansada.

1466 A este tempo os que cauão,  
No sentro da terra dura,  
Que o corpo morto buscâão  
Para lhe dar sepultura,  
O mancebo viuo achâão:

1467 E como a gente se espanta,  
De como viuo estiuera,  
Dizlhe, quando se levanta,  
Que Antonio lhe posera,  
A sancta mão na garganta.

Leuan-



Leuantarão as mãos aos Ceos,  
 A Deos todo poderoso,  
 E ao sancto milagroso,  
 Que teue o poder de Deos,  
 Pello milagre espantoso.

1468

## MILAGRE TRITA E NOVE

*Como adoeceo hum clerigo, por não dar  
 credito aos milagres do sancto, e  
 encomendando se a  
 elle sarou.*

**D**Aquelles primeiros annos,  
 Que o meu sancto começãua,  
 De alegrar os Paduanos,  
 Hum Sacerdote negãua,  
 Seus milagres soberanos.

1469

Do Bispo de Padua era,  
 O clerigo capelão,  
 E hum dia em conuersação,  
 Por seus peccados não dera,  
 Credito ao sancto varão.

1470

E como



SANTO ANTONIO.

1471 E como Deos não consente,  
Dos seus seruos dizer mal,  
Cahio logo de repente  
O Sacerdote doente,  
De febre, aguda, & mortal.

1472 Era esta febre em que ardia,  
Tão intrinseca, & notauel,  
Que já ao treceiro dia,  
O medico desconfia,  
Deter vida o miserauel.

1473 E vendosse neste estado,  
Iã na hora derradeira,  
Todo em lagrimas banhado,  
Chama a mãy â cabeceira,  
E confessalhe o peccado

1474 Que ella logo se partisse,  
Ao sepulchro do varão,  
E do que contra elle disse,  
Misericordia, & perdão,  
Ao sancto varão pedisse.

Que



Que elle como peccador,  
Confessa seus defatinos,  
E que em quanto viuo for,  
Promete ser zelador,  
De seus milagres diuinos.

Vendo a mãy donde nacia,  
O triste estãdo em que estãua,  
O filho que tanto amaua,  
Com dor, & amor se partia,  
E sem folego chegãua.

Co rosto na pedra dura,  
Toda se desfaz em pranto,  
Prometendo aly ao sancto,  
Vir à sancta sepultura,  
Fazer o filho outro tanto.

E como a mãy piadosa,  
Tão lastimosa tornou,  
Foy cousa marauilhosa,  
Que a febre se desterrou,  
Peçonhenta, & perigosa,

Vendosse



SANTO ANTONIO.

- 1479 Vendosse saõ, & valente,  
Liure da febre malina,  
Vay diligente, & contente,  
A sepultura diuina,  
A prêgar publicamente.
- 1480 Dizendo que pella offença,  
Que a sancto Antonio fizera,  
A doença lhe viera,  
E em tres dias de doença,  
Desconfiado estiuera,
- 1481 E que milagrosamente,  
Pedindo ao sancto perdão,  
Se vio viuo, alegre, & saõ,  
De mortal, triste, & doente,  
Por virtude do varão.
- 1482 Se hay no mundo quem não crea,  
Por seus peccados a Antonio,  
A vida de Antonio lea,  
Veja esta cabeça alhea,  
Enganada do demonio.

Milagre



## MILAGRE QVARENTA DE

*Hum vazo de vidro que não quebrou, deitado de hũa janella nas pedras por onde se conuerteo bum herege.*

**H**Um herege à mesa humdia,  
 Ouuiu do sancto dizer,  
 Os milagres que fazia,  
 Mas o triste não queria,  
 Ao diuino Antonio crer,

1483

Por mais milagres que faz,  
 Co sancto a summa bondade,  
 Não cre o herege a verdade,  
 Ficando mais pertinaz,  
 Em sua incredulidade.

1484

E como comendo estãua,  
 O copo, com que bebia,  
 De vidro na mão tomãua,  
 Que da janella deitava,  
 E estas palauras dizia,

1485

Se



SANTO ANTONIO.

1486 Se Antonio podesse tanto,  
Que o vidro inteiro ficasse,  
E dando na pedra, ou canto,  
Fizesse, que não quebrasse,  
Então crera, que era sancto.

1487 E como o varão diuino,  
Pretende esta alma salvar,  
Vem todos nas pedras dar,  
Rijo o vidro Christalino,  
Ficando sem se quebrar.

1488 Aqui o herege ficou,  
Espantado, & conuertido,  
Do vidro que não quebrou,  
E foy à fé reduzido,  
E Catholico acabou.

MILAGRE QVARENTA, E  
*Hum, em q̃o sancto fez nacer de hũas vi-  
des secas vuas, & vinho, & como  
forão cõuertidos os hereges  
que virão isto.*

Outros





Utros â mesa outra vez,  
 O sancto estàuão louuando,  
 Pellomilagre que fez,  
 Quando o tyrano deitando,  
 O vidro não se dessez.

1489

Porem hum a quem a fê,  
 Por seus peccados faltàua.  
 Credito ao sancto não dàua,  
 E fabula diz que hé,  
 O que delle se contàua.

1490

Tinha este pobre obstinado,  
 Venenoso o coração,  
 Porem nesta occasião,  
 Lhe tem Deos tambem guardado,  
 Remedio da saluação.

1491

N'ua mão o triste tinha,  
 O copo que à mesa tem,  
 E noutra mão tem tambem,  
 Húas vides de húa vinha,  
 E diz a quantos o vêm.

1492

B b

Se



SANTO ANTONIO.

1493 Se Antonio agora fizera,  
Estas vides florecer,  
Et tanto poder tiuera,  
Que vuas fizera nacer,  
De que mosto se espremera.

1494 Se eu vira milagres tais,  
Então crera, que he possiuel,  
Esse que dizendo estais:  
Mas este hé tão impossivel,  
Como esse que me contaes.

1495 Não tardou Antonio muyto,  
Que quem era não mostrasse,  
Que antes que as vides largasse,  
Lhe derão flores, & fruyto,  
Donde o mosto se tirasse.

1496 Vendo esta façanha rara,  
O que a vara tem na mão,  
Louua, a seu Deos, & o varão,  
Que fez florecer a vara,  
Como outra vara de Aarão.

Milagre



## MILAGRE QVARENTA E

*Dous, como forão hūs hereges escarnecer à sepultura do sancto, & do que aconteeço, & forão conuertidos.*

**H**ūs hereges conduzidos,  
Pella industria do demonio,  
Forão â Igreja atreuidos,  
Para escarnecer de Antonio,  
Mas ficãrão escarnecidos.

1497

Quis esta peruerfa gente,  
Com pensamentos diabolicos,  
Motejar publicamente,  
De quem hê tal que os consente,  
Só pellos fazer Catholicos.

1498

Sae do maldito conselho,  
Que entre elles vá hum tyrano,  
E leue consigo hum pano,  
Enfanguentado, & vermelho,  
Para o fim de seu engano,

1499

Bb 2

Che-



SANTO ANTONIO.

- 1500 Chegando ao templo sagrado,  
Aquelle que por seu gosto,  
Vay a tal feito ensayado,  
Toma o pano ensangoentado,  
E cobre com elle o rosto.
- 1501 E no sepulchro do sancto,  
Grita no meyo da Igreja,  
A gente que seu mal veja,  
Nisto acode o pouo ao pranto,  
E cre, que verdade seja.
- 1502 A gente que se ajuntara,  
Teue piadade delle,  
Elle chorando contara,  
Que hum dos que vinhão com elle,  
Os seus olhos lhe quebrara.
- 1503 E que o tal facineroso,  
Lhe tirara a vista sua,  
E por ficar tão piadoso,  
Vinha ao sancto milagroso,  
Que a vista lhe restitua.

Quise.



Quiserão dar a entender,  
á gente que se detinha,  
Por despois escarnecer,  
Que aquelle sem olhos vinha,  
E o sancto o fizera vêr.

E que estando o pouo alheo,  
Destatreição tão maluada,  
Quando mais de prazer cheo,  
Digão que com vista veo,  
E que o sancto não fez nada,

E nisto detremidados,  
Fingindo este desconcerto,  
Descubrirão aluroçados,  
O que o rosto tem cuberto,  
E venlhe os olhos quebrados:

Os olhos postos no pano,  
Virão do que escarnecia,  
E quem cego se fingia,  
Bem paga seu cego engano,  
Em não vér a luz do dia.



SANTO ANTONIO.

1508 Já quem cospio para os Ceos,  
Dos Ceos está castigado,  
Já o cego, & enganado,  
Que hé contra o seruo de Deos;  
Nos olhos paga o peccado,

1509 Quem tendo vista não quer,  
Usar da vista que tem,  
Por do sancto escarnecer,  
Permite Deos que tambem,  
Cegue quando queira vér.

1510 Os companheiros maluados,  
Que seu companheiro virão,  
Sem olhos por seus peccados,  
De medo mais o sentirão,  
Que do amigo magoados.

1511 Vendo estas defaueuras,  
A que veyo hum chocarreiro,  
Herege de entrânhas duras,  
Temem ficar se às escuras,  
Qual ficou seu companheiro.

E mudan-



E mudando o pensamento, 1512

Do peccado que intentarão,

O tyrano atreuimento,

Em alta voz confessarão,

Com dor, & arrependimento;

Confessarão, que vierão. 1513

Enganados do demonio,

E de Antonio escarnecerão;

E que o castigo tiuerão,

Por escarnecer de Antonio.

E que com tenção diabolica, 1514

Vinhão zombar do varão,

Mas que já pedem perdão,

E que â sancta fé Catholica,

Entregão seu coração.

O Senhor como sintio, 1515

Que já perdão lhe conuinha,

C'o perdão logo acodio,

E a vista restituyo,

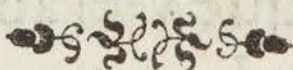
áquelle que não a tinha.

Bb4


E já



1516 E já de cegos, & vaõs,  
 A Deos conhecem, & adorão,  
 Já arrependidos chorão,  
 E tornão feitos Christaõs,  
 Aquelles, que hereges forão.



MILAGRE QVARENTA E  
*Tres, como o sancto foyou hum Leproso  
 & do que passou.*

1517  Staua hum homem estirado,  
 Tolhido de pès, & maõs,  
 Leproso, enfermo, chagado,  
 Dando mil gemidos vaõs,  
 Sobre hũas taboas deitado,

1518 Chegou a boaventura,  
 Do miserauel Leproso,  
 Que já que seu mal lhe dura,  
 Fosse quando o milagroso,  
 Daua a todo o enfermo cura,

E como



E como catiuo estâua,  
 Do mal que o afflige tanto,  
 Ouindo dizer do sancto,  
 Que mortos resuscitâua,  
 Inda mais dobra seu pranto,

1519

A fê de seu coração,  
 Lhe dizia se tocasse,  
 Nas reliquias do varão,  
 Que sem duuida ficasse,  
 Em pè, forte, saluo, & saõ.

1520

E logo em sendo leuâdo,  
 O miserauel mesquinho,  
 Chagado, antes de chegado,  
 Ià no meo do caminho,  
 Topa hum herege soldâdo.

1521

O herege como entende,  
 Aonde o Leproso hia,  
 Defenderlho pretendia,  
 E deste modo o reprende,  
 Zombando da romaria.

1522

Mesqui-



SANTO ANTONIO.

1523 Mesquinho a onde te vas,  
Se a Lepra que quá te traz,  
Antonio te liurar della,  
Eu me veja inda com ella,  
No triste estâdo em que estâs.

1524 Quando Antonio te farar,  
Eu a tua Lepra tenha,  
Tenhaâ eu se ta tirar,  
E outra vez sobre mim venha,  
Quando della te liurar.

1525 Com toda esta mâ vontade,  
Que lhe metia o tyrano,  
O leuão com breuidade,  
Para o templo soberano,  
Da milagrosa humildade.

1526 Entra na casa diuina,  
Do medico vniuersal,  
Logo por baixo se inclina,  
Da caixa da medicina,  
Que cura bem todo o mal.

Como



Como c'os gritos que deo, 1527

No Ceo o sancto o ouuia,  
(Que aos justos ouuem no Ceo)

O Leproso adormeceo,  
E Antonio assi lhe dezia,

Leuantate poem te em pê, 1528

Que já tua fê te val,

E aquelle de pouca fê,

Que creio tua fê tão mal,

Leproso por seu mal hé.

Aquelle que tão alheo, 1529

De meus milagres viuia,

Leua as taboas sem receo,

Em que teu corpo jazia,

Porque está de Lepra cheo;

Leuantouse em continente, 1530

Como o sancto lho mandou,

E foy c'o as taboas contente,

Ao soldado, que achou,

Cheo de Lepra, & doente.

E diz



SANTO ANTONIO.

1531 E diz ao pobre soldado,  
Não já por soldado pobre:  
Mas por herege obstinado,  
Pobre porque a lepra o cobre,  
Por incredulo maluado.

1532 Antonio sancto, & bendito,  
Me mandou, que a ty viesse,  
E pello mal que teñs dito,  
Estas taboas te trouxesse,  
Que estauas de lepra affito.

1533 Como o soldado se vio,  
Por seus peccados Leproso,  
Misericordia pedio,  
E Antonio, como piadoso,  
Co remedio lhe acudio.

1534 Prometeo com contrição,  
Ter ao sancto esclarecido,  
Por milagroso varão,  
E foy por arrependido,  
De enfermo, & Leproso saõ.

Milagre



## MILAGRE QVARENTA E

Quatro, como o sancto Jarou a hum homem de  
 hũa ferida incurauel, & despois vendosse saõ  
 se quisera vingar, de quem lha dera, & tor-  
 nou a estar enfermo.

**H**Um homem d'um arruydo,  
 Por sua pouca ventura,  
 Alem de ser malferido,  
 Não acha remedio, ou cura,  
 Com que seja guarecido.

1535

Nenhum medico de fama,  
 A ferida lhe entendeo.  
 E como isto conheceo,  
 Para o Ceo a Antonio chama,  
 Que era medico do Ceo.

1536

E como a ponto chegasse,  
 De quasi perder a vida,  
 Suspira com dor crecida,  
 Ao sancto que lhe curasse,  
 Sua incurauel ferida.

1537

Logo



SANTO ANTONIO.

1538 Logo que com viua fê,  
Chama o ferido por elle,  
São da ferida se vé,  
Porque quem tenha fê nelle,  
Conheça, quem elle hé.

1539 Porem despois que se vio,  
De morto resuscitado,  
Segundo o mal, que sentio  
Deseja ver se vingado  
Do contrario que o ferio.

1540 Mas a paga que conuem,  
Tem o ingrâto, que foy tal,  
Porque lembrança não tem,  
De agràdecer tanto bem,  
Senão de vingar o mal.

1541 E aquella noyte seguinte,  
Que na vingança imagina;  
Quer a bondade diuina,  
Que dores notaueis sinte,  
E a ferida lhe arroyna.

Quem



Quem não foy agradecido,  
 às merces que Deos lhe fez,  
 Tenha o castigo diuido,  
 E torne a estar outra vez,  
 Como estâua mal ferido.

1542

E quem o remedio alcança,  
 Quando sem remedio estâ,  
 E cos beñs que Deos lhe dà,  
 Busca remedio à vingança,  
 Sem remedio ficarâ.

1543

E bem claro Antonio traz,  
 O exemplo para á emmenda,  
 Porque o peccador entenda,  
 Que os beñs que seu Deos lhe faz,  
 São para que não no offenda.

1544

MILAGRE QVARENTA E  
*Cinco como o sancto sarou bũa inchação  
 perigosa a hum moço  
 de Padua.*

1545

Hum



SANTO ANTONIO.

1546



Vm moço de Padua tinha,  
Hũa inchação no pescoço,  
E a mēzinha que conuinha,  
Era não buscar mēzinha,  
Por ser lugar perigoso.

1547

E com dores corporaes,  
Que sente o moço doente,  
A mãy as sente mortaes,  
Que quem co espirito as sente,  
Inda as sente muyto mais.

1548

E como do sancto cre,  
Que faça o que faz a tantos,  
Pede que a seu filho dè,  
Remedio, pois seu mal hê,  
Mal, que sô curarão sanctos.

1549

Que a mais duuidosa cura,  
Sô de seu valôr espera,  
Que se o filho tem ventura,  
Elle hum pescoço de cera,  
Leue à sua sepultura.

Como



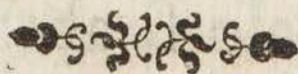
Como a sua condição, 1550  
 Foy do sancto humilde, & bráda,  
 E hé de cera, o que lhe dão,  
 Logo a curalo se abranda,  
 O diuino cirugião,  
 A dona vendo bem tanto, 1551  
 Que do sancto recebeo,  
 A Deos muytas graças deo,  
 Porem não lhe deo ao sancto,  
 O que ao sancto prometeo.  
 E por deixar de cumprir, 1552  
 A promessa que fizera,  
 Dar o pescoço de cera,  
 Ao filho tornou a vir,  
 O mal que de antes tiuera.  
 Porem logo sem detença, 1553  
 A máy o voto cumprio,  
 E por esta recompença,  
 O moço outra vez se viu,  
 Liure de toda a doença.



SANTO ANTONIO.

MILAGRE QVARENTA E

*Seis como o sancto sarou hum  
Surdo, & Mudo.*



1554



Vm Abbade se seruia,  
De hũ moço mãso, & sesudo,  
Que muito amaua, & queria,  
O qual era surdo, & mudo,  
Vinte & cinco annos auia.

1555

Estranhamente o Abbade,  
O mal do bom seruo sente,  
Porque sente por verdade.  
Que sô milagrosamente,  
Sare sua enfermidade.

1556

E por ser muyto deuoto,  
Deste bemauenturado,  
Antonio de Deos amado,  
Ao sancto fez este voto,  
Em nome do seu criado.

Que



Que se elle algũa hora visse,  
Que o seruo ouuisse, & falasse,  
Que por merce tão felice,  
Na sua Igreja ficasse,  
E toda a vida o seruisse.

Que em pago de tal fauor,  
Que d'elle espera alcançar,  
Elle lho quer entregar,  
Por guarda, & por seruidor,  
E barredor de seu altar.

Logo que o moço mandou,  
Pedir ao sancto os sentidos,  
No sepulchro se lançou,  
E abrirão selhe os ouvidos,  
E a lingua se desatou,

Falou, & ouuiu o que estáua,  
Sem falar, & ouuir â tanto,  
E como ouuia, & falaua,  
Ao sancto mil graças daua,  
Ficando seruido ao sancto.



SANTO ANTONIO.

MILAGRE QVARENTA E

*sete de hũa molher endemoninhada, q̃sarou  
por virtude do sancto na villa  
de Santarem, e co-  
mo passou.*

1561



O Reyno de Portugal,  
Na villa de Santarem,  
Que hê do reyno a principal,  
E por reliquias, que tem  
Não té o mundo outra igual,

1562

Nella hũa dona abitaua,  
De seu Deos tão esquecida,  
Que só de peccar tratãua,  
E que mau exemplo daua,  
De seus costumes, & vida.

1563

Chegou a molher errada,  
A entrar nella o demonio,  
E ser endemoninhada,  
Mas era assi deprãuada,  
Deuotissima de Antonio.

O inimigo



O inimigo Satão, 1564  
A atentava a se matar,  
E poenlhe no coração,  
Que se não pôde salvar,  
Sem morrer desta feição.

Não executando isto, 1565  
A triste mulher profana,  
O demonio que a engana,  
Fazselhe em forma de Christo,  
E como pessoa humana,

Dizendolhe eu sou aquelle, 1566  
Que offendeste com despejo,  
Porem se fores ao Tejo,  
E te afogares nelle,  
Satisfaràs meu desejo.

E a justa paga, & castigo, 1567  
De tua culpa notoria,  
A perdoarte me obrigo,  
E te darey logo a gloria,  
Se te afogas como digo.



SANTO ANTONIO.

- 1568 A triste viose enleada,  
Disto que o diabo vsou,  
E estando mais sossegada,  
O marido lhe chamou,  
Hum dia endemoninhada,
- 1569 Ella c'oa dor infernal,  
De que as fezés sempre tinha,  
Ouvindo ao marido tal,  
Por ser mal logo encaminha,  
Para o Tejo acabar mal.
- 1570 Mas no meyo da passajem,  
Donde corre tanto risco,  
Na miserauel viagem,  
Entra na sancta estalagem  
Da casa de saõ Francisco.
- 1571 E logo entrando na igreja,  
Ha sancta capella se hia,  
De Antonio que vèr deseja,  
O qual foy no alegre dia,  
Em que o sancto se festeja.

Chega-



Chegada junto ao altar, 1572  
 Co'a dor que sentia tanto,  
 Em vèr que se hia afogar,  
 Por se aconselhar c'o sancto,  
 Assim começa a falar.

Hô sancto em quem sempre tenho, 1573  
 Confiança, & viua fê,  
 Afogar-me hé meu desenho,  
 Mas que me reueleis venho,  
 Se vontade de Deos hé.

Na palavra derradeira, 1574  
 A mulher adormeceo,  
 E com voz viua, & inteira,  
 Antonio lhe appareceo,  
 Dizendo desta maneira.

Aleuanta o corpo aflito, 1575  
 E poem em Deos a memoria,  
 E guarda bem este escrito,  
 Pera te liurar escrito,  
 De pena por darte gloria.



SANTO ANTONIO.

- 576 Como a molher acordou,  
C'o que sonhou se levanta,  
Sem ser sonho o que sonhou,  
Hum escrito sancto achou,  
Pendurado da garganta.
- 577 Iâ c'o colar precioso,  
Que ao pescoço tem deitado,  
De letras d'ouro esmaltado,  
Não pôde o dragão rayuoso,  
Ter o corpo atormentádo.
- 578 Iâ com a reliquia bella,  
Que o seruo de Deos lhe pos,  
Não ha de levar aquella,  
O inimigo feros,  
A dar no Tejo com ella.
- 579 Iâ com aquella gargantilha,  
Sancta que Antonio lhe entrega,  
O rey da infernal quadrilha,  
Da alma se desapêga,  
Que Deos recebe por filha.

Acordou



Acordou com alegria,  
 Quem tão triste adormeceo,  
 E no escrito que sentia,  
 Esta Antiphona se leo,  
 Que em limgoagem assi dizia.

1580

Eis a Cruz de Christo aqui,  
 Espiritus maos fugi,  
 Que do tribu de Iuda,  
 O Leão hé vencedor já,  
 Da geração de Dauí

1581

Ecce crucē  
 Domini  
 fugite par  
 tes aduerse  
 vicet Leo  
 de Tribu  
 Iudaradix  
 Daud Ale  
 luya Ale-  
 luya.

Emquanto teue consigo,  
 Esta reliquia sagrada,  
 Não pode o fero inimigo,  
 Ter a molher asombrada,  
 Nem com sombra de perigo.

1582

Ao Rey dom Dinis dizia,  
 Seu marido de raiz,  
 O caso que succedia,  
 Pello que el Rey dom Dinis,  
 O escrito lhe pedia.

1583

Como



SANTO ANTONIO.

- 1584 Como o imigo infernal,  
Vio que a molher já não tinha,  
Reliquia, que tanto val,  
Outra vez ao corpo vinha,  
Tratala, qual dantes mal,
- 1585 O homem desesperado,  
De vêr assi a molher,  
Pede o escrito, que tem dado,  
E não o podendo auer,  
Alcançou d'elle hum treslado:
- 1586 Por ser este original,  
Sancto poderoso, & forte,  
Inda o treslado era tal,  
Que nunca mais até morte,  
Teue a molher n'enhum mal.
- 1587 Foy a pobre conuertida,  
A esta sancta conuerção,  
Com vinte annos mais de vida,  
E a reliquia esclarecida,  
Ficou a el Rey na su mão.

Milagre



## MILAGRE QVARENTA E

Oyto, como hũ homẽ quis saber cõtra võtade  
de Deos hum secreto, por arte do demonio, &  
lhe foy tirada a lingua, & os olhos & por vir  
tude do santo lhe restituyo tudo, e se cõuerteo.



Um homem mal inclinado, 1588  
Que assi deuia de ser,  
Quis com coração danado,  
Algũs secretos saber,  
Caso a Deos so reseruado.

E fazendo o ignorante, 1589  
Deligencia por seu mal,  
Poenlhe o demonio diante,  
Hum infernal nigromante,  
Para esta obra infernal,

Os nigromantes malditos, 1590  
Num circulo, que fizerão,  
De noyte, ambos se meterão,  
E hum destes dous dando gritos,  
Logo os demonios vierão.

Inda



SANTO ANTONIO.

- 1591 Inda bem não tem ouuido,  
Este, que por elles grita,  
Logo foy obedecido,  
Vindo a caterua maldita,  
Fazendo triste alarido.
- 1592 O cego que isto intentàra,  
Emmudeceo naquella hora,  
E como mudo ficára,  
Os olhos, & a lingo fora,  
Hum demonio lhe tirara.
- 1593 Quem teue tão mau gouerno,  
Que os mesmos demonios chama,  
Virlheão demonios do inferno,  
E quem ama a Deos eterno,  
Tambem Deos eterno o ama.
- 1594 Quem por hum gosto da vida,  
Esquece o Senhor de tudo,  
Viua c'oa vista perdida,  
Seja cego, & seja mudo,  
Tenha a paga merecida,

Sem



Sem olhos, & lingua esteue,  
Algum tempo o peccador.

1595

E entre si diz ao Senhor,  
Que bem merecido teue,  
O castigo a seu error.

Queinda que o mundo espanta,  
O que intentou com maldade,  
Que a misericordia, he tanta,  
De sua immensa bondade,  
Que seus peccados quebranta.

1596

E pedindo a Deos perdão,  
Com mostras de sentimento,  
Deu mostras de contrição,  
E pello arrependimento,  
Lhe vê Deos o coração.

1597

E pera seu criador,  
Lhe dar perdão soberano,  
Vê que o remedio melhor,  
Hê tomar por valedor,  
O valedor Lusitano.

1598

E sem



SANTO ANTONIO.

1599 E sem falar dando brados,  
Pellos lugares vazios,  
Que tem dos olhos quebrados,  
Faz pello rosto dous rios,  
Lamentando seus peccados.

1600 Por acenos lhe dezia,  
Rogue a Deos lhe perdoasse,  
Pois com Deos tanto valia,  
Que como elle lho rogasse,  
Que Deos lhe perdoaria.

1601 E nisto perseverando,  
Hum dia á Missa na Igreja,  
Estando os frades cantando,  
E o Senhor aleuando,  
Quer Deos que este cego veja.

1602 Quando quantão Beditos,  
Qui venit, & que se levanta,  
A Hostia diuina, & sancta,  
Vendo os olhos dão mil gritos,  
Do milagre que os espanta,



Os que com a vista o vêm,  
 Pedem, pois falar lhe mingoa,  
 Ao sancto lingua tambem,  
 Que pois tem olhos sem lingua,  
 Lhe dê a lingua que não tem.

1603

E logo que em alta voz,  
 No coro Agnus Dei cantarão,  
 Ao mudo por quem rogarão,  
 O sancto a lingua lhe poz,  
 De que todos se admirarão.

1604

O mudo que não falava,  
 Já falava, & respondia,  
 O que sem o lhos estava,  
 Já a Deos, & Antonio via,  
 E a Deos, & Antonio louuava.

1605

Lingoa, que da lingua les,  
 Dos demonios arrancada,  
 Bem claro o exemplo ves,  
 Pello que contra Deos fez,  
 Sendo para Deos criada,

1606

Olhay




SANTO ANTONIO.

1607 Olhay a lingua diuina,  
De Antonio que esta socorre,  
Que exemplo dá, que doutrina,  
Como viue, & nunca morre,  
Por branda, doce, & benina.

MILAGRE QVARENTA E

*noe em que o sancto alcançou de Deos  
que hũa freira tiuesse câ nes-  
ta vida o pur-  
gatorio.*

1608  E mia em grande maneira-  
Hũa freira em seu conuento,  
Do purgatorio o tormento,  
O qual pensamento, a freira,  
Não tira do pensamento.

1609 E posto que as almas vão,  
Gozar as diuinas palmas,  
Não tira a imaginação,  
Das penas que tem as almas,  
Que no purgatorio estão.

E como



E como oração fizesse,  
 Ao sancto a sancta molher,  
 Chegou ella a merecer,  
 Que nesta vida tiuesse,  
 O que lâ auia de ter.

1610

Quer Deos que seja notorio,  
 E visto o mal que lhe vem,  
 Para que conheça bem,  
 Que as penas do Purgatorio,  
 Já câ nesta vida as tem.

1611

Fez lhe o sancto estes fauores,  
 Em ter câ dores mortais,  
 Atroco das outras dores,  
 Do Purgatorio mayores,  
 E sobre mayores mais.

1612

E só por ter pensamentos,  
 Do Purgatorio temer,  
 Veo a ter merecimentos,  
 De cá nesta vida ter,  
 Do Purgatorio os tormentos.

1613

Dd

As



SANTO ANTONIO.

1614 As mais freiras entretanto,  
Por ella ao sancto rogarão,  
Por lhe vér padecer tanto,  
Donde as virtudes do sancto,  
Logo as dores lhe aplacarão.

1615 Todas as Irmãs amadas.  
Forão alegres, & contentes,  
Vêr as dores acabadas,  
E por aquellas presentes,  
Forão as outras perdoadas.


MILAGRE CINCOENTA

*como hum frade ficou de hũa doença*

*Mudo, & por virtude*

*do sancto*

*farou.*

1616  Bitando em Parma hũ frade,  
Tão grauemente enfermou,  
Que inda despois que farou,  
Polla grande enfermidade,  
Sem fala, & mudo, ficou,

E alem



E alem de mudo ficar,  
 Deste mal que o senhorea,  
 Não tem para bafejar,  
 Força, nem para apagar,  
 C'o asopro húa candea.

1617

Mil remedios lhe inuentarão,  
 E mil curas lhe fizerão,  
 E a tal extremo chegarão,  
 Que dez cauterios lhe derão,  
 Porem não lhe aproueitarão;

1618

Sem lingua, força, nem alento,  
 O juizo lhe não mingoa,  
 Para sentir seu tormento,  
 Porque onde hà menos lingua,  
 Sempre hà mais entendimento.

1619

Hum dia estando apertado,  
 Do mal que o afflige tanto,  
 E da garganta afogado,  
 Foy leuado, & foy lançado,  
 Ante as reliquias do sancto,

1620



SANTO ANTONIO.

- 1621 E começando a pedir,  
A este sancto liberal,  
Remedio para seu mal,  
Começou poder cuspir,  
- Que foy diuino sinal.
- 1622 Dous meses sem falta auia,  
Que o pobre não bafejáua,  
Nem de fraqueza cuspia,  
Quando alento aly tomâua,  
Porem mudo todauia.
- 1623 E porquê já rijamente,  
(Inda que mudo) bafeja,  
A gente que está na igreja,  
Amelhoria presente,  
Muyto alegre lhe festeja.
- 1624 E o enfermo não descansa,  
Na oração pura, & sancta,  
Quando sem fazer mudança,  
Da peçonhenta garganta,  
Infinda materia lança.

Alin-



E a lingoa, que estâua atada, 1625

Pella peçonha maldita,

Que lha tinha enbaraçada,

Iá louua a Deos, & já grita,

E louuando ao sancto brada.

Louua a Deos fonte de graças, 1626

Donde o remedio lhe vem,

Com merces tão pouco escassas,

E pellas diuinas traças,

Que buscou para seu bem.

A o cano por onde corre, 1627

Esta agoa da fonte pura,

Dâ graças por lhe dar cura,

Que hê Antonio, que socorre,

Toda a humana criatura.

D d; Milagre



SANTO ANTONIO.

MILAGRE CINCOENTA

*É hum, como o sancto resuscitou em Padua  
hum minino afogado em hum  
alguidar de  
agoa.*

1628



Vnto do templo diuino,  
Do sancto em Padua abitaua,  
Hũa dona que criaua,  
Hum minino, o qual minino,  
Tonafino se chamaua.

1629

A pobre molher não sente,  
O que pode acontecer,  
E hum dia incautamente,  
Como innocente, & molher,  
Deixa o minino innocente.

1630

A triste bem se lembrou,  
Que a criança sô deixara,  
Porem não imaginou,  
De hum alguidar que ficara,  
Com agoa onde se afogou.

De



Deficar sô a criança, 1631  
 Não leua nenhum receo,  
 Mas não sabe, nem alcança,  
 Do alguidar d' agoa cheo,  
 Onde o minino se lança.

Vio o Narciso fermoso, 1632  
 Na agoa o seu semelhante,  
 E pella idade ignorante,  
 Se lançaua desejoso,  
 De vêr o seu semelhante.

E como estaua apartado, 1633  
 Daquella triste alegria,  
 Lancase inconsiderado,  
 No espelho de agoa fria,  
 Onde ficou afogado.

Tornando a que nunca fora, 1634  
 Pois lhe custou tanto a ida,  
 E entrando na triste hora,  
 Onde o corpo está sem vida,  
 Sem paciencia o corpo chora.



SANTO ANTONIO.

1635 E como os olhos de magoa,  
Rebentão pello que vêm,  
Com as mãos pella dor que tem,  
Faz sobre dous rios de agoa,  
Outros de sangue tambem.

1636 Pellos gritos, que se ouuião,  
Magoados, & faudosos,  
Os vizinhos acudião,  
E algũs dos religiosos,  
Que junto della viuião.

1637 E descansando algum tanto,  
Do pranto que tinha feyto,  
Ao sancto renoua o pranto,  
Que pois hê perfeito sancto,  
Lhe dê remedio perfeito.

1638 Dizlhe que se alcançasse,  
De Deos que refucitasse,  
Seu filho emparo, & abrigo,  
Alem de o pesar a trigo,  
Por feu seruo lho entregasse.



Os capuchos, que acudirão,  
 Vér caso tão defaistrado,  
 Antes que daly sayrão,  
 Se o minino morto virão,  
 O virão resuscitado.

1639

A mãy que de antes chorou,  
 O filho, que se afogara,  
 Vendo que resuscitara,  
 A Deos, & o sancto exalçou,  
 Pella merce que alcançara.

1640

## MILAGRE CINCOENTA

*e dous, como o sancto resuscitou bũa  
 Infante de Portugal na  
 villa de Alanquer.*



Vnto da patria ditosa,  
 De Antonio, & minha tãbẽ,  
 Hũa villa està famosa,  
 Que Alanquer por nome tẽ,  
 Fresca, alegre, & deleytosa.

1641

Os



SANTO ANTONIO.

1642 Os Reys que então governauão,  
Aqui muitas vezes vinhão,  
E em hūs dias que aqui estauão,  
Húa filha enferma tinhão,  
A quem como filha amauão.

1643 Todo o medico mais graue,  
Vem para curar a Infante,  
(Porem o mal penetrante)  
Quanto o medico mais sabe,  
Tanto vay mais por diante.

1644 Vendo a Raynha que hê tal,  
O mal que a Infante tinha,  
Que mezinha lhe não val,  
Pede a Raynha a mezinha,  
A quem curatodo o mal.

1645 Pede a Antonio que por parte,  
Da amizade, & criação,  
O mal de seu bem aparte,  
Pois c'os estranhos reparte,  
saude, & consolação.

Quanto



Quanto mais está rogando,  
A mãe triste, & piadosa,  
A Infante vay definando,  
E a doença perigosa,  
Se vay mais acrescentando.

1646

E em hum accidente forte,  
Que a hora da morte sente,  
Neste accidente de morte,  
Sente a Antonio estar presente,  
Falando-lhe desta forte.

1647

Deos me manda estar contigo,  
E que te venha a dizer,  
Que escolhas se ques morrer,  
Para yr à gloria comigo,  
Ou cá no mundo viuer.

1648

Ella fora de sentido,  
Metida em sono profundo,  
Respondeo que por partido,  
Quer inda viuer no mundo,  
Se seu Deos fosse seruido.

1649

O sancto



SANTO ANTONIO.

1650 O sancto ouuindo a reposta,  
E conhecendo a tenção,  
Da Infante que viuer gosta,  
Deulhe a beijar o cordão,  
Donde ficou bem desposta.

1651 Ella que na boca tinha,  
Reliquia que pôde tanto,  
Pega della muyto asinha,  
E chama polla Raynha,  
Que aly tinha preso o sancto.

1652 A Raynha que vellaua,  
A filha quasi defunta,  
Vendo que alegre a chamaua,  
Mais alegre lhe pergunta,  
Que queria, ou como estaua.

1653 Ella logo conta dera,  
Que o Patrão de Portugal,  
Beijar o cordão lhe dera,  
E que a deixara tal,  
Como se mal não estiuera,



As damas que aly se acharão,  
Do que lhe ouuirão dizer,  
De espanto, & prazer chorarão,  
E endoudecem de prazer,  
Pello prazer que alcançarão.

1654

Os Reys por estes fauores,  
Que o sancto fizera à filha,  
Auisou a hum dos doutores,  
Do conuento dos menores,  
Prêgasse esta marauilha.

1655

Aqui descansou el Rey,  
E o pouo c'o grande espanto,  
E eu tambem descansarey,  
Do que prometi ao sancto,  
Que com seu fauor lhe dey. ❀❀❀

1656

FINIS.



FIM DA CRIAC, AM, NACI-  
mento, vida, & morte, & milagres  
do beinauenturado sancto An-  
tonio de Lisboa: Cõposto  
por Francisco Lopes  
natural da dita  
cidade.

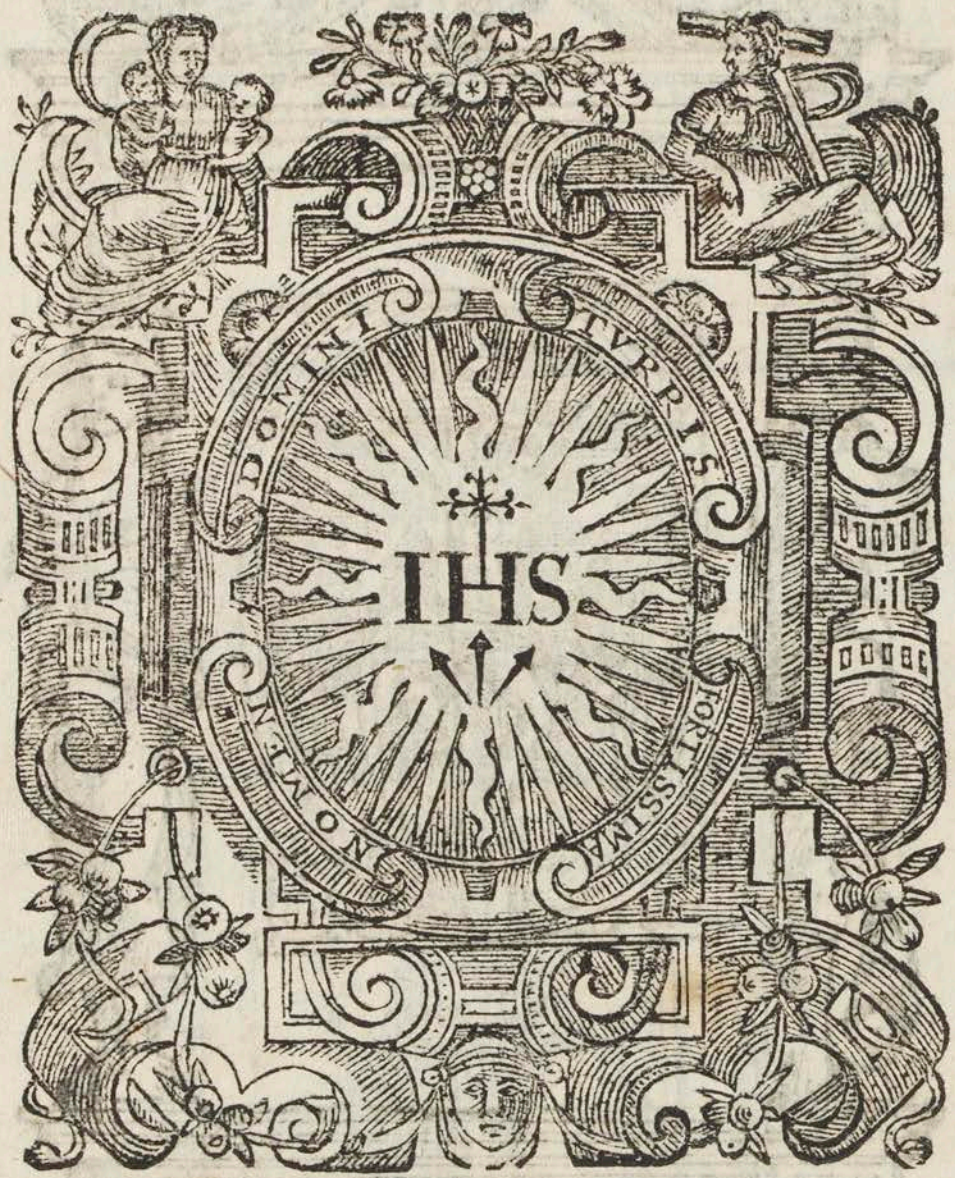
*Acabouse de imprimir este liuro á honra, &  
gloria de Deos, no mes de Julho na era de 1610.  
Por Pedro Crasbeeck.*













TABOADA DAS CONSIDERAÇÕES mais notaveis, que contem este liuro & milagres.

PRIMEIRO CANTO.

- I** Nuocação a nossa Senhora, folhas 2. a 7. trouas.  
**I** Hà Cidade de Lisboa, & seus lououres a 14. trouas f. 2.  
Nascimento do santo. fol. 7. trouas 47.  
**O** baptismo do santo. fol. 7. trouas 52.  
**A** era em que naceo. fol. 8. trouas 62.  
**O** Rey que então governaua em Portugal, & o de Castella, & o Papa que assistia em Roma. fol. 9. trouas 63. & 64.  
**O**ração da Mãe do santo, oferecendo a nossa Senhora o menino, na volta da mesma fol. trouas 67.  
**O**ração do Pay oferecendo o menino, fol. 10. trouas 75.  
**O**ração do menino a nossa Senhora, fol. 16. trouas 120.  
**D**espedita do santo a nossa Senhora, & aos santos da Igreja da Sê, sendo de quinze annos pera ir a sã. Vicente ser relegioso, fol. 25. trouas 193.

SEGUNDO CANTO.

- E**scandilizado Lusifer da virtude do santo, chama os sete peccados mortaes, que o vão atentar nas sete vertudes. folhas 27. trouas 209.  
**C**ontemplação do santo a Iesu em sã Vicente, folhas 32. trouas 154.



Nota a 268. trouas a té 273. folhas 35.  
Consideração do santo à Cruz, fol. 39. trouas 305.  
Desprezo dos bês domundo, fol. 42. trouas 325.  
Consideração do santo a hũa caueira, fol. 43. trouas 335.  
Determina o santo mudar-se a santa Cruz de Coimbra, &  
diz a Christo fol, 48. trouas 372.  
Nota, a 385. & a fol. 49. as saudades de sua Máy em sam  
Vicente.  
Quer o santo fazer profição em sam vicente, & dis a nossa  
Senhora, fol. 51. trouas 397.  
Despedesse do seu Prelado em sam Vicente, & vay a santa  
Cruz a coimbra pera a mesma ordem, no fim deste segū-  
do canto, fol 56.

### TERCEIRO CANTO.

Inuocação do autor ao santo fol. 57.  
Disciplinase o santo em santa Cruz fol. 60. trouas 476. A  
cabado dis a Christo contra a carne.  
O que o santo tinha na sua cella fol. 64. trouas 509. E diz  
a nossa Senhora.  
Como o santo estaua diante da Cruz fol. 71. trouas 561.  
O fruyto que dà a penitencia, cilicio, oração, fol. 73. tro-  
uas 578. & os malles das tentações da carne.  
Manda são Francisco seis frades dos seus menores a mor-  
rer martires. Chegarão a Coimbra sinco, embarca-  
os a Raynha chegão a Seuilha que então era de mouros,  
começão a prègar mandaos a Marrocos onde os marti-  
rizão, tras o Infante dom Pedro que la estaua os ofos  
meteos em santa Cruz. Determina o santo de ir mor-  
rer



rer martyre faz oração a Christo, fol. 76. trouas 604.  
Descobre sua tenção a os capuchos, que vinhão da ermida  
pedir esmola a santa Cruz fol. 81. trouas 648.

Pede licença o santo a seu Prelado pera se fazer capucho  
& ir pregar a Fê a Marrocos, fol. 83. trouas 663.

Resposta do Prelado, & vinda, dos capuchos pera o leuarẽ  
deitãolhe o abito em santa Cruz, chorão com faudade  
todos os padres, & o que hũ delles lhe disse na despedi-  
da, fol. 85. trouas 673. E nota 684.

Nota fol. 88. trouas 702.

Nota 707.

Adoece em Marrocos, embarca se pera Espanha muda se o  
tempo vão dar em Sezilia no fim deste canto terceyro,  
fol. 90. trouas. 720.

## QVARTO CANTO.

Inuocação do autor ao santo, & segue se o que o santo pa-  
sou em Italia ate ir a Padua.

Elegeo são Francisco por prègador elle aceita o cargo por  
humildade. fol. 95. trouas 756.

Refusa por humildade ensinar Theologia a feita o officio  
com hũ carta que lhe mandou são Francisco, fol. 96.  
trouas 765.

Primeyro milagre. Como estando prègando fora o virão  
cantar no coro com os frades, fol. 97,

2. milagre. Como tambem prègando em hũa festa cantou  
no seu conuento, fol. 98.

3. milagre. Como hũ nouiso se queria sair da ordem por tẽ-  
tações do demonio, fol. 99.



4. Milagre como hũ nouiso foy tétado da carne, & o que socdeo, fol. 100.
5. Milagre como tirou os cabellos hũ homẽ a sua mulher, & lhe forão restituidos por vertude do S. fol, 101.
6. Milagre como indo hũa moça leuar aos padres do S. hũa esmola chouẽdo muyto ella sò se não molhou. fol. 105.
7. Milagre como prêgando o santo sobre hũ tabernaculo lhe foy reuelado por Deos que auia de cair, fol. 106.
8. Milagre como conheceo o santo ao demonio, que vinha em trajos de caminheiro, fol. 107.
9. Milagre em que o santo conheceo aos demonios em hũas sementeiras, fol. 108.
10. Milagre como o santo foy pregar a hũ campo, por não caber agente na Igreja, & chouendo muyto sò no lugar aonde pregaua, não cahio gota de agoa, fol. 109.
11. Milagre como prêgando o santo curou hũ doudo cõ o cordão, & ficou sezudo, fol. 111.
12. Milagre como o santo liurou hũ menino, que ficou em hũa caldeira dagoa feruendo, fol. 112.
13. Milagre como o santo resucitou hũ menino, fol. 113.
14. Milagre como o santo asolueo hũ penitente por não se poder confesar, por hũ papel em que trazia escrito seus peccados que achou em branco, fol. 114.
15. Milagre como foy achado em hũa arca de dinheyro, hũ coração bulindo & quente.
16. Milagre como hũ nouiso se sahio do mosteiro, & por reuelação, & oração do santo tornou de medo do demonio que o fiserá tornar, fol. 116.
17. Milagre como o santo indo caminhando por vertude



- de da oração, restituiu hũa grande perda a hũa hospeda que o agasalhou, com outro milagre, fol. 118.
18. milagre. Como o santo teue o menino Iesus nos braços, & o vio hũa hospede que o agasalheu, fol. 120.
19. Como o santo reuelou a hũa dona que estaua pejada pareria hũa filho que auia de ser martire, & como pasou assim, fol. 122.
20. milagre. Como o santo se punha de jiolhos, muytas vezes diante de hũa homẽ de mau viuer, & lhe profetizou que auia de ser martyre, & pasou assim, fol. 123.
21. milagre. Como o santo ajunto, & sarou hũa pê que hũa mancebo de Padua cortara, & como pasou. fol. 126.
22. milagre. Como hũa Monarcha tirano se lançou de seu trono aos pés do santo, pello resplendor que lhe vio sair de seu rosto, & do mais que pasou. fol. 128.
23. milagre. Como forão conuertidos vinte & dous saltadores, por virtude do santo & sua prégação. fol. 132.
24. milagre. Como o santo prégou aos peyxes, & do mais que succedeo neste milagre, fol. 135.
25. milagre. Como se conuerteo hũa, erege porque vio que hũa mula adorou o santíssimo Sacramento, & do mais que pasou. fol. 139.
26. milagre. Como hũs ereges quizerão dar peçonha ao S. & o conuidarão a comer & do que pasou. fol. 142.
27. milagre. Como prégando o santo em Roma ao Papa, foy entendido em muytas diuersas lingoas de nações q̃ o ouuirão prègar. fol. 145.
28. milagre. Como hũa mulher ouuio prègar ao santo, estando em sua casa a hũa legoa, porque o marido lho defen-



defendeo & como pasou o caso & se emendou o mari  
do folhas, 146.

29. milagre. Como o santo farou hũa criança tolhida de  
seu nacimiento de pernas, & braços. fol. 148.

30. milagre. Como o santo farou hũa menina de Padua  
muyto enferma. fol. 150.

31. milagre. Como hũa dona de calidade desejava muyto de  
ouuir pregar ao santo, & indo tras elle cahio no lodo, &  
milagrosamente se não sujou, & como pasou o caso.  
fol. 151.

32. milagre. Como hũ Anjo leuou hũa carta ao santo, e lhe  
trouxe areposta & como pasou. fol. 152.

33. milagre. Como o santo veo de Italia a Lisboa milagro  
samente, a fazer entregar a seu Pay hũs papeis de con-  
tas que dera a el Rey, que lhe negauão em q̃ corria muy-  
to perigo, & como pasou o caso. fol. 154.

34. milagre. Como outra vez milagrosamente veo o san-  
to de Italia a Lisboa liuar a seu Pay que morria por ju-  
sticia injustamēte, fol. 157.

Transito do padre santo Antonio, & como pasou à gloria  
& fim do quarto liuro. fol. 163.

## QVINTO CANTO.

Como depois de sua gloriosa morte appareceo ao Abba-  
de de Vercel, & o farou de hũa grande enfermidade da  
garganta, fol. 168.

Como foy trazido seu santo corpo de Arcela onde mor-  
reo a Padua, & das solenes obsequias, & dous milagres.  
fol. 169.

Da



Da canonização do santo, & hũ famoso milagre. fol. 172.  
Tressladação do santo, & dous famosos milagres. fol. 177.

Milagres depois de sua morte.

35. milagre. Como refucitou hũ filho de huã sua irmãa q̃  
viuia em Lisboa. fol. 181.

36. milagre. Como o santo refucitou huã menina morta  
de tres dias, filha de huã Princeza de Portugal casada  
em Leão de Espanha. fol. 184.

37. milagre. Como o santo refucitou des mininos, que se a  
fogarão no mar. fol. 186.

38. milagre. Como o santo liurou a hũ homẽ, que caira  
huã lapa sobre elle trabalbando nella. fol. 189.

39. milagre. Como adoeceo hũ clerigo de Padua, por nã  
dar credito aos milagres do santo, & arrependido  
rou. fol. 190.

40. milagre. De hũ vaso de vidro que nã quebrou de-  
tado por hũ erege nas pedras, & se conuerteo. fol. 192.

41. milagre. Em que o santo fez nacer vuas de huã vides  
secas, & dar vinho & forão conuertidos os ereges que  
virão isto. fol. 193.

42. milagre. Como forão huã ereges escarnecer sobola se-  
pultura do S. & como socedeo pera se cõuerterẽ. fol. 194.

43. milagre. Como o santo sarou hũ leproso, & como  
pasou. folhas. 196.

44. milagre. Como o santo sarou hũ homem de huã feri-  
da incurauel, & do mais que pasou. folhas 199.

45. milagre. Como o santo sarou a hũ moço de Padua huã  
inchação perigosa. folhas 200.

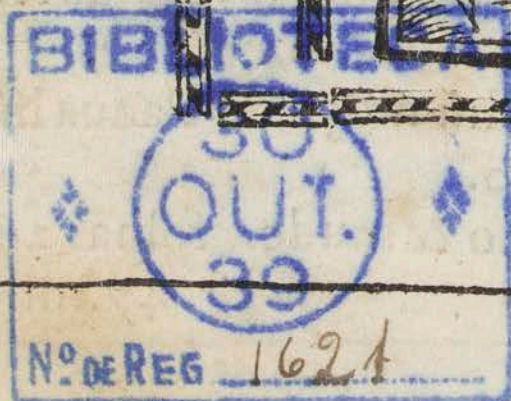
46. milagre. Como sarou hũ surdo & mudo. folhas 201.

47. mila-



47. milagre. Como o santo farou hũa molhet em demoni-  
nhada, & como socedeo o caso, fol. 203.
48. milagre. Como hũ homẽ de mau viuer quis saber hũ  
secreto contra vontade de Deos, & do q̃ pasou. fol. 206.
49. milagre. Em que o santo alcançou de Deos que hũa  
freyra tiuesse qua nesta vida o Purgatorio. fol. 209.
50. milagre. Como hũ frade ficou mudo de hũa grande  
doença, & por virtude do santo farou, & como pasou o  
caso. folhas. 210.
51. milagre. Como o santo refusitou hũ minino de Padua  
a fogado em hũ alguidar de agoa. 212.
52. milagre. Derradeiro como o santo refusitou hũa Infã  
te de Portugual, na villa de Alanquer. fol. 213.

Fim da taboada.





1800

In. V. 2 p. 419

R



